

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 18 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 29 de Abril de 1944



NO TEXTO:

MODAS
DE OUTONO

Noticiário Elegante



SENHORINHA LÚCIA BRITO, PROFESSORA MUNICIPAL, FILHA DO DR. WILDEMAR DE BRITO, ENGENHEIRO-CHEFE DO TRAFEGO NA CENTRAL DO BRASIL.

Figuras e Fatos



DR. OSVALDO TRIGUEIRO, NUM FLAGRANTE TOMADO QUANDO REALISAVA, NO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA HOLLERITH, SUA CONFERENCIA SOBRE "ADMINISTRAÇÃO E GOVERNO DAS CIDADES AMERICANAS", DERATIDA POR FIGURAS DA MAIOR EXPRESSÃO EM NOSSO MEIO CULTURAL. TEVE O CAUSIDICO PATRÍCIO SEU TRABALHO MUITO APLAUDIDO PELA SELETA ASSISTENCIA.



ACABA DE ALCANÇAR O TITULO DE DOCENTE DE PSIQUIATRIA DA FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA O CONHECIDO ESPECIALISTA EM DOENÇAS NERVOSAS DR. JOSEBERT F. BARBOSA, QUE JA SE VINHA DEDICANDO AO ENSINO, JUNTO A ESCOLA D. ANA NERI UNIVERSIDADE DO BRASIL, AUTOR DE VALIOSAS CONTRIBUIÇÕES A LITERATURA MEDICA BRASILEIRA, DESTACANDO-SE "EXAME DAS FUNÇÕES MENTAIS".

E' ATUALMENTE NEURO-PSIQUIATRA DA CASA DE SAUDE DR. EIRAS.

HUGO DEL CARRIL FOI APRESENTADO A SOCIEDADE CARIOCA E A IMPRENSA NUM "COCKTAIL" OFERECIDO PELA DIRETORIA DO CASSINO ATLANTICO. A FOTO ABAIXO FIXA UM ASPECTO DA FESTA DE ELEGANCIA E ARTE. VENDO-SE O "CANTOR MILIONARIO" CONTRATADO POR AQUELA CASA DE DIVERSOES, ENTRE AMIGOS E ADMIRADORES, E VARIOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA.



Aniversários da Semana

ABRIL, 30 — Senhoras: D. Almeida Compenella, D. Yolanda de Almeida Passos; Senhores: Dr. Eduardo Lopes, Aloysio Vital Barbosa, Dr. Pio Benedito Ottoni, Antonio José da Silva Barbosa, Bente Rodrigues de Siqueira.

MARÇO, 1 — Senhoras: D. Hilda de Carvalho Pareto, D. América Ramos, Senhorinha Eloy Navarro da Fonseca; Senhores: Eugenio Marcello Taylor, Casemiro de Mendonça, Avelino Gomes de Castro, Arlindo Muniz de Silva, João de Costa Gonçalves.

2 — Senhoras: D. Lucília Carvalho Freire, D. Madalena Carvalho Ribeiro; Senhores: Dr. Pedro Vergue de Abreu, Dr. Attilio Carlos Peixoto.

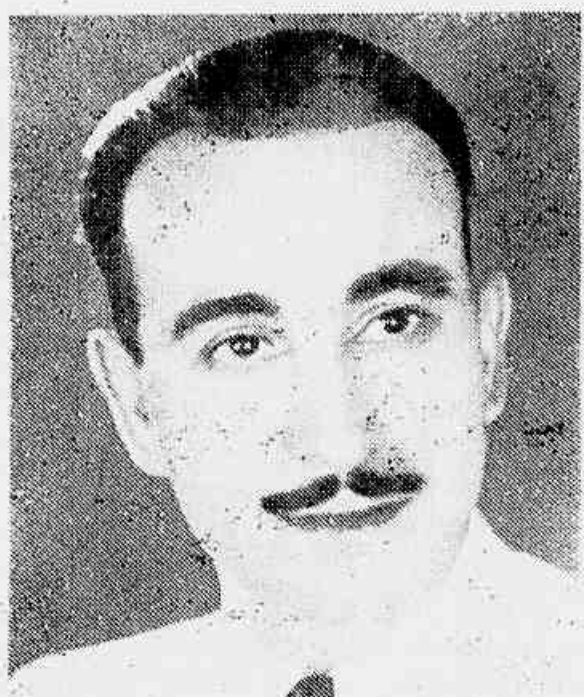
3 — Senhoras: D. Silvia Moncorvo, D. Anacleto Thaumaturgo Marchese, Senhorinha Maria da Conceição Duarte.

Senhores: Dr. Ernesto Stampa Berg, Lourival Telles de Menezes, Dr. Francisco Salles Melheiros, Hugo Barreto, Alberto Gonçalves Teixeira, Flavio José Teixeira, Otto Serra Granado.

4 — Senhoras: Baroneza de Pinto Lima, D. Laurinda Santos Lobe, D. Maria de Souza Dantas, D. Cordelia Fontes, D. Marina Wanderley Ribeiro, D. Maria Bezerra de Silva; Senhores: Dr. Paulo Ramos, Honório Pinto de Silva Leal, Dr. Elmo Snyão de Bustamante, Dr. Pedro Brande, Alfredo T. de Siqueira.

5 — Senhores: Dr. Oscar Alves, Dr. Antonio Souto Castagnino, Dr. Luiz Simões Corrêa, Dr. Porto da Silveira, João Otero Seane, Dr. Carlos Domingos.

6 — Sra. Jenny Pimentel de Berba.



Sr. JOAQUIM DOS SANTOS, DINAMICO INDUSTRIAL PERFUMISTA, PROPRIETARIO DA PERFUMARIA MAYSINA, CUJO ANIVERSARIO NATALICIO TRANSCORREU RECENTEMENTE E QUE, GRACAS AOS SEUS INCANSAVEIS ESFORÇOS, CONSEGUIU EMPARELHAR ESSA PROSPERA INDUSTRIA A'S GRANDES FABRICAS DE PERFUMES ESTRANGEIROS. RECENTEMENTE, AS INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DA MAYSINA TRANSFERIRAM-SE PARA A RUA MAIA LACERDA 169, ESTACIO DE 54, FICANDO O ESCRITORIO NO MESMO LOCAL, PRAÇA TIRADENTES 54, 2. ANDAR.



Esses garotos decididos, de cabeça erguida e sorriso franco, essas meninas de porte esbelto que aparecem pelas ruas da cidade, pelos parques e jardins, em dias de festa cívica, são diferentes dos antigos. Algum fenômeno de transição muito sério deve estar atuando, de maneira poderosa, no cérebro das nossas crianças. [Sirão, procurem confrontá-las com as da nossa infância, tracem paralelos destas com as páginas das revistas do nosso tempo e digam se é ou não verdade.

Será reflexo da educação esportiva que tanto nos faltava? Consequência da guerra? Do cinema? Da propaganda cívica de outras nações provocando a reação de nossa parte?

Francamente, não sei. Sei apenas que as crianças de 44 mostram-se mais alegres que seus pais quando foram crianças. Nós não sabemos rir, não. Ainda menos sorrir. E quando nos mandavam, de roupinha engomada e laçarote ao braço, a um desfile cívico, nossos pais ficavam com receio que desmaiassemos antes da volta ao colégio. Desmaiar de cansaço, de fraqueza, mas desmaiar, enfim.

A gente nova de agora inspira mais confiança porque tem confiança em si mesma e nós não a tínhamos. Ela não conta com os mais velhos, mas aperfeiçoa-se por conta própria e faz bem. Ha sempre quem a censure: Geração livre demais... Entregue a muitos excessos... Descontroladíssima...

Puro engano! O que ela é, a gente nova de 44, é de outros tempos e para outros tempos. Quem menos pode compreendê-la somos nós, os mais velhos.

Lembrêmo-nos, porém, que muitas dessas crianças, hoje em uniforme colegial, quase não conheceram ainda um dia que não fôsse de guerra. Elas balbuciaram as primeiras palavras, aprenderam a andar, a alimentar-se, a pensar, já depois de um fatal 3 de Setembro.

São as meninas e os rapazes para o após-guerra. E o mundo será dessa gente, não nosso. E talvez o mereçam mais.

C E L E S T I N O S I L V E I R A

GENTE NOVA



A LITERATURA E A



Não são apenas as mulheres elegantes, as costureiras e os figurinistas que se preocupam com a moda... Também a literatura dedica a sua atenção a essa deusa caprichosa, tão adorada pela gente feminina.

E não pense que só escritores futeis e poetinhas de extrema frivolidade costumam tratar do assunto. Não! Ao contrário disso, encontramos o problema da moda em páginas ilustres, de autores de primeira ordem, com indizível responsabilidade no mundo das letras e da cultura.

Os exemplos são muitos... Basta citar, entretanto, o do moralista francês Marcel Proust, que escreveu um longo tratado, cheio de citações filosóficas, sobre a psicologia dos figurinos...

O curioso é que os próprios humoristas, que falam dos assuntos mais sérios com um ar ligeiro e irreverente, amarram a cara e franzem a testa quando se lançam a discutir vestidos, chapéus, enfeites e outras coisas que pertencem à cogitação das modistas.

Veja-se o caso de Bastos Tigre. É um comentarista risinho da guerra, do amor, da própria religião... Mas, quando trata da moda, não há ninguém mais carrancudo. E a prova está nesta sua crônica original e encantadora:

Moda é tudo aquilo — não importa o que — uma mulher elegante está usando, num dado momento da vida social.

Quando Eva, naquele edenico salão decorado ao natural,itou aos rins a folha da parreira, estava inaugurado o primeiro vestido. Estava lançada a moda.

Ao mirar-se no espelho — o cristal biseauté de um regato — sentiu-se mais bela do que antes do pecado e da folha.

Era uma "frente única", mas muito ampliada; uma frente única... dos dois lados. O seu guarda-vestidos não era abundante. Para variar a folha de parra, ela recorria à da figueira, à da macieira e mesmo à petala de rosa — mas esta somente nas recepções de grande gala.

Eva foi a primeira mulher que, abrindo

o seu guarda-vestidos, exclamou, num suspiro: — Não tenho o que vestir!

Para a mulher elegante não há nada mais velho que um vestido usado pela terceira vez: ainda dura, passa, quando as pessoas que o vêem não são as mesmas...

Para evitar às mulheres esse desgosto é que as costureiras empregam toda a sua arte, na criação de modelos novos e que as crás de moda têm grandes stocks de vestidos e trabalham, sem cessar, na combinação de efeitos inéditos e originais.

Assim consegue-se obter sempre, com os mesmos tecidos e enfeites, toilettes completamente diversas.

Que arte, que subtileza são precisas a uma modista para realizar essas obras primas que deliciam as mulheres e as tornam mais sedutoras aos olhos dos homens!

Se o pintor com as sete cores e o músico com as sete notas realizam prodígios de colorido e de harmonia, a modista com uns pedaços de tecidos, rendas e peles, executa maravilhosos poemas sinfônicos de linhas e de matizes.

O homem, no seu feio e rasteiro prosaísmo, não sabe quanto vale essa arte de subtileza e requinte.

Alguns, contudo, sabem quanto ela custa...

♦ ♦ ♦

Como tudo neste mundo, a Moda obedece a leis fatais; ela não varia arbitrariamente, mas sim de acordo com o espírito psicológico da época.

A grande guerra, que chamou os homens ao morticínio em grosso, deu às mulheres atividades masculinas dos tempos de paz; daí um desempenho, uma liberdade de gestos e atitudes, um desprezo ao falso pudor que perfeitamente explicaram as saias pelos joelhos e os cabelos pela nuca.

Foi a moda resultante de um fenômeno social; é a moda fruto do ambiente novo. Sem esse ambiente propício, sem esse "clima" de oportunidade, a moda falha, não pega.

Tivemos, há anos, aqui no Rio um exemplo bastante elcquente.

Quando se inaugurou o Teatro Municipal tentaram os alfaiates lançar a moda masculina das casacas de côr; uma dúzia delas ostentaram-se entre as colunas de mármore roseo do novo templo de arte, vexadas, encafifadas, sem coragem de enfrentar a crua luz da sala de espetáculos.

E aos poucos foram fugindo, desaparecendo, substituídas pelo traje classico, levando aos elegantes a convicção de que o primeiro dever de uma casaca é ser preta.

Na terceira ou quarta récita da Réjane subsistia apenas a casaca verde de Paulo Barreto, de um verde garrafa discreto, mas não tanto que não escandalizasse a burguezia que Paulo afrontava, com o monoculo impertinente engastado na orbita.

A casaca de côr teve assim vida efemera e, relegada para o fundo dos gavetões, só lhe foi dado figurar em bailes carnevalescos.

A mesma sorte da casaca de côr teve, no mundo feminino, a jupe culotte.

A saia rasgada ao lado, de alto a baixo deixava ver as pernas das dâmas, muito bem guardadas em amplos calções mussulmanos.

Que escandalol! Mulheres mostrando as pernas, embora envoltas em tecidos opâcos!... E o pudor carioca (aliás, o pudor internacional de ante-guerra) estremeceu e corou até a raiz dos cabelos.

As senhoras que ousaram aparecer na rua com semelhante toilette por pouco não foram lapidadas. Houve vaias estrondejantes, protestos indignados de moral ofendida; por varias vezes a policia teve de intervir, defendendo as vanguardistas da moda nova, das iras da população em furia.

Lembro-me que eu proprio justifiquei, dentro dos preconceitos da época, [os apupos dos conservadores.

"Fizeste muito bem, ó vós que destes vaias

Na moda irracional que apareceu ha dias:

Deus só fez a mulher para dar corpo às saias

Pois fôra de mau gosto haver saias vazias...

Varias outras modas não "pegaram"; a dos calçados com os canos muito altos que surgiram quando as saias começaram a encurtar, a das cartolinhas de pêlo em cabeças femininas, etc.

Porque não pegaram? Por serem feias? Não. Não ha modas feias nem bonitas. Ha modas.

O seu merito só pode ser julgado a posteriori: se foi aceita, é que era boa e bela; se caiu é que não prestava...

O mais pratico é não inventar modas: deixar levar-se no impeto da corrente, acompanhar a maioria, certo de que na politica da moda, como em todas as pelíticas, a maioria é que está com a razão.

♦ ♦ ♦

Bastos Tigre falou apenas da moda feminina. E a dos homens? Ela tambem não merece ser discutida pela literatura?

Genolino Amado acha que sim e devotou ao assunto uma das suas páginas.

O interessante é que o literato começa falando de modas para acabar discutindo a propria literatura... Uma coisa puxou a outra. E por ai bem se vê como a literatura e a moda andam ligadas...



MODA

Modas de antigamente... Modas de hoje... Quantas transformações e quantas frequentes voltas ao ponto de partida! Porque os extremos tocam-se. E as modas de outrora, quase acabam sendo as de nossos dias... Vem, a propósito dos figurinos de outono apresentados neste número, a crônica da série "Biblioteca do Ar", o apreciado programa da Rádio Mayrink Veiga, apresentado sob a orientação literária do escritor Genolino Amado. Semanalmente, a REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores uma dessas crônicas, reprodução devidamente autorizada.

Eis a crônica do autor de UM OLHAR SOBRE A VIDA e de VOZES DO MUNDO:

Fiquei ontem sabendo, através de um necrologio, a quem o Rio deve a sorte de vestir-se agora de roupas leves e claras, trocando suas antigas lãs, suas casimiras sombrias e sufocantes, pelos brins e linhos esportivos da atualidade. Segundo afirma um jornal, foi tudo obra de Francisco Garcia Saraiva, negociante com vocação de paladino, que realizou o milagre de ganhar muito dinheiro à custa do que os homens de comercio, com o seu juízo contabilizado, consideram o motivo mais certo de ruína—fazer o bem alheio.

Esse Quixote da nossa praça, de coreação maior do que o *stock* da loja, doia-se de ver o imenso ridículo e a tragedia imensa da cidade asfixiada, mais pelo traje do que mesmo pelo trópico. E um belo dia, acordado o espírito heroico em pleno balcão, partiu para a sua aventura textil, disposto a revolucionar a indumentaria carioca. A lança do cavaleiro ransfigurava-se na tezoura do alfaiate.

Era no começo de século, quando ainda lutavam agoniadamente pela vida os ultimos *croisés* imperiais, esverdeados, porem teimosos. Sábidos da tanga indigena, tão apropriada ao clima, tão definidora da felicidade primitiva em nosso eden caboclo, entendiamos que civilização era atirar sobre o corpo escaldado e suarento as flanelas grossas de Manchester. Nas proximidades incendiarias do Equador, estonteados de sol, tremendo a toda hora o perigo da insolação, andavamos aqui como se estivéssemos na Groenlandia. Enforcados em colarinhos de pontas agressivas, com um brilho fatidico em sua goma, amarrados em camisas de peito duro, lustreses como cota d'armas, algemados por temibilissimos punhos de celuloide, eramos imponentes e grotescos em nosso infartunio de figurino. A propria boemia intelectualizada apresentava-se de fraque, polainas e formidaveis coletes de fantasia, tão floridos que, como disse Marques Rabelo, pareciam caramanchões. Poetas pernagianos, que moravam liricamente em Atenas, instalando sucursais da Helade em pensões do Catete, surgiam na rua do Ouvidor com sobrecaças tão felpudas como se fossem elas o prolongamento das cabeleiras e dos bigodões literarios. As musas pãgas transplantadas para a metropole em brasas deixavam paradoxalmente as suas clâmides frescas para envergar capotões de esquimó.

Foi contra isso que Francisco Garcia Saraiva se lançou na sua campanha redentora. A esse mestre de cortes e costura, que tambem se revelou um mestre da vida, um professor de realidades brasileiras, devemos quase tanto como a Oswaldo Cruz e a Pereira Passos. Livrar o Rio do fraque não valeu menos, talvez, do que livrá-lo da febre amarela, e dos seus escuros, bolorentos e lusitanissimos aspectos coloniais.

Mes... estaremos realmente livres do fraque? Desconfio de que eles ainda existem por aí, inumeraveis, não por fora do corpo, como nos velhos tempos, mas por dentro, na alma de muita gente. O fraque não é apenas a apparencia, o traje. O fraque é tambem uma attitude, às vezes mesmo uma condição do espirito. Nele o povo simbolizou a ausencia da objetividade, o bacharelismo cultural, a não-concordancia com as sugestões de época e as exigencias do meio. E' a imagem da respeitabilidade convencional, a representação das superficialidades pompesas, da submissão letuada aos modelos estrangeiros, dos que vivem longe da vida, mas convencidos de que a iluminam e a conduzem no seu lunatismo intelectual.

Contra os fraques literários, gramaticais, ortográficos, senetistas, nada pode fazer o renovador da indumentaria carioca. Esperemos, porem, que outros surjam para tomar de assalto a alfaiataria montada na torre de marfim.

◆ ◆ ◆
Passemos agora a Humberto de Campos. E o escritor popularissimo de MEMORIAS nos vai oferecer um apólogo delicioso, em que apresenta o prestigio da moda sob uma face nova e originalissima. Acha Humberto de Campos que esse prestigio vem do começo do mundo...

Sim, do começo do mundo! Para atender á elegancia feminina, Jeová fez até um milagre...

E que milagre! Por causa dele é que existem as estações do ano, sucedendo-se o frio ao calor, o verão ao inverno. Tudo apenas para agradar ás mulheres, que precisavam dessas alternativas do tempo para ter um pretexto de modificar a indumentária.

E eis aí como Humberto de Campos nos conta essa curiosa parábola dos primeiros dias do universo:



Tempos depois de concluido o mundo, e quando Jeová, descansado, admirava a sua obra, foi surpreendido, no seu refugio acima das nuvens, por um enxame de passaros. Mais eloquente que os outros, falou o sabiá:

— Senhor, nós somos as flôres soltas da terra, e que, partindo os pedúnculos, vimos exaltar a tua onipotência e pedir a tua misericórdia. Cantores da planície e da floresta, celebramos o outono, o verão e a primavera. O Sol, enfeitado de ouro do teu trono, banha as campinas e as árvores, aquecendo o mundo em que vivemos. Tontos de perfume e de luz, gorgemos o dia inteiro. Boêmios aéreos, líras, violões ou violões a que deste duas azas, cantamos enquanto ha claridade nas alturas. E quando cessamos de cantar, é que vemos que o Sol, com a sua chama, secou as fontes, bebeu o orvalho das flôres, ameaçando-nos da morte pela sede. Tem piedade, pois, Senhor! Tem piedade dos teus músicos, celebradores da tua bondade e da tua glória!

Contente da obra, que havia arrancado do Cáo e, como todo artista, orgulhoso do que havia feito, o Supremo Arquitecto moveu a cabeça imensa, e respondeu que — não.

No dia seguinte, voando com as azas das borboletas, as flôres foram ao Céu.

— Senhor, — falou a rosa — nós, que nascemos do teu beijo, do beijo que atiraste ao mundo quando viste que a tua obra era boa, nós estamos condenadas a desaparecer para sempre! Enamorado da tua Terra, conservas aberta sobre ela, todos os dias, a lâmpada do teu sol. Com o seu calor, o solo se resseca, as raízes se retorcem de sede, as folhas

levantam inutilmente as pequeninas mãos verdes para receber as miúdas gôtas de orvalho. E nós, na tortura da terra que se consome, e que carecemos da humidade para nós, — ai de nós! — já nem vivemos o espaço de um dia!

Jeová ouviu em silencio a flôr que lhe falava, e respondeu-lhe que — não.

No outro dia, foram os grandes bichos da terra, que compareceram diante do Creador. O leão rugiu por eles:

— Senhor, as fêras da floresta e do deserto queixam-se angustiosamente de tílfi-zeste o mundo, é certo, com o teu prestigio de Deus, mas começa a destruir a tua obra com a tua vaidade de autor. Dêste-nos a liberdade, e o império das selvas e dos areais. Mas o sol, faiscando todos os dias sobre as cousas vivas que creaste, ameaça-nos de destruição. Os olhos das fontes ficaram cegos. Os rios começam a baixar, e transportam-se para o Céu em ondas invisíveis, bebidas pelo calor inclemente. Caminhamos toda uma noite para matar a sede de um dia. Muda, pois, o ritmo do tempo, de modo que, sem dias tão quentes, as fontes brotem de novo e os rios possam reaver as suas águas perdidas.

Jeová moveu lentamente a cabeça mais uma vez, e disse-lhe, como aos outros seres, que — não.

No dia seguinte, foi a vez das árvores, que, elevando as copas até ás nuvens, suplicaram, rumejantes:

— Senhor, si foi para nos dar o sofrimento, para que nos creaste naquela hora do Terceiro Dia? Todos os seres vivos se queixam do tormento que lhes infliges, chicoteando-os com o látigo de fogo do Sol. Mas o nosso é maior, Senhor. Na angústia da sede, a ave se transporta de veiga em veiga, buscando a gôta que ficou. A lingua pendente, os olhos em chama, a fêra do Deserto, vai de uma terra a outra, buscando no leito dos





Hoje, não se observa mais essa uniformidade. Uma reunião chic no Rio de Janeiro ou em S. Paulo, parece mais uma exposição de figurinos destes dois últimos séculos do que uma festa comum, exibindo toaletes da época. Observa-se no vestuário feminino o mais disparatado ecletismo. Há saias compridas, saias curtas e saias que não são nem curtas nem compridas. Há chapéus grandes e chapéus pequenos e chapéus que não são nem pequenos nem grande. Há vestidos apertados e vestidos frouxos; de tecidos pesados e de tecidos leves; decotados até o estomago ou alçados até o queixo. A impressão, em suma, é de que os costureiros ficaram, todos, malucos ao mesmo tempo.

Essa anarquia nos domínios da moda não é, entretanto, sinão o reflexo daquela que domina os espíritos e que se espalha, em preamar, pelos varios departamentos da comunhão social. Porque, na verdade, a moda nos seus grandes e profundos movimentos obedece a motivos superiores, de ordem econômica e psicológica. Nossas avós, ou bisavós, usavam anquinhãs, crinolines ou vestidos arrastando, porque a vida lhes era tranqüila e parada. Uma senhora aristocrática movia-se como uma grande boneca de molas delicadas. Pouco a pouco, porém, a vida foi acabando com essas comodidades reais ou supostas. Tendo de entrar em bondes a mulher teve de suprimir a manga estufada. Tendo de correr para tomar um veículo coletivo, encurtou o vestido. E como, a partir de 1914 tivesse de fazer concorrência ao homem na atividade prática, simplificou as modas complicadas, cortou o cabelo que lhe tomava muito tempo a compôr, tirando de uma necessidade todas as vantagens nos domínios do gosto.

Quando, em principios, ou meados de 1930 Marcel Prevost iniciou em Paris uma campanha contra a restauração da saia comprida, eu tive oportunidade de escrever um artigo em que assegurava que, se a moda fosse readotada, o seu reinado seria breve. A necessidade determinaria a volta ao regime da saia curta e do cabelo cortado. A mulher de saia comprida de 1900 regressou, acaso, ao regime da saia-balão de 1885? Porque havia a mulher de saia curta de 1930 voltar ao regime da saia comprida, de 1900?

Seria uma confissão de inferioridade injustificável e, mesmo, incompreensível, quando ela afirma, hoje, por toda a parte, as suas excepcionais qualidades de inteligência.

E' Platão quem conta, se me não engano, que o traje da mulher ateniense reflete a mentalidade grega. E' o vestuário leve, unido ao corpo, oferecendo na intimidade do lar, a graça dos movimentos, e a que se adicionava apenas a caliptra, ou peplo, quando pretendia sair. Era vestuário, diz, pronto, a cair para o banho, para a ginástica ou para o amor. O século XX deu á mulher, em todo o mundo civilizado, essa graça e essas facilidades. Por que, pois, abdicar vantagens tão lenta e merecidamente conquistadas?

Eu folheei, há pouco tempo, com o pensamento neste assunto, dois albums: um de 1866, da Exposição de Paris e outro de 1912. O primeiro apresenta as damas pelo braço dos seus maridos no recinto da Exposição. Trajam elas saia-balão, chapéu enorme umacapa cobrindo o busto. A impressão que se tem é que todas elas se encontram com febre alta, submetidas a um suadouro. Os homens, de sobrecasaca pesada, calça estreita e chapéu alto. Lembrem, na gravidade, antigos boieiros de carro funerário. Em



O ÚLTIMO TÍLBURI DA CAPITAL DA REPUBLICA, ÉRA O DO JORNALISTA RÍCIO FILHO. O ÚLTIMO "FRACK" AINDA EXISTE E PERTENCE A KALIXTO CORDEIRO, QUE SE VÊ A NESTA CARICATURA DE RAUL.

últimos rios a água, saciadora que desapareceu nos últimos poços do areal. A nós, não resta, sequer, essa esperança, porque nem ao menos nos podemos mover, prisioneiras, que somos, dos grilhões destas raízes... Condenadas á morte, no lugar em que nascemos, que nos seja concedida, Senhor, pelo menos, a graça de alguns dias mais doces, na imensa onda de luz e fogo em que envolve a Terra!

Jeová escutou o murmurejo das árvores, mas, contente ainda da sua obra, fez um gesto de cabeça, balouçando-a como uma fronde, dizendo-lhes que — não.

E foi a vez das estrelas:

— Senhor, — pediram elas — nós somos as velas pequeninas do teu altar. Acêsas durante a noite, vigiamos o teu trono enquanto o mundo sonha ou repousa. Escutamos, por isso, a queixa silenciosa das cousas. O teu mundo morre, como um facho de resina que se consome, mais depressa quando é maior e mais viva a sua chama. O clarão do Sol é tão grande, permanentemente, que está destruindo a tua obra. E nós próprias — aí de nós! — sentimos o seu efeito: as criaturas da Terra, chegada a noite, acham-se de tal modo embriagadas de luz que não se apercebem mais de que há um raio de luz, também, nas estrelas!

Jeová moveu, porém, ainda uma vez, a cabeça, e disse-lhes, como resposta, que — não.

E veio o próprio Sol, e pediu:

— Senhor, piedade! Dá-me um pouco de descanso! Acêso todos os dias, queimando-me com a mesma intensidade, eu sinto que me devoro com a minha língua de chama! Para que eu seja eterno, como pretendes, é preciso que haja uma época do ano em que trabalhe menos. Tu próprio trabalhaste e repousaste. Deixa pois, que a tua lâmpada amorteça de tempos a tempos, a chama com que ela aquece e ilumina o teu mundo. Poupa a minha luz, Senhor!

O Creador, impassível disse-lhe, ainda que — não.

E foi, então, quando a Mulher, subindo por uma escada de nuvens, chegou ao Céu, e pediu, num sorriso:

— Senhor, as fêras, lá embaixo, no teu mundo, morrem de sede e sol. As peles dos animais delicados são macias como os sonhos. Sentindo-lhes o contacto, minha epiderme se alvoroça, e eu sinto por todo o corpo as aléluias do meu sangue. Eu queria vestir-me com elas, Senhor, ou fazer com elas o adorno dos meus vestidos! Mas é preciso, para isso que a Terra não seja tão quente, que a luz não queime tanto, e que a neve, e a chuva, e os ventos gelados, adocem, durante alguns dias do ano, o calor e a chama do Sol. Não satisfarás tu, Senhor, a vaidade inocente da tua serva?

Jeová, então, sorriu, e disse-lhe que — sim.

E creou o Inverno.

Ahl se foi a moda, a propria moda, com as suas exigencias, quem criou o inverno, deve-se reconhecer que ela tem muita força... E' mesmo uma força tão grande que leva Humberto de Campos a cogitar do assunto em muitos e muitos livros.

D ente, nervoso, vendo as coisas com melancolia ao fim da sua pobre vida sofredora, o autor de LIBELULAS E LAGARTAS nem por isso esquecia o tema gracioso, fútil e encantador que tanto absorve o pensamento das gran-finas. Quando não estava discutindo politica, filosofia, questões internacionais ou os dramas anônimos da cidade, Humberto de Campos pegava da pena e ia comentar aspectos de figurino. E com que arte sabia fazê-lo. Parece até que, se não fosse escritor, teria sido um grande e competente costureiro...

Ai está mais uma pagina em que o prosador admirável observa a moda antiga e moderna:

Quem descansa os olhos, hoje, em uma fotografia das nossas reuniões elegantes encontra, nela, o mais curioso documento da anarquia que caracteriza o nosso tempo. Antigamente, a desordem podia reinar na politica, nas artes, na literatura. Podia haver monarquistas, republicanos, nihilistas; ou românticos, futuristas ou parnasianos; uma coisa permanecia uniforme: a moda feminina. As damas podiam divergir nas idéas sobre a virtude ou sobre os homens. Mas quando Paris mandava que se usasse cabelo comprido ou saia curta, a submissão era universal. A Moda era uma só, para o mundo todo, isto é para todo o mundo que é ou se considera civilizado.

1912 os homens conseguiram já fixar a moda. As mulheres ainda pertencem, mais ao século passado do que ao nosso. O vestido é comprido, com pequena cauda varrendo a rua. E á cabeça um chapéu de casa de aves e ovos, cujo dono se tivesse associado ao quitandeiro da visinhança: Flores, frutos, e, no meio do taboleiro, penas de galinha e cabeças de rouxinol. Um chapéu daqueles mereceria, hoje, medalha de ouro do Ministério da Agricultura.

O ecletismo das modas, observado nas fotografias, as festas mundanas tem, pois, a sua significação. Ele demonstra, que a mulher está resistindo heroicamente ao industrialismo dos costureiros. Eles puxam a saia para baixo porque não podem mais puxá-la para cima. A fixação prejudica-lhes o comércio. A intelligencia feminina está, todavia, reagindo, conservando aquilo que lhe convem contra aquilo que lhe impõem, — decorrendo daí a evidente anarquia das modas, ou, melhor, a absoluta falta de modas predominantes, na hora presente.

Continúe pois a mulher, a reagir. Conserve a saia curta, consolidando a conquista, feita. Vestido simples, em que a elegancia dispense o luxo. Braços livres.

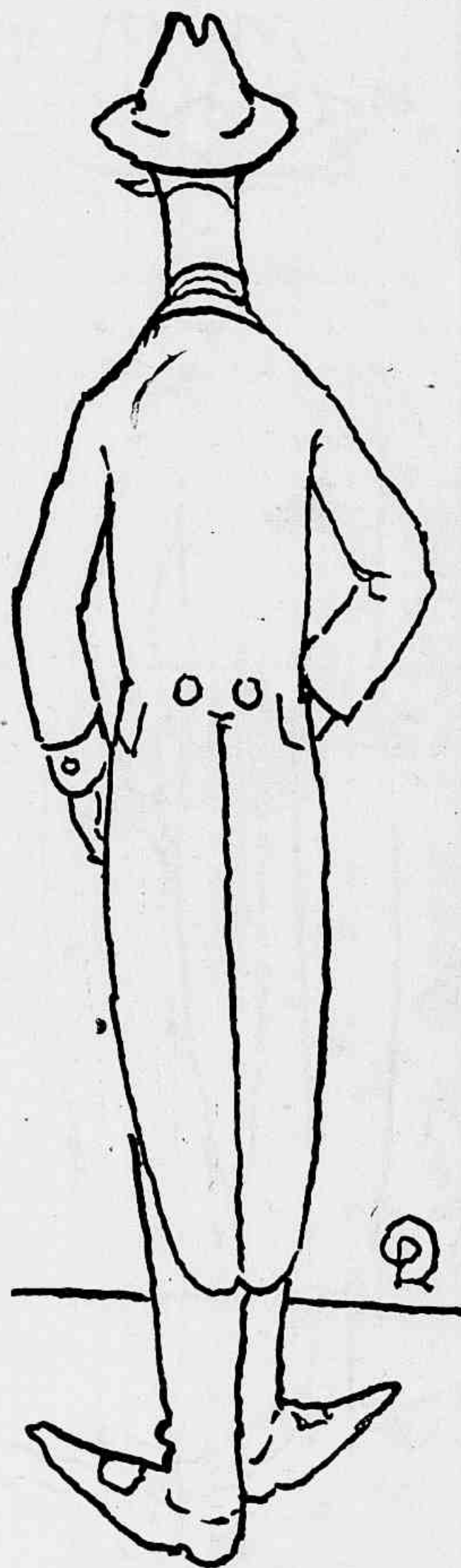
Bustos sem compressões para que o coração bata com liberdade. Cabelo cortado, que lhe deixe á mostra a beleza dos ombros.

Si os homens ainda são senhores da sua cabeça, — a ponto de haver um cabeça de casal, — declarem-se eles senhores absolutos do seu pé, proclamando a liberdade da perna, — do joelho para baixo.

"Padres, não me negueis, se estais em calma. Um coração no pé, na perna uma alma!"

(José Bonifácio, o moço)

Ser dona da sua perna e do seu pé é, consequentemente na opinião de um Andrada, ser dona da sua alma e do seu coração.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 29-4-1944 --- N. 18

sumário:

LITERATURA:

Gente Nova (Celentino Silveira).....	3
Li ras Novos.....	10
A Literatura e a Moda (Ganolino Amado).....	4
O Último Discurso (Julio Lopes de Almeida).....	15
Não deixou endereço (Marie Claire).....	18
Assassinos de Sobra (Michael Arlen).....	29
Galeria de Hóspedes (Estragnolle Doris).....	30

REPORTAGENS:

Figuras e Fatos e Noiturno Elegante.....	2
O Dia do Presidente.....	12
Por que se candidatou à Academia? (Arnaldo Dimasceno Vieira).....	5
E're uma vez.....	25
Aconteceu no Rio.....	39

FOTOGRAFICAS:

Jaquei Clube.....	14
Modas de Outono.....	16
Modas de Outono.....	16
No antigo Morro do Castelo.....	28
Coisas do Brasil.....	34

CINEMA:

Gente de Hollywood.....	22
-------------------------	----

FEMININAS:

Nas Bastidores Femininos — e outras páginas a começar de.....	35
---	----

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha (G).....	19
De Teatro — De Rádio.....	24
De Cinema (Peri Ribes).....	41

AVULSAS:

No mar, em terra e no espaço.....	20
A maioridade da Princesa Elizabeth.....	32
Os primeiros diplomatas da Índia nos EE. UU.....	44

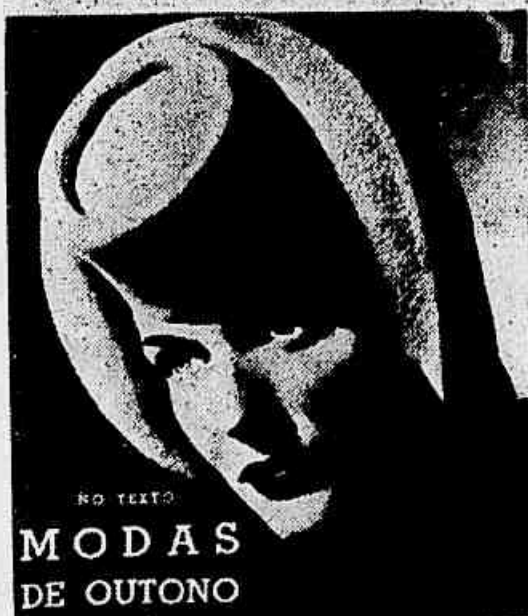
CARICATURAS:

De Bom Humor.....	31
"Charge" de Raul.....	50

A nossa capa

Avisinham-se os dias frios, já tépidos, menos ensolarados e convidativos para o acolhimento de casa ou dos ambientes aquecidos. Cessam as refrigerações nas casas de espetáculos e nas confeitarias elegantes, altera-se por completo a fisionomia da cidade, surgem os ternos de casemira nos homens, as roupas mais pesadas que as senhoras exibem... Não chegando ainda a ser o inverno, quasi um inverno de mentira — sem alusão à tradicional Mentira Carioca — é, no entanto, um outono poético, por vezes chuvoso, com a abertura da temporada de bailes no Municipal, as reuniões elegantes, os festivais de caridade... Nesta hora em que as folhas das árvores se espalham pelas ruas, dando maior trabalho aos humildes funcionários da Prefeitura, os que andam de "caneja" em punho, é que as damas chics fazem a renovação do seu guarda-roupa. Mas os figurinos andam escassos. Hollywood é ainda a detentora da moda feminina, substituta legal de Paris, que hoje o tãção nazista espesinha, talvez com os dias contados para a libertação... Hollywood manda-nos um sortimento razoável de modelos que a Revista procurou abarcar neste número dedicado às Modas de Outono. E a nossa

REVISTA DA SEMANA



capa, não sendo embora uma foto de "estrela" cinematográfica, é a de um modelo vivo da grande *magazine* de modas em Nova-York, com um chapéu-touca de lã, agasalhando as orelhas, tapando os ouvidos, talvez para sua dona não escutar tantas incoerências que a Humanidade continua apregoando...

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

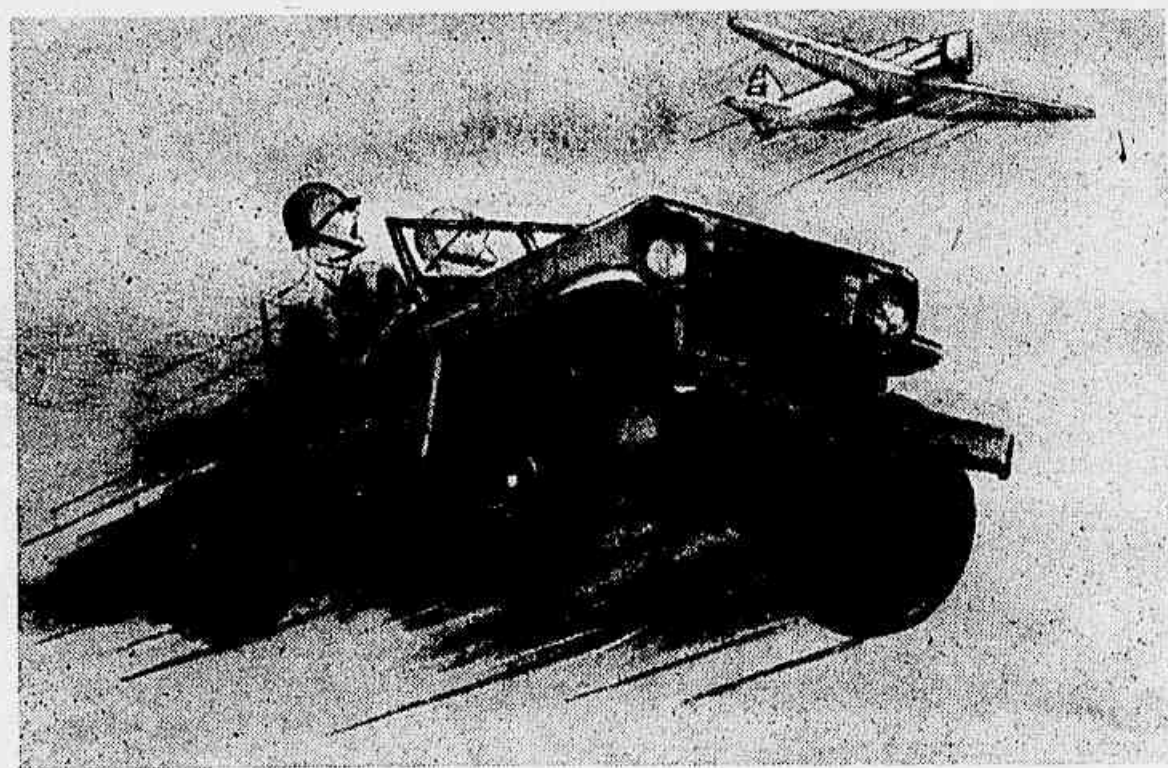
Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

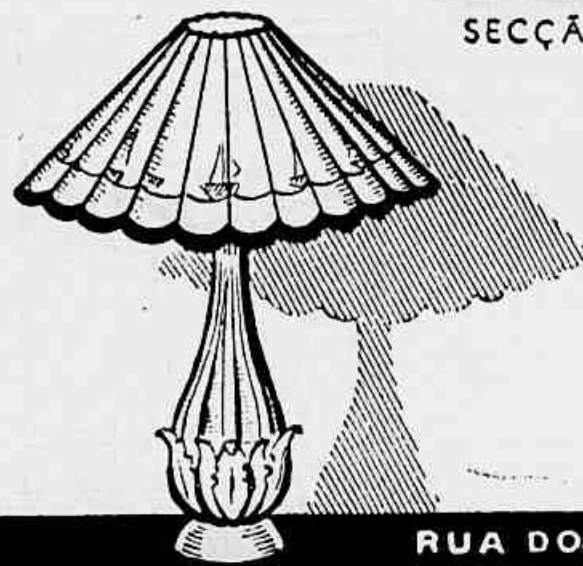
Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.



— Deus me livre de andar assim pelos ares!

MESBLA

SECÇÃO ARTIGOS PARA PRESENTES



ABAT-JOURS
CANDELABROS
LAMPADARIOS

OBJETOS DE ARTE
BRONZES LEGITIMOS
PORCELANAS FINAS
ADORNOS

RUA DO PASSEIO, 48-54 — RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 — NITERÓI

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO

AV. TAVARES DE LIRA, 48

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA

Rua do Colegio, 8 — Salvador

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"POR VER NESSA INSTITUIÇÃO A MAIS ALTA EXPRESSÃO DA CULTURA DO PAÍS", RESPONDE ARNALDO DAMASCENO VIEIRA, POETA E SOLDADO — CANDIDATO PELA QUARTA VÊZ — DESDE GREGÓRIO DA FONSECA A ACADEMIA NÃO TEM UM REPRESENTANTE DAS CLASSES ARMADAS — LEMBRANDO COUTO DE MAGALHÃES, EUCLIDES E TAUNAY — O POETA DE "CONSTELAÇÕES" — A AMEAÇA DO BALCÃO E DA BATINA POR IMPOSIÇÃO PATERNA — O CINEMA E O RÁDIO, INIMIGOS FIGADAIS DO LIVRO — LITERATURA, BOM NEGÓCIO PARA OS EDITORES E RUINOSO PARA OS AUTORES — ESPERANÇOSO DE SER ELEITO

FOMOS encontrar o poeta Arnaldo Damasceno Vieira na Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar. Entre muitos outros que conversavam, jogavam xadrez, ou simplesmente fumavam, deixando passar o tempo, estava o nosso poeta, tranquilamente sentado. Preferimos chamá-lo poeta a General; pois foi mais como exímio manejador da pena do que como militar que o procurámos. Damasceno Vieira é uma figura simpática. Alto, magro, tem um olhar que ainda não perdeu o brilho da mocidade.

Depois de perguntarmos quem era e de no-lo terem indicado, aproximamo-nos.

O general recebeu-nos com seu modo calmo e sorridente, fazendo-nos sentar. Explicamos os motivos que nos levaram a procurá-lo.

— O senhor quer, então, saber apenas porque me candidatei à Academia?

— Bem, não sou o único militar que se dedica às letras. Antes de mim houve muitos e, agora mesmo, há alguns nas mesmas condições. Afinal de contas, também há muita poesia na carreira das armas. O gênero épico prende-se especialmente às campanhas militares.

— De modo que teve simultaneamente a vocação literária e a militar?

— Não foi bem assim. O senhor compreenderá quando lhe contar a minha vida. Nasci em Porto Alegre a 22 do mês de Abril de 1876. A vida, esta megera, escancarou-se num sorriso pífido, logo que vi a luz do mundo, como a anunciar-me uma estrada ampla e cheia de rosas, que poderia percorrer tranquilamente, até que chegasse ao outro lado do mistério. Pequenos indícios pareciam confirmar a boa sorte que me guiaria na existência. A família observava, supersticiosa, os sinais de sorte e de azar que as coisas em redor de

Só quem experimentou essa situação, poderá fazer uma ideia do que representa pelo resto da vida. Comecei então a minha peregrinação pela existência. Frequentei diversos colégios: Kraemer, Welter, Ivo Corceul, Seminário Episcopal de Porto Alegre. Comecei, em aqui, a apresentar-me ante os meus olhos as carreiras que poderia seguir.

A primeira apareceu-me sob a figura do futuro Bispo do Paraná, D. João Braga, que me acenava com as delícias do clero, tentando levar-me para a espiritualização. Se me permite a expressão, consegui resistir a esta tentação mística. Vem então meu pai, e mostra-me o caminho do comércio... Desta vez a coisa era séria. Mandaram-me para uma escola de comércio onde devia aperfeiçoar-me naquilo que me propunham como a carreira a seguir. Entretanto, o brilho seduzia-me ainda menos do que a batina. Depois de alguma luta, consegui finalmente ingressar na carreira das armas. Em 1892 já era aluno da Escola Militar de Porto Alegre. Breve teria o meu batismo de fogo. No ano seguinte rebenta a revolução e sigo incorporado ao 2.º de Engenharia. Finda a luta, regresso aos estudos. As letras exercem sobre o meu espírito uma irresistível atração. A espada e a pena eram as minhas duas namoradas. Creio que me desiludirão essa bigamia...

E continua:

— De qualquer modo em 1902, era duplamente premiado. Recebi as estrelas de alferes-aluno e vi publicado meu primeiro livro de versos: "Constelações". Daí por diante, não abandonei mais as minhas duas paixões e os galões alternavam-se com os livros. Publiquei assim sucessivamente "Baladas e Poemas", (1911) "Baladas de Sonho e de Ironia", (1919), "Lendas da Princesa Loura" (1925) e "Imortalidade" (estudos de psicologia e de espiritualidade) (1935).

— E' esta a primeira vez que se apresenta como candidato à Academia?



NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR, O CANDIDATO ARNALDO DAMASCENO VIEIRA, POETA E SOLDADO, PÔS PARA A NOSSA OBJETIVA NUM INTERVALO DA REPORTAGEM QUE NOS CONCEDEU. EM BAIXO, UMA CARICATURA DO NOSSO ENTREVISTADO, FEITA POR LANZA.

— Esta será a pergunta mais importante que lhe faremos. Entretanto, a nossa indiscreção não se contentará com isso. Precisamos apresentá-lo aos nossos leitores, não apenas como poeta e escritor. Eles gostariam de conhecer também o homem, a sua vida e as particularidades da sua carreira.

Como bom soldado, ele não pareceu assustar-se com as nossas declarações. Apenas sorriu e disse:

— Não lhe direi que a minha vida seja destituída de interesse. Realmente creio que foi bastante original desde o seu começo.

— Achamos estranho que, manifestando o senhor inclinação para as letras, houvesse escolhido exatamente a carreira das armas.

mim anunciavam. Parece que os primeiros eram em maior número.

Lembro-me que meus pais contavam que, ao ser submetido à minha primeira avaliação, numa grande bacia de prata, agarrei-me firmemente nas bordas. Isto foi tomado por eles como sinal de que a minha vida seria isenta de grandes dificuldades e sofrimentos.

Entretanto, muito cedo, evidenciou-se a futilidade destas crenças. Meu pai, o poeta e escritor João Damasceno Vieira Fernandes, tendeu-se incompatibilizando com minha mãe, Dona Rafaela Vieira de Azambuja, resolveu de acordo com ela que o melhor seria uma separação.

Com apenas cinco anos, vi-me, pois, privado dos carinhos maternos e do ambiente de um lar, tão necessários na formação de um adolescente.



— Não, é a quarta vez que bato às portas do augusto Cenáculo por ver nessa instituição a mais alta expressão da cultura do país.

A ilustre casa de Machado de Assis tem recebido em seu grêmio, desde a sua fundação, em 1896, os vultos mais representativos da intelectualidade brasileira.

Justo é, portanto, que eu aspirasse a um lugar em tão seleta companhia. Não me cabe, certamente, a mim próprio, analisar os títulos com que me apresento. A outros, com muito mais isenção de ânimo, cumpre julgá-los.

Todavia em sã consciência, advogando em causa própria, eu poderia, talvez, avançar: que ao candidato coube um longo tirocinio no terreno das letras, ao culto das quais consagrou toda a existência, procurando honrar e dignificar a predestinação de seus maiores recebida. Aduziria ainda uma outra razão: que ao cabo de longas e incruentas lutas no campo da arte e do pensamento, justo fosse um galardão a desinteressados esforços, sendo como supenho, a laurea acadêmica, o coroamento definitivo de uma carreira literária não destituída de mérito.

Outros motivos poderia também alegar na justificação da minha candidatura. As considerações expostas bastam, sem dúvida, para esclarecer suficientemente.

— Entra então no prélio com bastante esperança?

Nosso entrevistado limpa o "pince-nez" e responde:

— Perfeitamente. A esperança é a dedicada amiga que me acompanha até o túmulo. Nem seria razoável arremessar-me ao combate sem esperança da vitória. Vindo, porém, a derrota, recebê-la-ei com a mesma serenidade das passadas vezes. Seria a derrota incentivo poderoso a novas e porfiadas arremetidas até o triunfo final, pelo cansaço do adversário.

— E quanto a literatura, de um modo geral, qual tem sido a sua orientação?

— Assisti ao fulgurante espetáculo do ocaso, representado por nossos últimos românticos. Chorei as lágrimas e as saudades de Casimiro. Assisti emocionado às byronianas cenas da Noite na Taverna. Alçou-se o meu entusiasmo nas condoreiras asas, arrebatado pelas esfíofes épicas do Navio Negreiro.

Presenciei o advento do que se convencionou chamar o Parnasianismo. Preso pelo cordão umbilical às fecundas e cra decrépitas entranhas européias, abeberei-me aos seios uberrimos da "Píliade" fascinado pelos encantos de Leconte de Lisle, Heredia, Heine, Goethe, Schiller, Steccheti, Ada Negri, Quental, Junqueiro, Campoamor, Bartina, e tantos outros.

Muito concorreu para a minha orientação nos domínios da literatura a constante assistência do meu querido e saudoso pai, apontando-me os autores que mais deveriam influir em minha formação intelectual.

Desde cedo impressionaram-me a forma impecável de Alberto de Oliveira, o lirismo ardente de Bilac, a serena compostura de Raimundo, a larga e luminosa visão de Vicente de Carvalho.

Em meio a magestade olímpica do "Parnaso" eis que ouvi o alarido revolucionário dos "novos", desfraldando a bandeira do simbolismo. Cruz e Souza, Mário Pederneiras, Gonçalves Jácome, Silveira Neto, desper-

tam a minha atenção, voltada igualmente para o irresistível fascínio que me vem de além mar, com Cesário Verde, Antonio Nobre, Eugenio de Castro, Mallarmé, Verlaine, Baudelaire, D'Annunzio, Carducci.

Mal refeito das surpresas métricas e efeitos mágicos dos Nefelibatas, fere-me a sensibilidade o estrépito destrutor de Marinetti e seus valorosos continuadores e êmulos.

Do entrelhecho das correntes opostas, tendendo ao equilíbrio entre forças contrárias, apresenta-se-me Modernismo.

— Qual é, pois, a corrente literária de sua predileção?

— Salvo melhor juízo, creio ser a feição modernista a que melhor caracteriza o meu gosto artístico.

No meio está a virtude. Nem o extremo rigor da forma, a impassibilidade diante da emoção; nem a extrema liberdade e a ansia do ineditismo. Equilíbrio, sempre o equilíbrio. A originalidade do autor não consiste na extravagância, mas sim na manifestação da sua própria personalidade.

— E quanto a literatura brasileira atualmente?

— O Brasil acorda. Toma consciência de si próprio.

O imenso conflito a que fomos arrastados pela insânia imperialista, contribuiu poderosamente para o surto e desenvolvimento de todas as forças vivas do país. O mesmo fenómeno que se observa no aparelhamento de nossas indústrias a começar pela nacionalização das indústrias bélicas, de incalculável resultado para nossa afirmação como povo senhor de seus destinos — o mesmo fenómeno se verifica na esfera intelectual brasileira.



O LEITOR PODE PERGUNTAR O QUE FAZ PAULO DE MAGALHÃES NESSE "CLICHÉ". NÃO, NÃO FOI ELE O REPORTER! MAS UM ENCONTRO COM O PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE HOMENS DE LETRAS DO BRASIL, A QUEM IAMOS OUVIR, FOI PRESENCIADO PELO POPULAR AUTOR TEATRAL. DAÍ FIGURAR NA POSE.

Esta é a nona entrevista da série dos candidatos às três vagas no seio do Petit-Trianon. Anteriormente foram ouvidos: Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luiz Edmundo, Silvio Julio, J. G. de Araujo Jorge, Tasso da Silveira, Raul Machado e Affonso de Carvalho. Os demais candidatos estão sendo procurados pela nossa reportagem e, avizinhandos-se o prazo da primeira daquelas eleições, aos mesmos solicitamos a gentileza de atender a **REVISTA DA SEMANA**, para darmos, assim, absoluta unidade de ação à tarefa que nos impusemos. — Faltam ainda, entre outros, Porto da Silveira, Rodrigo Octavio Filho, Roberto Simonsen, Carneiro Leão, Affonso Schmidt, Vinicio da Veiga e Martins Oliveira. Havendo tempo até as respectivas eleições todos serão entrevistados.

O gigante desperta de seu sono milenar. Mero reprodutor de emoções e ideias oriundas de todos os quadrantes, preferencialmente das velhas civilizações européas, a mentalidade da jovem pátria volta-se para si mesma, analisando seus próprios problemas, resolvendo-os de acordo com suas próprias intuições, relegando para o arquivo das coisas inúteis fórmulas por certo excelentes em outros meios, porém contrárias à sua índole.

Sem jacobinismo e chauvinismo, o espírito nacional reflete-se em todas as manifestações da arte: no teatro, na música, na pintura, na estatua, na literatura.

Nossos romances e nossas novelas, longe de inspirar-se nos debatidos temas alienígenas, retratam o majestoso ambiente nativo, refletindo a civilização que amanece, isenta de recalques que levam outros povos a se degladiarem em lutas sem tréguas.

— Acredita que o público se interesse atualmente mais que antes pelos livros?

Assim nos responde o General:

— O cinema e o rádio constituem dois inimigos fígados do livro. Qual a vantagem de ler, durante vários

dias, um romance, quando, em poucos minutos, podemos vê-lo na tela, com toda a nitidez, conservando-o ainda, pela faculdade da visão melhormente na memória? Haverá, porventura, grande interesse em narrativas de viagem, quando comodamente sentado numa poltrona podemos fazer a volta do mundo em muito menos de 80 dias? A onda sonora, por semelhantes razões, surdamente combate a letra de fôrma.

— E qual a sorte do livro, amanhã, quando se der o sinistro conúbio do som com a televisão?

— Apesar da luta desigual, heroicamente ele insiste e procura impor-se, merecendo o favor público. Nossas casas editoras multiplicam-se; o que de certo implica em ser a publicação um bom negócio, para o editor.

E esclarecendo:

— Sim, para o editor. Porque, para o autor, resulta, habitualmente, empresa ruínosa. Poderíamos a propósito informar que, em defesa do livro e do escritor, a Sociedade de Homens de Letras do Brasil, a que me honro de presidir, elabora um ante-projeto destinado à defesa dos direitos autorais e que será submetido à aprovação do governo. Colaboraram neste trabalho as Academias de Letras do país e várias instituições culturais. Procura-se aí beneficiar não só os autores como os editores, uma vez que ambos concorrem para um objetivo comum, o desenvolvimento da cultura. Nossas admiráveis leis trabalhistas até hoje esqueceram o trabalhador mental, o proletário da pena, circunstância que nos coloca em posição inferior a outros países, o Uruguai, a Argentina e principalmente os Estados Unidos, onde todo e qualquer esforço intelectual é devidamente remunerado.

— Que acha do papel dos militares nas letras pátrias, de um modo geral, e em particular na representação na Academia?

— Numerosos são os vultos pertencentes à galeria dos escritores que abraçaram a carreira das armas. L'imito-me, nestas breves palavras, a lembrar três nomes que no momento me ocorrem. O general Couto de Magalhães, Euclides da Cunha e o Visconde de Taunay, sendo que a obra deste último é universalmente conhecida na tradução para numerosos idiomas. Desde o prematuro desaparecimento de Gregório da Fonseca, fato ocorrido há dez anos, não mais tomou assento entre os egrégios membros da Ilustre Companhia um só representante das classes armadas.

Seria talvez, agora, ocasião propícia a preencher a lacuna.

O General já nos havia dito o bastante. Despedimo-nos. Aguardemos agora a decisão do pleito, e até lá vamos continuar a nossa peregrinação, ouvindo os demais candidatos à Academia.



Esse primeiro SORRISO...

Quando se prepara para encontrar-se com *ele*, você se esmera no vestuário, no penteado, na maquiagem. Os seus dentes precisam estar resplandecentes. Manchados ou sujos, estragariam o mais lindo sorriso. Escove-os sempre com Creme Dental Squibb. É um "dever" de toda mulher de bom gosto. Milhões usam-no, pelo seu sabor agradável, pela sua deliciosa sensação de frescor. O importante, porém, é que se tra-



ta de um dentífrico *seguro*. Sua fórmula científica impede o uso de substâncias raspantes ou adstringentes: jamais afetará o esmalte ou as gengivas. Pelo contrário, contém um excelente *anti-ácido* — o leite de Magnésia Squibb! Cada tubo traz o Selo da Casa Squibb — a segurança da melhor qualidade que o conhecimento científico e o cuidado humano podem produzir. Squibb é um nome de confiança.

CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

426

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

MODELO 1944!



ESTOFAMENTO
DESMONTAVEL

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

**DURMA
MELHOR...**

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

Livros

NA CASA DAS PERSIANAS VERDES. — Maria Magdalena Ribeiro de Oliveira. — *Júlia de Fôra*. — 1943.



Eis aqui um livrinho despretençoso, talvez mais interessante e rico de idéias do que muito calhamço desses que se encontram enchendo as vitrines das nossas livrarias. Através da história de um idílio mineiro, da vida de um casal modesto e feliz, que vive a sua vida normal, a autora faz uma apologia do casamento, dos sentimentos puros e do amor que une esp'ço e esp'sa.

Mostra ela que este amor é tão digno de constituir um tema de literatura como o amor profano de dois amantes.

O seu estilo é despreocupado, leve e agradável, não se notando a intenção de fazer literatura. Por isso, torna-se uma leitura repusante, que traz uma grande paz, como quando contemplamos alguma coisa simples e bela.

Não é um livro entulhado de idéias filosóficas, capazes de dar dores de cabeça aos leitores. Fazemos a sua leitura tendo a impressão de quem desliza suavemente num barco pequeno, sobre um lago calmo. Lêmos sem pressa, sem ansiedade, sem saber mesmo onde iremos. A autora reveste todas as passagens de um profundo sentimento cristão, quasi bíblico. Por todas essas virtudes parece uma leitura bem própria para esta época de eg'ismos e lutas.

ROSA LEVE. — Maria Isabel. — *Rio*. — 1944.

Esta "Rosa Leve" de Maria Isabel poderia também se chamar "Rosa Triste". A poetisa parece ter servido grandes goles do amargo fêl da existência. Pelo menos é o que sentimos nos seus versos. Versos de uma grande simplicidade mas que impressionam. Não há neles o grito, não são um hino à vida ou aos sentidos. Há um travo de amargura e de pesadume.

Maria Isabel parece ter a angustia de quem deseja ser boa e sente a incompreensão da vida diante da bondade. É isto o que ela manifesta e transmite ao leitor. Querem um exemplo? Ei-lo aí.

Não

A vida é imensa
Pequeno, pequeno
É meu coração.
Eu quero ser boa.
A vida diz: não.
Eu quero ser boa.
Não tenho outro grito,
Nem outra criação.
Só esta semente
Pra minha criação.
E a vida impassível,
A vida diz: não.
Espada de fogo.
Ardendo na sombra
É minha emoção.
Viu ferindo a esmo,
Louca de paixão.
E a vida impassível
Responde que não.
De punhos cerrados
Grit-lhe aos ouvidos
Minha maldição:
— Ah! Como te odeio,
Terra de afição!
E a vida impassível,
A vida diz: não.
De enganos és feita,
De nevoa, de espuma
De pura traição.
Nasceu em teu sólo
A minha ambição?
E a vida impassível
Responde que não.
— O' vida, ó mistério,
(Exausta murmure)
É tua a razão?
Chegará um dia
De pedir perdão?
E a vida impassível
A vida diz: não.



Se a rima não é das mais ricas e o verso não é grandioso, encontramos aqui muita espontaneidade.

CARLITOS — *A vida, a obra, e a arte do gênio do cine*. — Manuel Villegas Lopes.

Este livro de Villegas Lopes é um tratado de Carlitos com o tema chapliniano observado sob o ponto de vista filosófico, literário, publicitário, onde se encontra o pensador, o escritor (talvez o poeta), o cineasta.

O sucesso do livro, que é apresentado na tradução de Mello Lima, vem também através da certidão do batismo do cinema, com a primeira sessão pública de fotografia animada, funcionando o aparelho cinematográfico de invento dos Irmãos Lumière, a qual ocorreu em Paris, a 28 de Dezembro de 1895, no casarão do número 14 do *Boulevard des Capucines*. Este entre umas velhas árvores de troncos esbranquiçados sob o rigor do inverno brumal, portanto, triste e sombrio do auge do vento, e na presença de trinta e três curiosos, a um franco *per capita*.

O cinema não possui o seu monumento com baixo-relevos, descrevendo a sua história em rápida legenda, mas aí está a casa de onde vieram, e os primeiros vagidos, senão os primeiros gestos, os primeiros esgares de uma vida nova e gloriosa que vinha de se iniciar.

Para a "C leção Hemens do Mundo" destinada a divulgação do homem extraordinário que ultrapassa as fronteiras da pátria e se torna uma glória universal, CARLITOS de Villegas Lopes foi escolhido primeiro, por ser o lendário Chaplin um verdadeiro homem do mundo a despertar simpatias em todo o Globo.

Novos

O FANTASMA DA OPERA — Gaston Leroux. — Romance. — Tradução de Gama e Silva. — Rio. — 1944

Nesta época dinâmica e agitada, em que o tempo para o repouso do espírito e as distrações torna-se dia a dia mais escasso, em que a luta pela vida e os problemas quotidianos agravados pela guerra se fazem sentir imperiosamente, o cinema parece ter encontrado a sua ocasião mais propícia para dar o golpe de morte na literatura. Sente-se uma luta surda e ininterrupta entre essas duas modalidades de diversão. Realmente, poucas pessoas, podendo assistir em duas horas ao desenrolar de um romance na tela, se dão ao trabalho de ler em muitos dias um livro de 500 ou mais páginas. A tudo isto se veem juntar as condições de conforto das nossas modernas salas de espetáculos. É uma luta desigual, em que aparentemente o cinema deveria levar a melhor. Entretanto, as casas editoras veem sustentando galhardamente a batalha e não poucas vezes tem tirado partido de fatores que à primeira vista lhes pareciam completamente desfavoráveis.

Assim, ao invés de se colocar em campos opostos, hostilizando o cinema, as nossas casas editoras tem lançado mão de uma inteligente e laboriosa, quase sempre bem sucedida. Deste modo, o filme faz a propaganda do livro e o livro faz a propaganda do filme. O leitor corre ansioso a ver na tela o personagem com quem já travou relações no romance. Ele vai ao cinema para rever velhos amigos. Na situação contrária, quando já viu o filme, procurará encontrar os defeitos e imperfeições do mesmo, comparando-o com o livro. É quase um estudo comparativo, em que, afinal, ambos saem lucrando: cinema e livro. Consequentemente lucram também o editor e o escritor.

O "Fantasma da Opera", que acabamos de receber, traduzido por Gama e Silva, é apenas um entre muitos livros lançados simultaneamente com versão cinematográfica.

Este romance de Gaston Leroux, que foi um grande êxito de boulevard, no seu tempo, é, evidentemente e má grado as afirmações que fez o autor no prefácio, de que o "Fantasma" existiu em carne e osso, afirmações que baseia em investigações feitas nos arquivos da Academia Nacional de Música, um romance de ficção. E o público, cansado de dramas e de assuntos de guerra, parece receber com agrado este gênero de livros que permitem um pouco de devaneio e de fantasia.



OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR DOS MAIS FAMOSOS AUTORES. — Rio — 1944



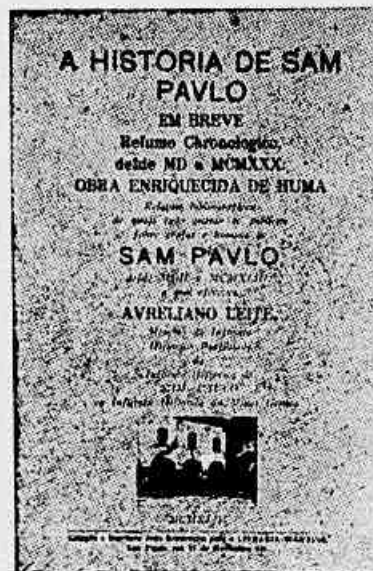
Não é tarefa das mais fáceis organizar uma antologia de contos escolhidos entre os melhores dos autores mais conhecidos, antigos e contemporâneos. A quantidade de material que fica à disposição do organizador, parecendo à primeira vista facilitar o trabalho, torna-o talvez mais difícil. Mesmo porque estes contos são, na maioria, muito conhecidos. O critério que presidiu à organização deste livro que temos em mão parece ter sido o melhor. Os contos não são realmente dos mais divulgados. Entre eles encontramos autores pouco lidos no Brasil, como por exemplo esta admirável Selma Lagerlöf, da *Légende de Gosta Berling*, e tantos outros cheios de encantamento. É um livro que se lê rapidamente, quase sem sentir, e com agrado. Os contos em geral são pequenos e bem escolhidos.

Naturalmente, a qualidade das traduções seria um fator da maior importância. Também neste particular, a obra agrada. Traduziram Manuel R. da Silva, J. da Cunha Borges, Frederico dos Reis Coutinho, Enéias Marziano, Constantino Ianni e Edisn Carneiro.

Fram incluídos contos de Rubén Darf, Maurus J. kai, Henri B. deaux, Alfred de Musset, Coelho Neto, Selma Lagerlöf, Petronio, G. L. Schmidt, D. H. Lawrence, Alfred de Vigny, Blanche F. m. b. n. a, Giovanni Verga, e alguns outros dos melhores contistas de todos os países e em diversas épocas.



A HISTÓRIA DE S. PAULO em breve resumo cronológico desde MD a MCM.XXX
Auriliano Leite — São Paulo. — 1944.



Como explica ainda o próprio título do livro, trata-se de uma relação bibliográfica de quase tudo quanto se publicou sobre cousas e homens de São Paulo desde 1502 a 1943. Praticamente é um período que vai da descoberta do Brasil até nossos dias. É toda a história do Estado de São Paulo. Aliás, podemos dizer que este livro teve origem na REVISTA DA SEMANA. É que, há três anos, o autor escreveu, a pedido do diretor desta Revista, um breve estudo da história de São Paulo. Mais tarde, esse mesmo estudo foi desenvolvido e publicado no *Jornal do Comércio*. Posteriormente, tendo feito uma reforma e ampliado os pontos essenciais, corrigindo certas falhas, o autor lançou o livro que temos agora em mão.

Para maior clareza de exposição, a história de São Paulo foi dividida em quatro períodos: tempos primitivos, tempos coloniais, tempos imperiais e tempos republicanos.

O ensaio é encerrado com uma bibliografia quase completa de todas as obras históricas que já foram publicadas sobre São Paulo.

É um trabalho de real valor para aqueles que se interessam pelo estudo da história pátria, principalmente se levarmos em conta o papel de destaque que São Paulo sempre desempenhou na vida do país.

Recbam os boletim da Academia Carica de Létras "Publicações" correspondente ao 2º semestre de 1943, com uma resenha da vida acadêmica.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



É O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO!



A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

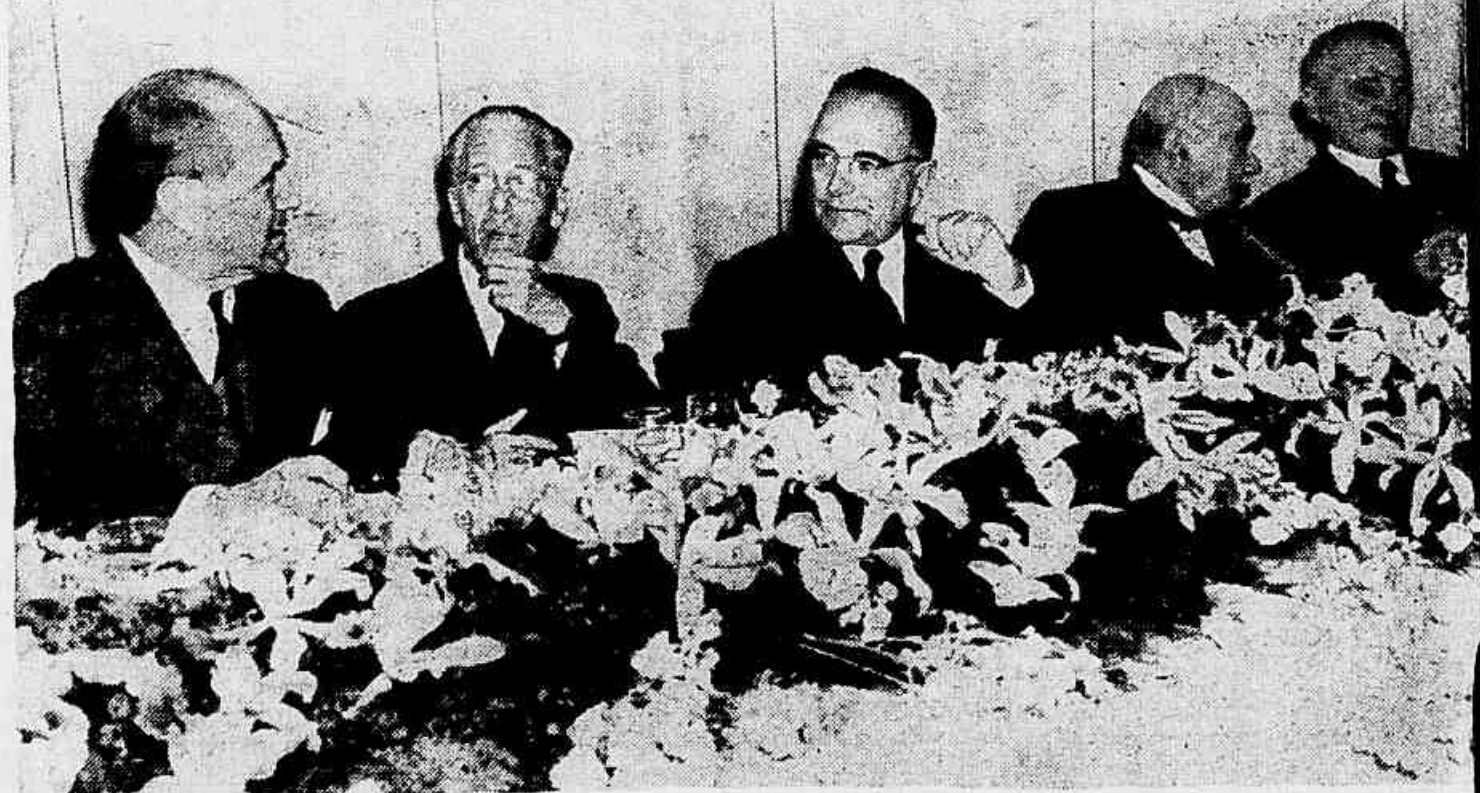
Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continue sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.





NA SEDE DA CASA DO JORNALISTA, O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA TENDO À ESQUERRA O JORNALISTA BRICIO FILHO, SOCIO N.º UM DAQUELA INSTITUIÇÃO, E À DIREITA OS SRS. HERBERT MOSES PRESIDENTE DA A. B. I. E OSVALDO ARANHA, MINISTRO DO EXTERIOR.

NA QUINTA DA BOA VISTA, AS CRIANÇAS RENDERAM TAMBEM SUA NOMENAGEM AO PRESIDENTE GETULIO VARGAS. HOVE DIVERTIMENTOS GRATIS PARA A MENINADA QUE ALI POUDE VIVER HORAS INESQUECIVEIS.



O DIA DO PRESIDENTE

POR motivo da passagem, dia 19, do aniversário natalício do Chefe da Nação, realizaram-se nesta capital e em todo o país numerosas festividades em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas. Tendo S. Ex. se ausentado do Rio, desde a véspera, passando a data natalícia em Araxá, no Estado de Minas, essas festividades desdobraram-se desde uma semana antes, quando, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, foi oferecido um almoço ao mais alto magistrado do país. Na impossibilidade de reunir, nestas páginas, documentação fotográfica de todas as solenidades, procuramos fixar alguns aspectos das mesmas. A Juventude Brasileira, por exemplo, promoveu o lançamento da pedra fundamental de um monumento a ela dedicado, no pátio do Ministério da Educação, com a presença dos ministros da Educação e de Marinha, prefeito, comandante da 1.ª Região Militar e outras autoridades. Os Jogos Universitários foram também, dia 19, encetados numa grande prova precedida de imponente desfile, no estádio do Fluminense F. C., enquanto na Praça Marechal Deodoro, promovido pela Liga da Defesa Nacional, realizava-se, à tarde, um comício também de homenagem ao sr. Getúlio Vargas, falando vários oradores que se ocuparam do momento nacional e da nossa participação na guerra.

Fôram, enfim, imponentes e grandiosas as homenagens prestadas ao Chefe da Nação por motivo de seu aniversário, data sempre aproveitada para a inauguração de novos melhoramentos em todos os Estados da União e outras solenidades festivas às quais se associa sempre o povo, com o mais vivo entusiasmo.





TAMBÉM NO DIA 19 DE ABRIL INAUGURARAM-SE OS VI JOGOS UNIVERSITÁRIOS, NO CAMPO DO FLUMINENSE F. C. PRECEDIDOS DE UM DESFILE DA MOÇIDADE ACADEMICA. O FLAGRANTE ACIMA FOI BATIDO NAQUELA OCASIÃO ENCETANDO-SE AS PROVAS MESMO DEBAIXO DA CHUVA REINANTE NAQUELE DIA.

INSTITUTO DE CARDIOLOGIA

Entre as solenidades realizadas nesta capital a 19 do corrente, em homenagem ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas, revestiu-se de especial significação o ato inaugural do Instituto de Cardiologia da Prefeitura do Distrito Federal, em tão hora entregue à direção do professor Genival Londres, uma das maiores autoridades sul-americanas em cardiologia.

É, no gênero, o primeiro instituto que se monta no Brasil, destinado, como o próprio nome indica, ao tratamento de molestias cardiovasculares em todos os seus aspectos e modalidades.

Falou, no ato inaugural, o Dr. Genival Londres, diretor do novo estabelecimento. Em seguida, o Prefeito Henrique Dodsworth, acompanhado do sr. Ary de Oliveira Lima, Secretário Geral de Saúde e Assistência, outras autoridades e pessoas presentes, percorreu todas as dependências do Instituto, examinando o seu aparelhamento e, em uma das enfermarias, assistiu a uma experiência de eletrofono-cardiografia, que consiste em fazer a gravação, em discos, das palpitações do coração e a audição, a distância, dos movimentos desse órgão.

Por fim, o Prefeito usou da palavra, fazendo considerações sobre o sistema hospitalar do Distrito Federal.

A fundação do Instituto de Cardiologia, que entrou agora a funcionar na Praça da República, é acontecimento destinado a repercutir em todo o território nacional, pela significação que encerra, prestando, em verdade, extraordinários serviços ao Brasil inteiro.





JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de domingo, quer pelo interesse despertado pelos pares em si, quer pela seleta assistência que compareceu ao prado da Gavea, merecem, sem duvida, o maior acontecimento social e esportivo da semana. Durante a elegante reunião turfistica, o nosso reporter fotografico colheu, na "pelouse" do hipodromo do Jockey Club, os instantaneos que aqui reproduzimos.



O ÚLTIMO

Discurso

O Dr. Paula Guedes, muito velho, sumido entre os almofadões do seu grande leito de peroba, com os pés aquecidos por uma bacia de água quente, a camisola de flanela bem abotoada no pescoço, delgado e rugoso como um galinho seco; as mãos mirradas sobre a colcha de lã, a frente já toda de uns tons da amarelidão cadavérica, os lábios murchos e o musgo branco do bigode queimado, as pálpebras descaídas, ouviu a neta dizer-lhe que havia algum fício dirigido a ele... Sentiu logo um calorzinho entrar-lhe na alma fria.

Aí da não o tinham esquecido!

E, com um fio de voz fragilíssima, reclamou logo:

— Os meus óculos!

Pouco depois, disse radiante:

— E' do Instituto!

E apalpava o papel grosso onde o dístico daquela corporação aparecia em letrinhas negras.

A neta, em pé ao lado da cama, observava-lhe com espanto a mudança da fisionomia. As pálpebras, até então fechadas numa sonolência que parecia o ensaio para o grande sono, levantavam-se agora, deixando que das pupilas, há pouco amortecidas, saíssem novos lampejos, como mesquinhas lírias bailando no ar.

— Hum... hum! é do Instituto... ainda não me esqueceram... sempre faço alguma falta...

Tudo o corpo do duente se movia sob a grande colcha felpuda onde não faria menos volume o esqueleto de um menino de dez anos.

A neta ofereceu-se para a leitura. E o velho disse, nervoso, mas animado:

— Não! depois... olha, corre a cortina — a luz está má assim!

A leitura começada foi logo interrompida. O velho queria que abrisse a janela. A neta hesitou. Ameaçava chuva, o tempo humido, e o avô tão doente.

Mas o Dr. Paula Guedes, que tomara na véspera os sacramentos, gritou irritado, com uma força imprevisível na fraqueza dos seus oitenta e três anos:

— Abre a janela, menina!

A janela abriu-se. Araucária e os pés de camélia, plantados perto de casa gotejavam orvalho; tudo era escuro na passagem nocturna. Mas o velhinho disse: — Lindo dia, não é mesmo? E com um sorriso, rasgou o envelope, desdobrando o papel.

Era um convite. Pediam-lhe que fosse ele o orador na grande solenidade que o Instituto realizaria dali a um mês em homenagem ao tri-centenário de Achieta.

Então é que o enigma das mesquinhas de ouro torvelinhou o idealista. Meu Deus! O Instituto, o centro das grandes capacidades do país, dos nomes mais respeitados e queridos do império e da república, aquele ninho de inteligências perfeitamente dirigidas, de ministros, conselheiros, marechais, historiadores, e grandes homens de letras, precisava dele, do apito da sua voz, do fulgor da sua ilustração? Que honra, que consolo aquele que lhe ia bater à porta nas últimas horas da sua vida, exatamente quando ele queria amar-gurar de pensar que tinham há muito pôto sobre o seu nome uma pedra ainda mais pesada do que a outra que botariam em breve sobre o seu corpo!

Alvoroçado releu o officio, passou-o à neta, ouviu-o ler de novo; mandou chamar a família inteira, e comunicou-lhe o sucesso, com ar rejuvenescido, contentente.

Ele faria o impossível para atender ao convitel. Opuseram-se todos. Seria a sua ruína; que desmisse descansado, sem atormentar a imaginação.

Que se lembrasse dos conselhos do médico... e que mais isto e que mais aquilo...

Falassem pra lá! Ele já nada ouvia. Escreveria nos seus travesseiros, fincou o olhar na cúpula do cortinado, e nem mais palavra.

Fecharam a janela, acunharam-lhe ao corpo mirrado as duas colchas, cerraram o cortinado e — chut! — a dormir em bicos de leão.

No seu grande leito, o Dr. Paula Guedes, muito branquinho e engeludo, de mãos paradas, tal e qual como na véspera, quando a Visita de Deus entrara no seu quarto, via desfilar o cortejo extraordinário dos grandes vultos da história.

Começou então a pensar na construção do seu discurso.

Dividi-lo-ia em grandes períodos, com toda a sua miopia e caturrice acadêmica; deveria ser uma peça substantiva, por vezes anedótica, mas sempre elevada. O seu maior empenho era o de fazer este discurso mais brilhante que todos os outros que tinha deixado atrás de si, espalhados pelas salas, pelas revistas e pelos arquivos. A palavra entretanto, arrastava-lhe o pensamento na sua trêfega mania, onde as idéias lampejavam como fagulhas imprevistas.

O orador começava a achar intolerável a demora no leito. Veio-lhe a saudade das suas estantes, do conforto da sua biblioteca, da comodidade da larga secretária, tão afrita ao pé do seu braço amigo.

Já não sentia frio, já não lhe doíam os membros

Um conto de
*Julia
Lopes de
Almeida*

lassos, quasi inertes; aquele convite do Instituto fôra a providencia; trouxe-lhe um pouco de mocidade; era uma ressurreição!

Oh! o Instituto não se esquecera... Estava tranquilo; deixava um nome, fazia falta!

Trouxeram-lhe leite; bebeu-o de um trago e reclamou papel e lapis.

Houve rumor em casa. Consultaram-se uns aos outros. Dariam o lapis? Dariam o papel? Uns diziam que sim, outros aque não; e entretanto ele, murchinho e débil no meio dos seus almofadões, coordenava as suas memórias históricas, organizando uma obra digna do assunto, com um pouco de fantasia que lhe adocasse a sobriedade dos dizeres clássicos, em português bem literário e castiço, como se prezava de escrever.

Trouxeram-lhe afinal o papel e o lapis, e a pouco e pouco foi-se o leito juncando de livros, arquivos, glossários, volumes de história.

O Dr. Paula Guedes já não carecia da bacia de água a ferver para os pés; um calor confortativo, de vida, alastrava-se por todo ele, em uma febre doce, que punha cada vez mais aceso o enigma de mesquinhas de ouro dos seus olhos encovados.

— C da leuco tem a sua mania; resmungava a família descontente, com medo do quele trabalho penoso para um corpo sem sangue, prestes a cair.

Entretanto o discurso ia indo, caudaloso, nos moldes velhos a que o orador se acostumara e que considerava, como bem retórico, os únicos capazes de bem levantar as almas.

O milagre fez-se. O velhinho parecia ter adiado a morte, e levantou-se oito dias antes da grande solenidade, com o seu discurso arquitetado e as mãos cheias de notas que ele coordenou na grande secretária da sua biblioteca.

Tudo concluído, recomendou às filhas que lhe preparassem o terno da casaca, as luvas e a gravata branca, mais as suas camedas que ele, grande respeitador das velhas instituições, usava sempre nas funções solenes.

Nela febre, todo voltado para o ideal e para a história, o velho Dr. Guedes rejuvenescia, como se não misteriosa o ajudasse, invisivelmente, a caminhar na vida.

Dias antes da cerimônia quis ensaiar-se e experimentar o seu fato, há tanto tempo guardado no fundo escuro do armário.

Preparou-se; o corpo nadava-lhe dentro do pano preto; e dentro do calrinho erguido o seu pescoço fino mal parecia dever suentar-lhe a cabeça branca, recheada de idéias e de imagens guardadas.

Para que o ensaio fosse completo abriu-se o salão da frente, acenderam todas as arandelas, e os filhos e netos sentaram-se disseminados, como se com a dispersão parecesse aumentado o auditório.

(CONTINUA NA PAG. 48)





FRANCES GIFFORD DA METRO, USANDO EM UMA "TOILETTE" PARA DIAS DE MAIS RIQUÍSSIMA TEMPERATURA. ESTE É UM MODELO DE GRANDE EFEITO PARA AS TARDES DO JOCKEY CLUBE COM ESSA VISITOSA COMBINAÇÃO DE CHAPÉU, CASACO MARAVILHOSAMENTE DECORADO, BOLSA E LUVAS. UM PEQUENO VEZU REALÇA O CONJUNTO.



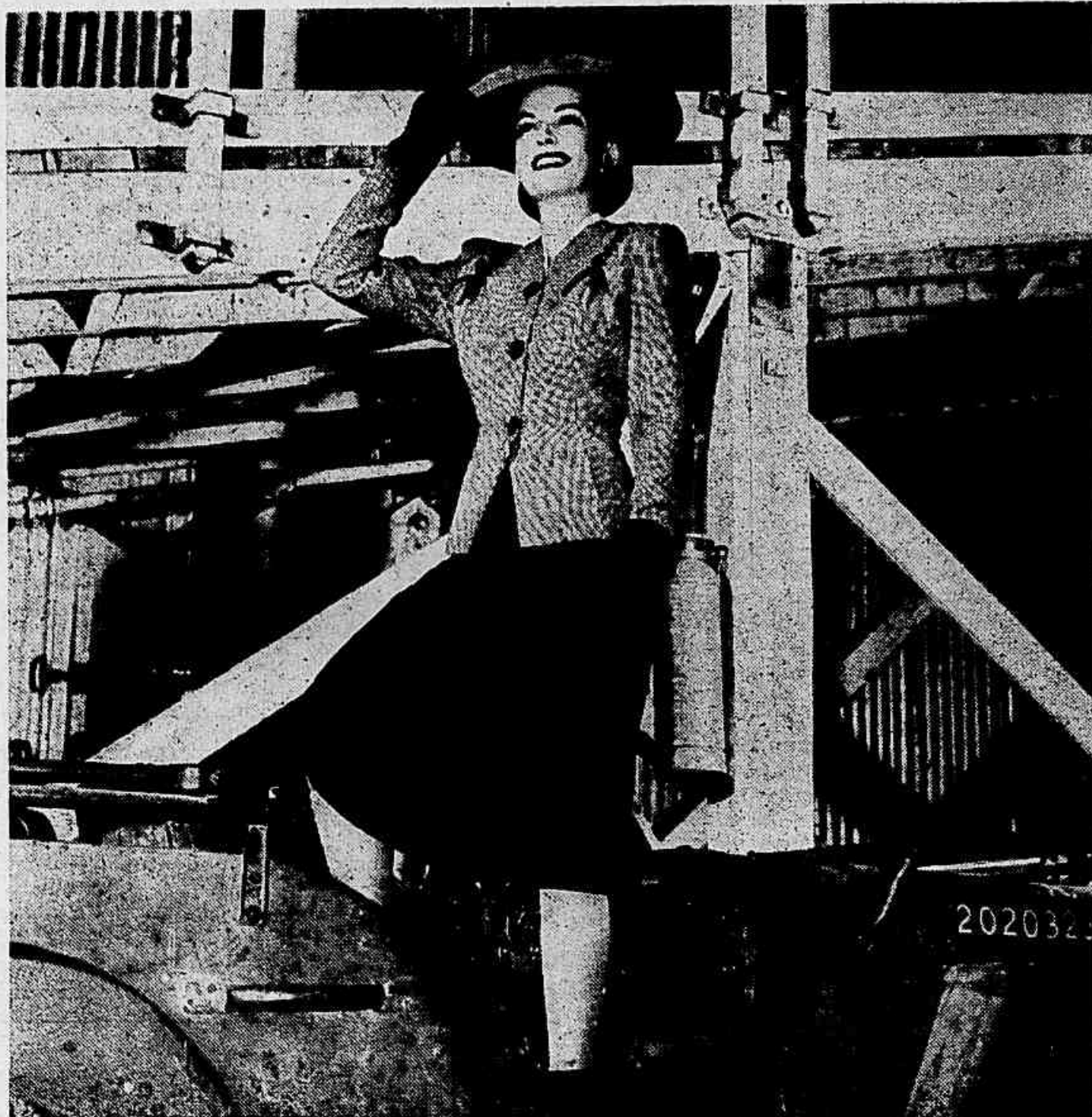
AGORA QUE AS RUPIAS LEVES FORAM ABOLIDAS, POR FORÇA DA MUDANÇA DE ESTAÇÃO, QUANDO A TEMPERATURA BAIXA E AS TARDES FICAM REALMENTE FRESCAS, ESTE MODELO DE FRANCES GIFFORD VALE POR UM CONVITE E UM DESAFIO À ELEGÂNCIA FEMININA. TALHE SIMPLES, LINHAS SINGELAS E LUVAS DE PELICA.

Modas de Outono

UMA — OU MAIS DE UMA — RAPAS PRATEADAS FORAM SACRIFICADAS PARA SE OBTER ESSE BONITO EFEITO DE VESTIDO PARA OS DIAS CALIDOS QUE AGORA CHEGAM. É AINDA FRANCES GIFFORD QUEM O OFERECE, ACONSELHANDO O TECIDO PRETO PARA O "MANTEAU". O CHAPÉU É UMA SIMPLES "TOQUE" DE GRANDE EFEITO.



PARA UMA TARDE ESPORTIVA, UM PASSEIO MARÍTIMO, UMA VISITA À PELOUSE DA GAVEA, NADA COMO ESTE ADORÁVEL MODELO QUE FRANCES GIFFORD AGORA NOS OFERECE, REALÇADO PELA SUA BELEZA PESSOAL. O CHAPEU COMBINA COM O CASACO, A LUVA COM A SAIA. OS ENFEITES DO CASACO EM PRETO COM OS BOTÕES.





FRANCES GIFFORD RECEBEU, COM INTEIRA JUSTICA, O TITULO DE "A PEQUENA MAIS BEM VESTIDA DO MES" NESTA PAGINA, GRACIOSOS MODELOS FORNECIDOS PELA METRO, DIRETAMENTE DE HOLLYWOOD PARA AS NOSSAS LEITORAS. NESTA MUDANÇA DE ESTAÇÃO, É OPORTUNO FRISAR QUE A JOVEM "ESTRELA" DE "CRY HAVOC" ESTÁ EM GRANDE EVIDENCIA, SENDO DAS MAIS APROVEITADAS PARA SUBSTITUIR ESTRELAS DA GERIÇÃO DE CRAWFORD, GARBO, SHEARER E OUTRAS QUASI APOSENTADAS.

UM CONJUNTO NOTAVEL EM CICLAME PARA COCKTAILS E OUTRAS FESTAS. O VESTIDO DE FRANCES GIFFORD É AQUI DE CREPE OSTENTANDO UMA SOBREPÉLIZ E UM BRILHANTE EM UM DOS LADOS. SEU CHAPEU, APORNADO COM PLUMAS DE AVES-TRUZ, COM UM VEU TAMBÉM DE CICLAME DEBRUADO COM UM LAÇO E ADORNADO COM SEQUINS DE OURO, É ENCANTADOR. A JAQUETA EM SEDÁ, FEITO, RUSSO.



Depois com outros e aproveitáveis modelos de Outono que estamos oferecendo às leitoras neste número, vão nestas duas páginas várias poses especiais de uma das mais jovens e interessante artistas cinematográficas — Frances Gifford. É realmente um conjunto de *toilettes* de grande efeito, este reunido aqui, onde a elegância da "estrela" se combina, às maravilhas, com o requinte dos mais habilidosos desenhistas e costureiros de Hollywood, agora, mercê das contingências de guerra, o ponto de referência para a moda feminina. Em números vindouros, ampliaremos este material de Outono com outros figurinos que estamos recebendo, de modo a pôr sempre, rigorosamente, em dia as elegantes brasileiras, com o que de mais novo, interessante e esmerado vai surgindo. Em outras páginas desta mesma edição, novos modelos estão sendo publicados. A REVISTA DA SEMANA está dando ao seu departamento feminino, confiante a renome dos técnicos, uma organização de serviço que lhe permitirá, em curto espaço de tempo, suprir com toda eficiência a falta que se faz sentir dos clássicos figurinos europeus, desaparecidos desde 39. Além das sugestões procedentes da América e dos figurinos exclusivos de Alina, pretendemos enriquecer a divulgação de outros excelentes *croquis* devidos ao labor de experimentados artistas profissionais patrióticos e estrangeiros hoje domiciliados no Brasil. Mantendo suas tradições de publicação elegante, conquistadas em quasi meio século de existência, esta revista continuará servindo da melhor maneira as damas patricinhas que lhe dispensam a sua preferência.



AMAVA-O E SOFRIA PORQUE ELE PARTIRA, MAS, CASO VOLTASSE, ELA AINDA SERIA MAIS INFELIZ

Conto de Marie Claire

(Traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Alguns dias depois do Ano Bom, encontrei o cartão no hall. No envelope, havia uma frase, rabiscada a lápis: "Não deixou endereço".

Abri. A letra era de mãe. Enviara votos de feliz ano novo. Madame Thellier, como era seu sobrinho, todos os anos, mas, dessa vez, o cartão fora devolvido e, no sobrescrito, lia-se: "não deixou endereço".

Não sei porque dei tanta importância a um fato banal como esse. Os Thellier tinham se mudado, sem comunicar-nos. Era só. Não havia razão para ficar pensando nisso. Tolice minha.

Entretanto, a caminho da Estação de Montparnasse, onde ia ajudar o embarque de algumas crianças, ainda pensava naquele. Fiz um esforço inútil para esquecer-me dos Thellier, mas não consegui. Finalmente, decidindo que se a indiferença que sentia pelo destino deles era verdadeira, não havia mais nenhum em pensar neles e que estava preocupada atô.

Moramos em Saint Cloud, na casa vizinha à propriedade dos Thellier — grande edifício de tijolos vermelhos, cercado de enorme jardim, muito bem tratado.

Ninguém poderia atinar que arquiteto tivera a ideia de construir, perto da imponente mansão, a casinha em que morávamos, tão pequena e tão acolhedora.

Só conhecemos a família depois de morar ao lado uns dois ou três meses. A princípio, eles fingiram não nos ver.

Um dia, porém, Francisco falou conosco. Eu e Evelina ficamos muito satisfeitas. Desde aquele tempo, já gostávamos dele.

Assim começou a amizade que durou até a morte de papai.

Quando perdemos o nosso querido paizinho, fomos morar em Paris, perto da Avenida Emile Zola, num pequeno apartamento cheio de sol.

Ao fazer as despedidas, combinamos que o afastamento não prejudicaria a nossa amizade e que continuaríamos a encontrar-nos, como sempre. Porém isso não sucedeu. Depois de uns encontros sempre apressados, fomos relaxando, pouco a pouco, e, finalmente, perdemos de vista a família Thellier.

Mas, naqueles bons tempos, quando morávamos perto dos Thellier, eu e Evelina disputávamos a amizade de Francisco. Lembro-me, até, que, certa vez, cheguei a perguntar-lhe qual de nós duas ele preferia. Esperando a resposta, meu coração batia, precipitadamente.

Francisco corou, e, com um olhar embaraçado, disse, reprovador: — Evelina nunca me faria esta pergunta tão... tão estranha.

Depois disso convenci-me de que ele amava minha irmã. E sofri muito. Porque não confessá-lo, por que tudo já passou? Foi há tanto tempo que, às vezes, tenho a impressão de que foi sonho...

Quando cheguei na estação, uma colega se aproximou de mim e perguntou:

— Já sabe que domingo um grupo de merinos de Saint Cloud vai ser evacuado? Você foi indicada para ir ao colégio, em Saint Cloud, fazer todos os preparativos.

— Com muito gosto, respondi. Terei grande prazer nisso. Você não sabe que eu já morei lá?

Quando cheguei em casa encontrei Evelina ainda deitada. Sobre a cadeira do seu quarto de dormir estava jogado um vestido de baile. No chão, um programa de teatro. Tinha ido ao teatro, na véspera.

Eu nunca me cansei de admirar a beleza e a bondade de minha irmã. Ninguém conseguia, até então, apontar um só defeito em Evelina. Era bela e boa. Perfeita, sob todos os aspectos. Era uma das moças mais bonitas de toda a França.

Quando me levantei para sair, Evelina, acomodada na cama, bem coberta, por causa do frio, disse:

— Deve ser maravilhoso possuir tanta energia, Germana.

O tom da voz era pensativo e os olhinhos ainda estavam caindo de sono.

— Não sei como você aguenta, prosseguiu. Eu nunca poderia suportar uma vida como essa. Germana, você não me acha preguiçosa? perguntou depois, com certa ansiedade. Não acha que eu devia fazer alguma coisa para ajudar vocês? Não tenho parte em nenhum trabalho, não pertencço a nenhuma obra. Não acha que é egoísmo, em tempo de guerra? Que é que você pensa, Germana? Que é que eu poderia fazer?

Coloquei o chapéu e, virando-me para ela, disse, com um beijo de despedida:

— O mundo precisa de moças como você, minha querida. Bonequinhos lindas para descançar os olhos dos espetáculos horrendos... A propósito, como vai Bob?

Bob era o último pretendente que aparecera. Evelina não parecia muito entusiasmada, mas ele tinha iniciativa por dois. Queria decidir tudo antes de partir, por isso, não a largava um só instante.

— Bob é muito bonzinho, respondeu minha irmã. Mas eu não o amo. E além do mais, não quero ficar noiva, por enquanto.

Parti para Saint Cloud. As mesmas ruas, as mesmas casas... Tudo o que me cercava recordava episódios da infância. Eu e Evelina, correndo e rindo, felizes; e Francisco, sempre ao nosso lado.

— Qual de nós duas você prefere? Corei ac lembrar-me da frase. E a resposta dele...

Para chegar à escola tinha que passar pela rua onde moramos. Que emoção senti ao descer a rua onde brincávamos, havia muitos anos!

A casa que pertencera aos Thellier estava deserta. Havia uma tabela pendurada no portão: "Vende-se. Quasi chorei de tristeza, lá se vendida a casa onde tínhamos passado os melhores anos de nossa vida, a casa onde Francisco vivera.

Decidi visitá-la uma última vez. As portas e janelas estavam hermeticamente fechadas, porém lembrava-me da nossa entrada dos "Piratas", que usávamos quando pequenos. Era uma pequena janela no portão.

Entrei. Isto é, tentei entrar. Na minha precipitação, esquecera que não

tinha mais o corpo pequeno e magro de menina e não calculara bem o tamanho.

Fiquei presa e nem conseguia sair nem entrar. A cabeça e os braços passaram e vi uma sala muito conhecida enquanto me debatia com os pés do lado de fora para poder mover-me.

Foi nesse momento que souei uma risada alegre.

Não tinha notado que havia gente na sala. Na posição em que estava só via duas botas reluzentes, que se aproximavam.

— Bem feito! Quem lhe mandou entrar por aí? Não sabe que esta casa não é pública?

Levantei os olhos. Não queria acreditar nos meus ouvidos, mas era verdade.

De pé, à minha frente, com um sorriso nos lábios, estava Francisco!

— Chico!

— Germana!

Compreendendo, de repente, o ridículo da minha posição, comecei a rir.

El: me ajudou a sair.

— Veja só onde você foi se meter!

— Mas, Chico, eu pensei que ainda não havia passado pela nossa entrada dos piratas!

— Menina, você já está muito grande para fingir que é ladrão.

— Chico, você sempre impossivel!

— Impossível por que?

Rimos novamente. Estava radiante de felicidade. Tinha a encontrá-lo.

— Onde é que você vai?

— Eu ia à escola preparar a evacuação de umas crianças! E você? Você não se tinha mudado?

— Pois é. Vim dar uma última visita na casa antes de partir. Vamos vender a casa. É estranho: justamente na hora em que eu pensava na nossa infância, você se apareceu.

Corei, sem saber porque.

— Você vai partir muito breve?

— Sim. Fui convocado. Por isso é que resolvi me despedir da casa.

— É triste ter que deixá-la! Ela encerra tantas lembranças para nós, tantas recordações felizes!

— É verdade.

— P xal! Como estamos ficando românticos!

E uma gargalhada por fim à conversa.

Antes de partir para a guerra Chico nos visitou varias vezes. Lembro-me perfeitamente do momento em que viu Evelina.

— Você sempre foi muito bela. Hoje está mais linda do que nunca!

Evelina sorriu e agradeceu.

Saíram juntos frequentemente. Quando eu voltava do trabalho na Cruz Vermelha, encontrava-os de saída, para um teatro, para um passeio.

Tinha ciúmes. Por que não confessar? Sempre fui muito franca.

Encontrara Francisco e isso, de certo modo, segundo me parecia, me conferia certos privilégios. Além disso, achava injusto que Evelina fosse alvo de todas as homenagens. Os homens sempre me achavam muito interessantes antes de conhecer Evelina!

Depois da partida de Chico, a vida normalizou-se.

Evelina, a princípio, recusava-se a sair com Bob, mas finalmente resolveu ir uma vez e acabou reiniciando a vida mundana que levava.

(Conclui na pag. 41)

NÃO DEIXOU ENDEREÇO...



O PRESIDENTE DE PORTUGAL RECEBE UM PRESENTE DO SEU EXERCITO. O GENERAL ANTONIO CARMONA, APARECE NA OCASIÃO EM QUE RECEBIA UMA ESPADA DO EXERCITO, SIMBOLISANDO A GRATIDÃO DAS CLASSES ARMADAS DAQUELE PAÍS. O GENERAL PEREIRA DOS SANTOS, COMANDANTE EM CHEFE DO EXERCITO (À ESQUERDA), LÊ A ORAÇÃO QUE ACOMPANHA O PRESENTE. A CEREMONIA TEVE LUGAR DEPOIS DE UMA INSPECÇÃO ÀS TROPAS MOTORISADAS.

O FENOMENO DOS NEUTROS

O desenvolvimento sempre crescente dos meios de comunicação, facilitando o incremento das relações comerciais, intelectuais, e políticas entre os diversos países do mundo, produz como que um entrelaçamento do globo, colocando praticamente todos os países na situação de vizinhos. Assim sendo, é evidente que cada vez mais se verifique uma comunhão de interesses entre as nações, sendo arrastadas não apenas uma ou duas, aos conflitos que se produzem, mas toda a humanidade, independentemente das diferenças de raças, credos ou rivais de civilização. A guerra torna-se então mundial como a de 1914-18, a que presenciamos agora e as que desgraçadamente se venham a produzir no futuro. Não acreditamos que ainda dessa vez se consiga eliminar as possibilidades de futuras lutas entre os povos, embora consigamos aumentar sempre o espaço de tempo entre uma e outra. Não é esta uma opinião baseada no pessimismo, mas apenas num estudo em que se leva em conta a própria natureza humana e a impossibilidade de se caminhar em saltos no que diz respeito à evolução material da civilização. Ainda não é possível um ajustamento definitivo dos problemas económicos e políticos da humanidade, que, entre outros, são a causa, destas lutas. Estamos ainda a tatear na procura de uma solução para esses problemas. Chegaremos a encontrá-la? Deixemos que o tempo responda a esta interrogação trágica. É preciso que avancemos sempre, evitando o estagnamento e a estagnação, que segundo Ortega y Gasset, é o primeiro passo para a involução e o retrocesso. A humanidade deve fatalmente evoluir, sob pena de um completo aniquilamento.

Vitemos entretanto a nosso ponto de partida que são os neutros.

Eles que até então, nas guerras anteriores à de 1914, (a primeira mundial) constituíam a regra geral, são agora exceções, em consequência da multiplicidade de interesses entre os povos. Assim, uma guerra que afetava diretamente apenas dois ou três países, reflectia-se atualmente em toda a humanidade.

Assim sendo, todas as nações sentem a necessidade de se definir, sendo a sua neutralidade, mais uma consequência da sua localização geográfica, do que propriamente de uma atitude política. Mesmo que não se definam oficialmente, elas têm a sua orientação interna.

Esta é também, mais do que qualquer outra, uma guerra de idéias: idéias que implicam uma forma de Estado e uma concepção de vida. Apenas a fraqueza de alguns e a sua perigosa proximidade da pretenciosa neutralidade dos pressos, impede que se definam. Não há dúvida porém, que muitas vezes a neutralidade é apenas aparente e obedece a interesses imediatos. Alguns países, antes da deflagração, já se haviam definido claramente.

É por exemplo o caso da Espanha, subjugada pelo fascismo-papel-carbono do caudilho Franco, que submeteu seu povo, contrariando todas as suas tendências, e impondo-lhe um regime a que não se poderá ajustar.

O número espantoso de prisioneiros políticos cu não, de todas as categorias, que entilham as prisões do estado na gloriosa pátria de Cid, é uma confirmação desta verdade.

Quanto a Portugal, cujo governo não é totalitário, mas apenas autoritário, a sua situação, ao alçar-se do poderio nazista, não lhe permite uma atitude desassombrada em favor dos Aliados. Entretanto, a concessão de bases como as Açores às Nações Unidas, mostra qual seria a sua atitude, em circunstâncias diferentes.

A Turquia, que já experimentara o regime ditatorial de Kemal Pachá, possuindo um exército bem treinado e armado tanto pela Alemanha como pelos Aliados, de cerca de 2.000.000 de homens, parece querer resolver o difícil problema de servir ao mesmo tempo a Deus e ao diabo. Espera que a luta esteja decidida para então, sem o menor sacrifício, definir-se e reclamar direitos. Evidentemente, essa atitude não poderá produzir bons resultados.

A Suíça apresenta condições especiais. Seria longo considerar a neutralidade de todos os países que se encontram nessa situação.

Os países neutros do nosso continente, vem salientar o contraste do procedimento dos Aliados e do Eixo, no que diz respeito à atitude assumida, em face de situações idênticas.

Ninguém ignora o alto preço que a Suécia está pagando pela preservação da sua neutralidade.

De qualquer forma, a derrocada do Eixo, que se acunha cada vez mais próxima, obrigará os poucos países neutros ainda existentes a tomarem uma atitude clara.



A GUERRA EM MARCHA

NO MAR, EM TERRA E NO ESPAÇO

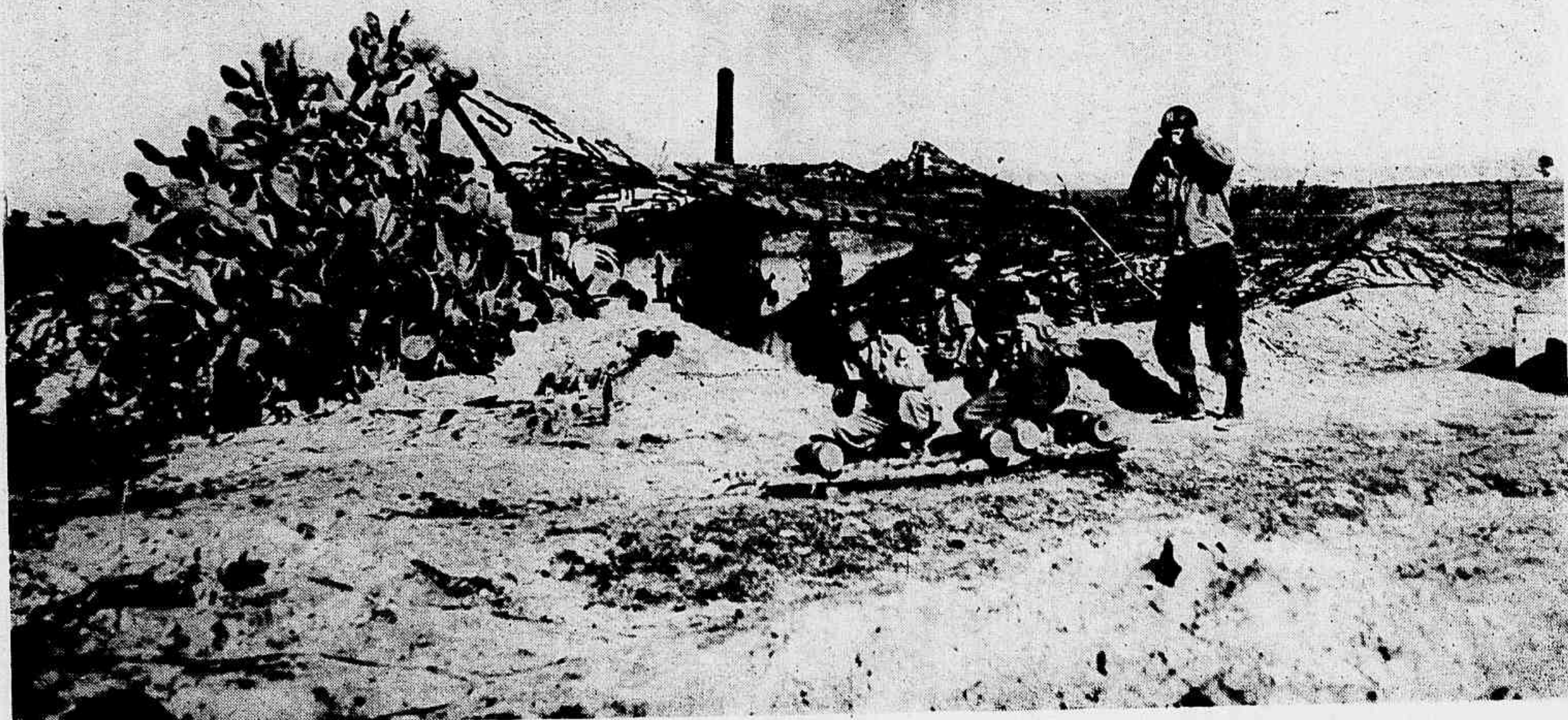
AMBULÂNCIAS AÉREAS TRANSPORTAM FERIDOS AMERICANOS PARA HOSPITAIS DA RETAGUARDA. DESEMBARQUE DE UM GRUPO DE SOLDADOS FERIDOS EM LUTA CONTRA OS JAPONESES NO PACÍFICO. O TRANSPORTE É FEITO EM AVIÕES-AMBULÂNCIA NUM CURTO ESPAÇO DE TEMPO, SALVANDO-SE ASSIM MUITAS E PRECIOSAS VIDAS.

Em todos os setores, a luta está agora intensificada quasi no seu ponto máximo. Quando esta edição é preparada fortes rumores se fazem sentir, prenunciando mais acentuados de estar muito próxima a data da invasão. Já a B.B.C. determinou aos habitantes dos territórios ocupados que fiquem alertados para as instruções a serem emanadas em tempo oportuno. E de todas as partes continuam chegando preciosas documentações fotográficas, no estilo das que ilustram estas páginas. A campanha aliada estende-se pelo mar, pelo espaço e aqui em baixo em terra firme. Onde quer que se encontrem soldados, aviadores e marinheiros das Nações Unidas, vê-los adestrados para a luta, aguardando a grande hora — já designada a Hora D — e passando esse meio-tempo, no ataque ao inimigo mais próximo. Derrubam-se aviões nazistas, afundam-se barcos nipônicos, luta-se em campo aberto, e batalhas mais intensas esperam-se para estas datas próximas. Dias heróicos, épicos e inesquecíveis, os que a Humanidade está na iminência de assistir. Mais tarde, quantos agora os vivem, muito hão de ter o que contar. E os vindouros terão o benefício dos sacrifícios a que nos submetemos agora.

PATRULHANDO OS MARES — BOMBARDEIROS MÉDIOS AMERICANOS, EM MISSÃO DE PATRULHA POR SOBRE O PACÍFICO, À PROCURA DE SUBMARINOS OU NAVIOS MERCANTES INIMIGOS. APARELHOS DESSE TIPO BOMBARDEARAM TÓQUIO, PARTINDO DO PORTA-AVIÃO "HORNET", CONSTITUINDO UM GRANDE ACONTECIMENTO DESTA GUERRA.

ENTERRANDO MICROFONES — UM SOLDADO AMERICANO, NAS PROXIMIDADES DA FRENTE DE BATALHA NA ITÁLIA, QUANDO ENTERRAVA UM MICROFONE NO SOLO. O RUÍDO DO FOGO DA ARTILHARIA INIMIGA É TRANSMITIDO PARA OS POSTOS DE OBSERVAÇÃO, QUE POR SUA VEZ LOCALISAM AS BATERIAS NAZISTAS E ORDENAM FOGO RÁPIDO.

AMPLIANDO AS FERROVIAS — EMBORA OS E.E. UU. CONTEM COM A MAIOR REDE FERROVIÁRIA DO MUNDO, VIRAM-SE SOB A PRESSÃO DA NECESSIDADE DE APROVEITAR OS TRANSPORTES DE TROPAS E MATERIAL DE GUERRA PARA OS VÁRIOS PORTOS DE EMBARQUE. AQUI ESTÃO TRABALHADORES INSTALANDO TRILHOS EM UM NOVO TRECHO DE ESTRADA.



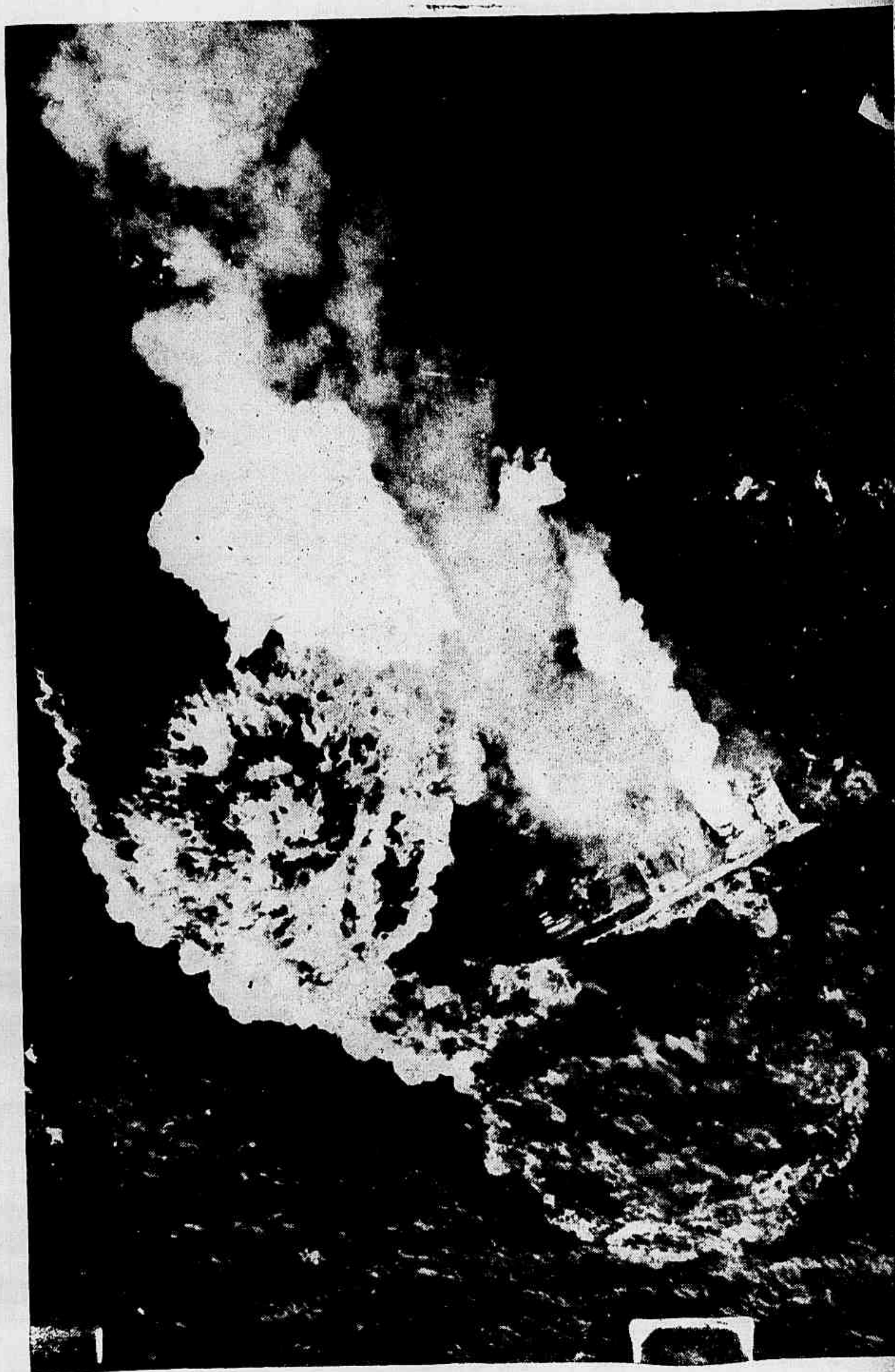
ARTILHARIA AMERICANA NA ITALIA — UMA PEÇA DE ARTILHARIA DE 155 MMS. DO EXERCITO AMERICANO QUANDO INICIAVA TERRIVEL BARRAGEM CONTRA AS POSIÇÕES NAZISTAS, NA CABEÇA DE PONTE DE ANZIO. ELAS DESCARREGAM TREMENDAS CARGAS DE EXPLOSIVO COMO PRELÚDIO PARA O AVANÇO DA INFANTARIA.

AFUNDAMENTO DE UM VASO NIPONICO — EM MEIO DE UM CÍRCULO DE ESPUMAS, ESSA BELONAVE NIPONICA ATACADA PELOS BOMBARDEIROS AMERICANOS AFUNDA LENTAMENTE EM CHAMAS NO PACÍFICO. ESSA AÇÃO DECORREU DURANTE O PESADO ATAQUE DE BOMBARDEIROS AMERICANOS PARTIDOS DE PORTA-AVIÕES CONTRA AS BASES INIMIGAS DAS ILHAS MARIANAS.



O COMBOIO TRANSCONTINENTAL — O MAQUINISTA DE UM COMBOIO TRANSCONTINENTAL, AO LADO DE SEUS AUXILIARES, POUCO ANTES DA PARTIDA DO SEU TREM CARREGADO DE MATERIAL DE GUERRA E EQUIPAMENTOS DE TODA ESPÉCIE, DESDE CHICAGO À COSTA DO PACÍFICO, NUM PERCURSO DE MAIS DE 2.000 MILHAS.

RUMO AOS CAMPOS DE LUTA — UM GRANDE COMBOIO FERROVIÁRIO REPLETO DE SOLDADOS AMERICANOS, DEIXA A ESTAÇÃO PROXIMA A UM CAMPO DE TREINAMENTO MILITAR, CONDUZINDO SEUS PASSAGEIROS DE UNIFORME PARA OS PONTOS ONDE SERÃO EMBARCADOS PARA A LINHA DE FRENTE. 38.000 CARROS DE PASSAGEIROS SÃO UTILIZADOS ATUALMENTE NESSE MISTÉR.





AO ALTO, À ESQUERDA: ALEXIS SMITH NA COMPANHIA DE TRÊS REPRESENTANTES DA ARMADA DE TIO SAM COMPARECENDO A UMA CERIMÔNIA DA PÁSCOA, NUMA BASE NAVAL NOROCCIDENTAL. — EM BAIXO: AINDA À ESQUERDA: PEGGY MALEY, DA METRO, NUMA POSE DE PINTORA. ACADEMIA? MODERNISTA? A TELA NÃO NOS PERMITE CHEGAR A UMA CONCLUSÃO... E ACIMA: A NOVA "APAIXONADA" DE MICKEY RONEY NA VIDA REAL. CHAMA-SE RAMSAY AMES E ESTÁ NA UNIVERSAL. DIZEM QUE O GAROTO ANDY HARDY PERDEU A CABEÇA DESDE QUE A VIU PELA PRIMEIRA VEZ...

NA PÁGINA À DIREITA, AO ALTO: JENNIFER JONES, PREMIADA PELA ACADEMIA CINEMATOGRAFICA DE HOLLYWOOD, COM A SUA "PERFORMANCE" EM "A CANÇÃO DE BERNADETTE", DA FOX. A FOTOGRAFIA É DESSE FILME. EM BAIXO: DEANNA DURBIN E FRANK BORZAGE (O DE "OCULOS"), SEU DIRETOR EM "A IRMÃ DO MORDOMO", RECENTESTREADO. À DIREITA: MARIA MONTEZ, DA UNIVERSAL, EM UM DELICIOSO BANHO DE ESPUMA.

Gente DE HOLLYWOOD

HOLLYWOOD, ABRIL (Via aérea) — Depois da presença de Ari Barroso nos EE. UU., até semanas atrás, o fato de maior sensação é sem dúvida o novo *flirt* de Mickey Rooney. Trata-se de uma encantadora morena de nome Ramsay Ames, que a Universal tem apresentado, embora em plano ainda secundário, em vários de seus filmes, inclusive *Ali Babá*, com Maria Montez, mas se o "caso sentimental" com o interprete de Andy Hardy der certo, ela ficará célebre de noite para o dia. Frequentemente os *habitues* dos *night-clubs* de Los Angeles encontram Mickey Rooney divertindo-se, entregue a um desnortante *swing* com a perigosa Ramsay Ames, e não falta quem admita a possibilidade, muito viável, de um novo matrimônio, tão depressa ele esteja livre e desembaraçado das complicações de seu casamento anterior, com Ava Gardner. No entanto, outro fator pode impedir esse casamento: Si Mickey Rooney for aproveitado pelo exercito, não poderá casar-se tão cedo, e acredita-se que, neste novo exame militar, seja melhor sucedido. Outro acontecimento em ordem do dia, é a estréia de *His Butler's Sister* (A Irmã do Mordomo), dirigido por Frank Borzage, com Deanna Durbin no principal papel. Talvez, dizem os criticos mais renomados, esta seja a maior *chance* da joven "estrelinha" que, agora, pode abdicar da sua condição primitiva de atriz-cantora. Ela se reafirma uma comediante excelente neste seu novo filme onde a parte dramatica é das mais intensas.



TEATRO



QUANDO PROCOPIO QUER RIVALISAR COM OS MAIORES COMEDIANTES ESTRANGEIROS. AQUI O VEMOS EM SUA CRIAÇÃO MEMORÁVEL DE "TOPASE".

PROCOPIO QUER FAZER TEATRO DE MELHOR CLASSE

Foi noticiado que o ator Procopio Ferreira teria pleiteado do Ministério de Educação uma subvenção de duzentos mil cruzeiros para realizar uma temporada de teatro genuinamente brasileiro, comprometendo-se a montar, entre dez, oito grandes peças de autores nacionais, desta e das gerações anteriores. Depois do êxito alem das melhores expectativas que veem registrando os espetáculos de Dulcina no Municipal, e tratando-se de um artista da classe de Procopio, sem favor o nosso primeiro comediante, é caso para a solicitação ser atendida e, por certo, isso acontecerá sem maiores embaraços. Mesmo porque Procopio, a exemplo do sucedido com Dulcina, está na fase exata em que necessita afastar-se um pouco do gênero eminentemente popular para realizar alguma coisa de mais definitivo, capaz de lhe perpetuar o nome nos anais do teatro do nosso país. Vivemos uma época de renovação de valores em todos os campos de atividade, inclusive no teatro, onde gente nova, mais que promissora, está aparecendo. Por isso mesmo, os artistas realmente dignos desse nome, e já quasi da geração anterior, posto que uma geração nova está despontando, devem evoluir, ou do contrario serão esmagados pelos valores que surgem. Isso é inegável. Em teatro, neste momento, não é mais possível estacionar nem trabalhar apenas para fazer dinheiro, até porque dinheiro também se faz, atualmente, dando ao público teatro de melhor categoria, o que se pode atestar com as filas de público, tardes e tardes seguidas, procurando ingressos para *Amphitrião* ou *Santa Joana*. Procopio, quando quer, faz teatro de classe e em seu repertório ele conta muitas criações capazes de, em outro qualquer país, celebrar um artista da sua fibra. Esta é a hora de Procopio se enfileirar entre as grandes figuras da cena brasileira.

VOCE SABIA QUE...

... Sadí Cabral já foi dançarino do corpo de baile do Municipal?

... a atriz Davina Fraga já trabalhou no Municipal, em temporadas de comédia brasileira nas quais participavam também Antonio Ramos, Lucília Peres, João Barbosa e Ferreira de Souza?

... Jaime Costa já cantou no palco do cinema Imperio?

... a comédia *A mulher que matou o marido* de Corrêa Varella já foi muito representada com o título de *O Outro André*?

... Lucília Peres foi a criadora do papel de Virgem Maria desde quando se representou pela primeira vez *O Martírio do Calvário*, na famosa companhia Dias Braga, no Recreio Dramático?

... Raul Pederneiras já foi ator de teatro, embora em caracter de amador? (E também já posou para cinema, imaginem!)

CINEMA

Um dos grandes sucessos dos últimos tempos foi a versão nova e colorida de *O fantasma da Ópera*, da Universal, com Claude Rains, Susanna Foster, Nelson Eddy e Edgar Barrier, estreiado durante a semana santa, simultaneamente em sete cinemas e que concentrou todo o interesse do nosso público ainda na semana seguinte, continuando em cartaz, em três outros cinemas, quando escrevimos estas linhas. O sucesso foi merecido, ainda que todos quantos tiveram oportunidade de assistir a outra edição em celuloide da obra de Leroux, com o insubstituível Lon Chaney, sejam unânimes em reconhecer que o filme silencioso era superior ao moderno. Desta vez, ao contrario do que sucedeu com a refilmagem de *O Corcunda de Notre Dame*, de Charles Laughton, que representou o mesmo aspecto de horror do *Hunchback* de Chaney, a refilmagem do *Phantom*, não é propriamente um celuloide destinado a causar pavor ao público, embora a sequência em que o protagonista tem a fisionomia deformada e aquela em que Christine lhe arranca a máscara, sejam momentos fortes, capazes de impressionar muitos espectadores. Predominam mesmo a comédia e a música, esta apresentada de maneira a agradar até aos inimigos do cinema musical. Registe-se o belo trabalho de Claude Rains no papel-título e as interpretações magníficas de Susanne, Nelson e Barrier, este último ator já conhecido de varios filmes, porém, somente agora conseguiu tornar-se popular entre nós.

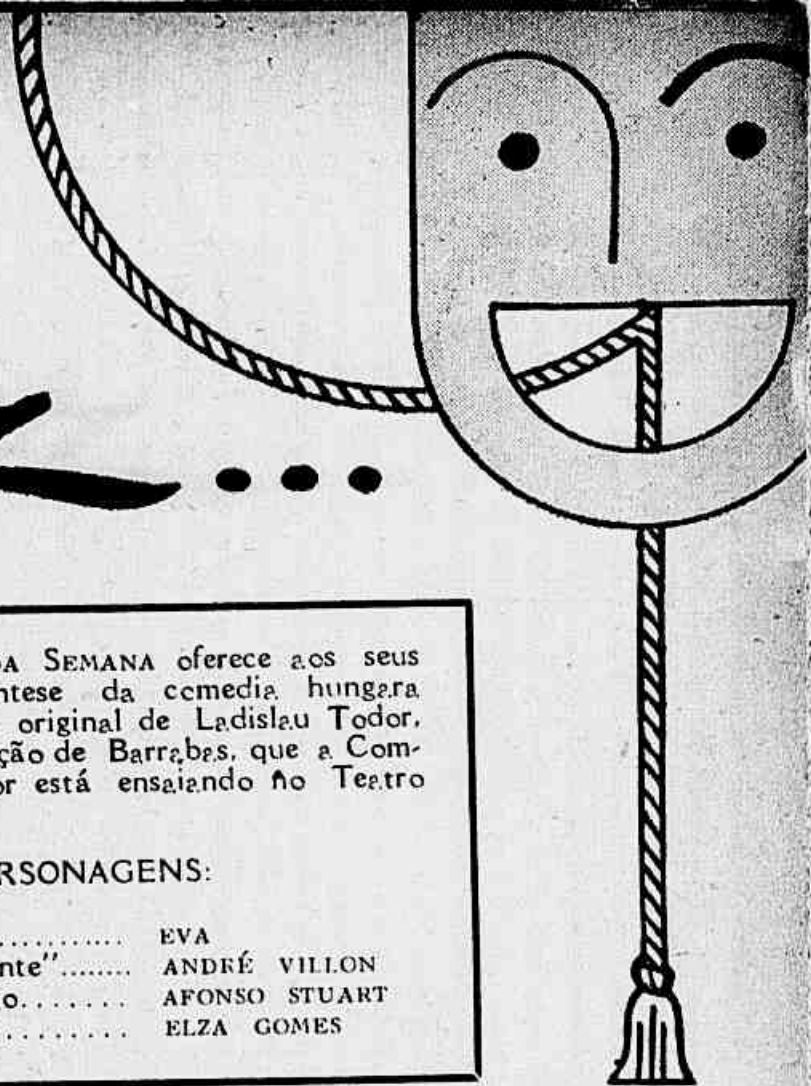
O outro sucesso, também merecido, foi o de "Atrás do Sol Nascente", da RKO, versão cinematográfica de um livro de James R. Young, ex-prisioneiro de Tóquio, com notáveis desempenhos de Mergo, Tom Neal e J. Carroll Naish, e uma direção ainda mais notável de Edward Dmytryk. Havia curiosidade em torno deste celuloide retratando o verdadeiro Japão e o filme encheu as medidas, colocando-se, sem favor, entre as melhores produções da temporada. Não devemos esquecer aquela luta de box e jiu-jitsu, filmada como não temos lembrança de ter visto antes na tela, reproduzindo, aliás, uma luta real. Serviu esse episódio do filme para destruir o jovem ator Robert Ryan, que faz o lutador americano. Outra surpresa das últimas semanas foi o anti-nazista da Warner, *Revolta*, incontestavelmente o melhor drama do gênero sobre a Noruega dominada. Com ele, o veterano Lewis Milestone, de quem não viamos um grande filme desde *Carícia fatal*, voltou a entusiasmar os apreciadores do bom cinema. É pena que a narrativa cesse um pouco no final, sem que houvesse necessidade disso. Podia, entretanto, ser pior... principalmente se recordarmos o anterior filme anti-nazista de Errol Flynn, *Fugitivos do inferno*. Annabella reapareceu no último dos dois filmes que interpretou no ano findo, na 20th — *Noites perigosas*, desta vez fazendo uma doutora russa. O argumento, porém, não foi mais feliz que o de *Esta noite bombardearemos Calais*, aliás, foi produzido depois deste, entretanto, aqui exibido primeiro. Basil Rathbone apareceu-nos em mais uma das aventuras modernizadas, de combate ao Eixo, do detetive de Conan Doyle — *Sherlock Holmes e a voz das trevas*, apresentando o mesmo interesse das anteriores (neste caso "posteriores", pois esta foi justamente a primeira filmada, embora estrejada depois de *Sherlock Holmes em Washington* e *Sherlock Holmes e a Arma Secreta*, feitas depois, como no caso do filme de que falamos acima. Sherlock Holmes nunca perde atualidade e certamente os nazistas nunca imaginaram que o teriam também, pela frente, embaraçando os seus planos, e infelizmente derrotados pelo grande detetive amador e seu amigo Dr. Watson, respectivamente interpretados por Basil Rathbone e Nigel Bruce, atores que retratam com absoluta fidelidade as personagens famosas do saudoso escritor britânico... Como se vê, com exceção de *O fantasma da Ópera*, os últimos programas foram exclusivamente anti-nazistas. E quando finalizamos este retrospecto dos cartazes cinematográficos, preparem-nos para assistir outro celuloide do gênero — *Insuperáveis* — da Metro, com Joan Crawford, Fred Mac Murray, Conrad Veidt (em sua despedida) e Basil Rathbone, passado na própria Alemanha...

PERY RIBAS



CLAUDETTE COLBERT INTERPRETA UMA FOTOGRAFIA DE REVISTA ENCARREGADA DE FAZER UMA REPORTAGEM NO INTERIOR DE UM TUNEL EM CONSTRUÇÃO, EM "SEM TEMPO PARA AMAR" SUA NOVA COMEDIA COM FRED MAC MURRAY, NA PARAMOUNT, DIRIGIDA, MAIS UMA VEZ, POR MITCHELL LEISEN.

Era uma vez...



A REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores uma síntese da comédia húngara *Cavalinho de Páu*, original de Ladislau Todor, tradução e adaptação de Barrabas, que a Companhia Eva Todor está ensaiando no Teatro Serrador.

PERSONAGENS:

Dr. Julia Flôres.....	EVA
Valentim, "o doente".....	ANDRÉ VILLON
Virgílio, um amigo.....	AFONSO STUART
Mariuzinha.....	ELZA GOMES



VALENTIM, rapaz rico, dono de uma fazenda no Estado do Rio, vive em comum com uma pequena igual a muitas: Mariuzinha. Um dia, porém, resolve separar-se dela. Mariuzinha tem, nesse momento, a clássica e inevitável crise de nervos. Há correrias no hotel em busca de um médico... A criada põe-se em campo. Mas o único que aparece não é médico, é médica. É a dra. Julia Flôres, clínico-assistente hospedada no hotel, jovem de vinte e poucos anos, arredada de qualquer cogitação amorosa, só pensando na medicina e em seus doentes. Ao vê-la, Valentim esquece Mariuzinha e passa a sêr, êle, o doente, necessitado da assistência da doutora Julia Flôres.

Acontece, porém, que a doutora não conhece o amor. Só conhece medicina. Que fazer para obrigá-la a esquecer esta, e conhecer aquêle? É o que Valentim procura conseguir, desdobrando-se em golpes de astúcia, requintes de gentileza e muito romantismo... Mas, no dia e na hora exatos em que está fazendo a sua grande declaração, surge o inesperado: Uma parenta do rapaz mandou-lhe, de presente, um cavalinho de páu com o qual êle brincava em criança.

— AQUI ESTÁ O MÉDICO...
— "O" MÉDICO?
— ...DOUTORA FLORES, CLÍNICO-ASSISTENTE...

...Um
Cavalinho de Páu





— MEU AMIGO É INÚTIL... QUANDO ENTRE DUAS CRIATURAS HA UM CAVALINHO DE PAU, OS ANOS RETROCEDEM E NOS TORNAMOS CRIANÇAS PURAS, INGENUAS, INOCENTES...



— E NÃO ME DIGA MAIS NADA! OBEDEÇA-ME E PRONTO.
— EU? EU? ESTÁ BEM... SEJA... EU VOU OBEDECER-TE VALENTIM!
NÃO É PRECISO BRIGAR....



— A PRIMEIRA VEZ QUE FALEI COM ELA, MANDOU QUE EU PASSASSE AS MINHAS CALÇAS...
— E DESDE ENTÃO AS TUAS CALÇAS ESTÃO SEMPRE RIGOROSAMENTE PASSADAS.



— CRUZE AS PERNAS...
— PRA QUE?
— QUERO VER OS SEUS REFLEXOS...

— CALMA, CALMA. MARIASINHA! NÃO SE EXALTE!
— CALMA, O QUE! EU ACABO COM ESSA DOUTORA AGORA MESMO...
— CALMA... E DEPOIS QUEM É QUE VAI CURA-LA MARIASINHA?

— E O SEU AMOR É SEMPRE O MESMO "SEU" VIRGILIO?
— SEMPRE! AS MULHERES PASSAM POR ELE TUDO PASSA POR MIM E COMIGO, SÓ FICA ETERNO, INALTERAVEL ESTE GUARDA-CHUVA!

Ora, o aparecimento de um brinquedo, numa hora dessas, é o pior desastre que se pode desejar. A pequena ri, ri muito... E diz-lhe que podem ser bons amiguinhos. Namorados é que nunca. Enfim, a situação está cada vez mais difícil, quando aparece, providencialmente, Virgílio, um velho e estouvado amigo de Valentim, de volta de uma série de complicadas viagens. Virgílio e o seu guarda-chuva fatal. A história daquele guarda-chuva é também interessante. Certo dia, visitando Valentim, ele é apanhado de surpresa por uma chuva e pede-lhe um guarda-chuva. Na rua, com esse guarda-chuva, acaba agasalhando uma criatura que o amarra por longo tempo. Viajem. Em outro país, ela se apaixona de um terceiro e parte. Mas o guarda-chuva fica... E as paixões sucedem-se. Passam depressa, ficando apenas o "companheiro inseparável"... Agora, voltando a encontrar-se, os dois amigos trocam confidências. Valentim está precisando libertar-se de Mariasinha para melhor cativar o coração da doutora Julia Flôres... E, por feliz coincidência, o atribulado Virgílio está só com o seu guarda-chuva... Certo que Mariasinha acaba sendo a nova eleita de Virgílio... Um dia chove, o guarda-chuva cobre-os providencialmente... E removido o impasse do cavaleiro de pau, Julia e Valentim podem, finalmente, solucionar o seu caso da melhor maneira.



— QUERIDA! COMO É BOM FALAR DE AMOR NUMA NOITE DE LUAR!
— QUERIDO... COMO É GOSTOSO NAMORAR! VOCE SABE? EU NUNCA NAMOREI NA MINHA VIDA... ESTA FOI A PRIMEIRA VEZ...

— HEIN? O QUE, DOUTORA?
— DISPA-SEI TENHO DE EXAMINA-LO...
— DESPIR-ME? MAIS DO QUE JÁ ESTOU?!





NO ANTIGO

Morro

DO CASTELO

É preciso ter conhecido aquela ponta da cidade antes das comemorações do 1.º centenário da Independência, ter visto de perto o morro, demolido por obra e graça do antigo prefeito Carlos Sampaio e ter subido a montanha onde se ajudou a fundar a cidade, quando tudo, ali, era escuro, velho e cercado, para sentir o confronto de então, com esses maravilhosos flagrantos da metrópole de nossos dias. Só assim se compreenderá melhor o que significa, para o bencarioca, o orgulho da evolução porque passaram os terrenos da Esplanada, desde a demolição de quase um quarto de século passado, até o aparecimento dos primeiros "arranha-céus." Agora, com a inauguração do palácio do Ministério da Educação e Saúde, o reduto do antigo Castelo adquiriu ainda maior imponência, como o atestam as duas gravuras desta página: ao alto, um aspecto em conjunto, e em baixo, a reprodução de um interessante painel de Portinari, que ali se encontra.





A MORTE DE GEORGE PYEL'W PASSA, A PRINCÍPIO, POR ACIDENTAL. TENDO-SE DESCOBERTO, PORÉM, QUE SE TRATAVA DE HOMICÍDIO, E INVESTIGADA A QUESTÃO, APARECEM TÊS PESSOAS QUE SE CON-FESSAM AUTORA. ENTRETANTO, É EVIDENTE QUE A VÍTIMA SÓ PODERIA TER MORRIDO UMA VEZ...

SOMENTE após quatro anos de constantes discussões e alterações, o distinto sr. Cox decidiu matar o sr. Pyelaw.

Sendo fortes as razões que o levavam a este ato de violência, não podemos julgá-lo com muita severidade. Um dos motivos era a crueldade do sr. Pyelaw, defeito que o sr. Cox, muito naturalmente, abominava.

É certo que não devemos ser parciais. Mas podemos assegurar que a opinião do sr. Cox não era alimentada por idéias preconcebidas nem motivos outros. Que os havia, não negamos, mas isso já é outro caso. Procedamos com ordem e exponhamos os fatos cronologicamente.

O sr. Cox e o sr. Pyelaw eram sócios. Partilhavam os lucros e as despesas de uma alfaiataria, situada numa rua central de Londres. "Gentlemen's Outfitters & Tailors" era o nome do estabelecimento, cujas excelências eram conhecidas de sobejo pelos cavalheiros mais elegantes da cidade que, sem exceção, mandavam fazer as suas roupas ali.

O sr. Cox, como o sr. Pyelaw, estava perto dos cinquenta e, ainda como o mal-fadado sócio, vivia num elegante apartamento, perto do negócio, por mais conveniente.

Já afirmamos que as razões do sr.

Cox eram mais do que suficientes para que tomasse a medida drástica pela qual optara. Um fato que, aliás, deveria contribuir para apressar a execução da idéia tinha efeito justamente contrário — e aí vemos a grandeza da alma do sr. Cox.

O nosso infeliz amigo estava loucamente — isto é loucamente dentro dos limites da decência e da compostura — apaixonado pela esposa do sr. Pyelaw e temia que, descoberto o seu crime, atribulasse o ato a uma vulgar intriga amorosa e não à dignidade ofendida de um homem probo e à justa indignação de uma alma reta, ante o procedimento vergonhoso do sócio. O sr. Cox não negaria, é certo, que o amor tivesse influência na sua decisão, mas não era o amor em si — refletia o comerciante — era a já mencionada indignação de uma alma reta que não podia suportar o espetáculo diário dos maus tratos a que o miserável submetia a esposa.

O sr. Cox jamais confessou o amor que sentia pelo objeto dos seus sonhos e dona de seu coração, pois, como bom cristão, sabia bem que maus pensamentos são inevitáveis, mas ações criminosas não têm justificação possível. Côncio do pecado de cobiçar a mulher do próximo, atenuava a ofensa ao mandamento divino, evitando que transparecesse na

sua atitude o tumulto que lhe ia na alma.

Falando acima em ação criminosa, aparentemente caímos em contradição, porém, na realidade, explica-se muito facilmente a distinção que o nosso amigo fazia entre roubar a mulher do próximo e roubar a vida deste. Era uma sutileza própria dos grandes espíritos. Raciocinava Cox que o amor pela mulher do sócio, sendo puro, era divino e, uma vez que era divino, as divinas leis deveriam ser aplicadas a ele; porém o sócio era materialista e grosseiro, seus crimes tremendos, portanto eram as leis humanas que deveriam ser aplicadas. Por leis humanas o sr. Cox entendia os impulsos instintivos da sua natureza, que mantinha cuidadosamente ocultos pela educação que recebera.

O incidente que precipitou os acontecimentos ocorreu no mês de Julho.

Uma bela manhã, o costureiro chefe da casa pediu demissão. O sr. Cox quando soube da novidade ficou muito irritado. O sócio já fizera muitas tolices, cometera erros que comprometeriam uma casa que não tivesse a reputação de "Gentlemen's Outfitters & Tailors". Essa última, porém, passava dos limites.

Charles Choak rivalizava com o estabelecimento. Era tão famoso quanto a casa onde trabalhava, e durante os qua-

renta anos de serviço grangeara a admiração e a estima de colegas e fregueses. Era conhecido em toda parte. Os fregueses tratavam-no, afeitosamente, por velho Choak.

Os nomes de Cox & Pyelaw e velho Choak eram igualmente respeitados. Perdendo Choak, a firma Cox & Pyelaw perderia quase todo o prestígio que conquistara.

Aliás, há muito tempo Cox quisera oferecer sociedade a Choak, mas Pyelaw recusara.

Cox não perdera as esperanças de, uma vez aposentado o sócio, continuar o negócio com o velho Choak.

Naquela manhã, porém, sabendo da discussão entre Choak e Pyelaw e do resultado desta, isto é o pedido de demissão do primeiro, Cox ficou desesperado. O que a inconsciência do sócio não percebia, ele, Cox, via muito claramente. Os melhores fregueses da casa iriam procurar o velho Choak no outro emprego que ele arranjassem e configurar a ele a confecção dos seus ternos.

Cox tinha amor à firma. Não quero dizer que o aspecto financeiro da questão não o interessasse — isso seria faltar à verdade — mas era o interesse da firma que preponderava, era o nome da

(Continua na pág 40)

ASSASSINOS DE SOBRA

(Novela de MICHAEL ARLEN,
traduzida especialmente para
a REVISTA DA SEMANA.)



PIO IX (Papa de 1846 a 1878).

COLONIA, reino, império, república, o Brasil tem acolhido alienígenas ilustres ou prestimosos, uns hóspedes por semanas, dias ou horas de escala náutica, outros transformando hospedagem em permanência longa ou de vida inteira.

O Brasil tem conhecido também hóspedes à força. Vilegagnon tentando França Antártica no Rio de Janeiro, Nassau instalando Batavia em Pernambuco. Foi preciso, sem contra-fé, propormos ação de despejo, a couce de armas. Assim fizeram nossos antepassados na qualidade de senhores dispensando traspasso de selvícolas.

Tiramos, pois, mandados de despejo, o P. R. nos séculos XVI e XVII precedendo de muito o tão incriminado P. R. das aposentadorias de 1808.

Relembrem-se de preferencia alguns hóspedes de passagem, na colônia, no reino, no império, na república e seja dito de cada um algo histórico ou anedótico de suas vidas.

JERONIMO BONAPARTE

O irmão mais moço de Napoleão, pelo qual o Grande Irmão mostrou mais quédia. Apareceu-nos na Bahia de 1806 governada pelo conde da Ponte. Comandando a fragata *Vétéran*, participava da esquadra francesa de sete navios às ordens do almirante Willaumez, e de rumo às Antilhas.

Jeronimo tinha vinte e dois annos de idade e citações de coragem na fé de atos de bravura na vida do mar, para os que a ela se votam de tantos prazeres quanto de imprevistos perigos.

Participe da ascensão apoteótica de Napoleão, não muito tempo depois da escala na Bahia, onde foi obsequiado e ricamente presenteado. Jeronimo Bonaparte se achou rei. Monarca efemero de um reino, o da Westfalia, talhado às pressas na carreira de conquistas e avassalamentos de Napoleão.

Decaído este, Jeronimo lhe foi fiel e bravo soldado, o defendeu em Waterloo na tarde em que para Napoleão se deitou na desgraça o sol de tantos raios de gloria na manhã de Austerlitz.

Propuseram a Jeronimo atraiçoar o irmão. "Tombado o tronco devem cair os galhos", respondeu o convidado a insidias.

Jeronimo casou nos Estados Unidos com Isabel Patterson. Anulado o consorcio por ordem de Napoleão, Jeronimo desposou a princeza Catarina de Wurtemberg.

Em dôr de consciencia, Jeronimo quiz pensionar a Patterson. Recusou esta 200.000 francos de pensão do ex-marido, aceitou outra de 60.000 francos de Napoleão. "Prefiro as azas de uma aguiá às de um ganso", disse a americana. Recusa e aceitação com fundamento ornitológico.

LORD STRANGFORD

Percy Clinton Sydney Smyth, lord e visconde de Strangford. Nome pomposo de diplomata, em missão no Rio de Janeiro de 1808. Aí cultivou a arte de ser antipático.

No dia da morte do conde das gálveas, ministro dos Estrangeiros que Strangford

temia, apresentou-se o lord todo lampeiro no teatro, fardado de grande gala. Os espectadores fizeram-lhe uma ovção às avessas, acompanhada de epítetos malscantes.

Strangford não se emendou, continuando a cultivar a arte da antipatia. Ao saber que ele afinal partia, o Príncipe Regente seguiu a veraneio para a ilha do Governador, só para não receber despedidas. D. João foi tomar ares na ilha, enquanto Strangford os recebia barra a fóra.

LUIS NAPOLEÃO

Visitante do Rio de Janeiro em 1837, em exílio para os Estados Unidos, refugio de Bonapartes exilados. Desesseis annos depois era Napoleão III imperador dos Francêses e tinha como representante junto ao nosso Imperio o ministro Cavaheiro de Saint Georges.

De habito taciturno e distante, Napoleão III dava respostas de bom francês. Quando o czar Nicoláo I lhe recusou o tratamento oficial de *Irmão*, costumado entre soberanos, Napoleão III ao receber do autocrata o tratamento oficial de *Amigo*, disse: Aguentem-se irmãos, escolhem-se amigos. Não faltará sempre quem comprehenda a diferença da companhia no circulo da familia.

MAXIMILIANO DA AUSTRIA

Esteve o arquiduke Habsburgo no Rio de Janeiro do Segundo Reinado. Na cidade vivera e morrera a parenta proxima, a imperatriz D. Leopoldina, de figura, em nossa Independencia.

Maximiliano, em relação a irmão imperador, Francisco José, estava nos casos de apreciar o conceito de Napoleão III, sobre o peso de certas fraternidades.

Subtraindo-se à corte de Viena, Maximiliano, temperamento de artista, alma de sonhador, gostava muito de viagens, girando bastante pelo mundo, em certo tempo para matar saudades. Perdera sua quasi noiva, a princeza brasileira D. Maria Amelia, filha unica do segundo matrimonio de D. Pedro I e falecida na Madeira, moça, moça.

Paquetá encantou Maximiliano. Percorrendo a ilha, entrou na casa da familia Araujo como um passeador qualquer à busca de nomenclaneo descanso. A familia recebeu o visitante com agrado e sem cerimonia. Ofereceram-lhe café, do colhido na chá-cara, café coado em sacco à moda nossa.

Ao retirar-se, agradecendo, Maximiliano deixou cartão de visita. Tanto este como a chicara da qual se servira o hospede de instantes passaram a guardados da familia.

Em 1867, imperador do Mexico, recebia Maximiliano morte ingloria. Tendo recusado evasão, preferio a morte, por fusilamento, ao lado de dois fieis generais mexicanos, Miramon e Mejia, nobres creaturas junto às quais Maximiliano encarou a morte com serenidade, coragem e raça.

PIO IX

Em 1825 passou pelo Rio de Janeiro monsenhor João Maria Mastai, em missão diplomatica no Chile alcançado ou pelo caminho rude dos Andes ou pelo móle e tormento do estreito de Magalhães.

Monsenhor Mastai celebrou no Rio de Janeiro, recolhido o calice de sua missa ao Tesouro Nacional. O viajante passou por Santos. Hospedaram-o os franciscanos da cidade. Monsenhor Mastai celebrou de novo na igreja bem franciscana de Santo Antonio, santo militarizado no Brasil.

Em 1846 morria Gregorio XVI. O seu antigo delegado apostolico no Chile tornou-se papa, foi Pio IX. Regeria a Igreja trinta e dois annos, vinte e quatro soberano temporal sobre espirital.

Unificou-se a Italia em 1870. Por protesto encerrou-se prisioneiro Pio IX, na grande prisão do Vaticano. Antes de aprisionar-se, Pio IX reuniu corpo diplomatico acreditado junto à Santa Sé, nele o baão de Alhandra ministro do Brasil.

Com nobreza de termos e suma compostura, Pio IX disse adeus aos diplomatas reunidos, adeus de soberano desapossado, de prisioneiro voluntario.

ALBERTO I

Deste hospede guarda o Rio de Janeiro recentissima memoria. O rei dos Belgas de pronto foi figura popular na cidade, atirando-se como qualquer banhista às aguas de Copacabana.

O proceder de Alberto I atraiu-lhe muita simpatia no Brasil, no momento da Grande Guerra. Nela avultára o rei dos Belgas no seu paiz, invadido, occupado a despeito de tratados reducidos a papel de trapo, embora a Belgica protestasse, reagisse para voltar hoje às condições de 1914.

Alberto I veio ao Rio de Janeiro com a sua rainha, Elisabeth: Em tudo ella seguiu o exemplo do marido na singeleza de modos sem perda de estirpe. Quem é, é. Empavonem-se os arrivistas.

O Rio de Janeiro já conhecia nas Laranjeiras a Bica da Rainha, em Inhauma o Engenho da Rainha. Memorias de D. Carlota Joaquina. O Rio de Janeiro, em Copacabana, ficara com a Avenida Rainha Elisabeth, no Leblon a Avenida Rainha Guilhermina, a holandesa.

A semi-explicada morte de Alberto I causou pezar no Brasil, onde, no Rio de Janeiro, o rei vivera alguns dias de seus não numerosos annos de nobre existencia.

DE AMICIS

O escritor italiano foi outrora conhecido desde a escola primaria brasileira. A sua traduzida obra *Cuore* servia de livro de leitura a pequenos escolares.

De Amicis amava girar pelo universo. Recolhendo impressões communicava-as ao publico, dizendo-as da Espanha, de Marrocos, de Londres, de Paris, de Constantinople. Ao Brasil legou Amicis algumas paginas no seu *Il Sogno di Rio de Janeiro*, que visitou correndo, passageiro do *Sirio*. Deixou entretanto da cidade bellissima descripção na pratica de ver depressa.

No Rio foi Amicis ao palacio de S. Cristovão saudar D. Pedro II e D. Teresa Cristina, felicitando esta por falar admiravelmente italiano. Acompanhado por um diplomata da legação italiana, Foresta, viu Amicis arregalarem-se os olhos do companheiro. Compreendeu sem palavras que fizera uma asneira. E melhor a comprehendeu quando à sahida Foresta lembrou-lhe que a imperatriz do Brasil era uma Bourbon de Napoles...

CLEMENCEAU

O *Tigre*, o *lombeur* de ministerios da terceira república francesa. Hospede do Rio de Janeiro, Clemenceau escreveu um livro sobre a America do Sul. E, cousa curiosa, sempre se lamentou por não ter escrito um romance e uma peça de teatro. Queixava-se também Clemenceau, medico e politico, das consultas de eleitores, das mulheres, dos parentes, aderentes e amigos de votantes. Se queria sufragios, se cortejava popularidade, tinha de dar consultas fosse como fosse.

Por conta propria, Clemenceau ia à estação de aguas em Marienbad onde encontrava o futuro Eduardo VII. O principe de Galles gostava da franqueza resmungona de Clemenceau. Conversavam sobre politica.

Numa palestra disse Clemenceau ao herdeiro presuntivo que a Inglaterra se não devia ficar apenas no poder naval, instituindo o serviço militar obrigatorio. "Trafalgar foi uma brilhante victoria naval, mas foi em Waterloo, uma bem pequena batalha, que a Inglaterra derreioi Napoleão". Terão hoje alguma applicação as palavras do aquatico de Marienbad?

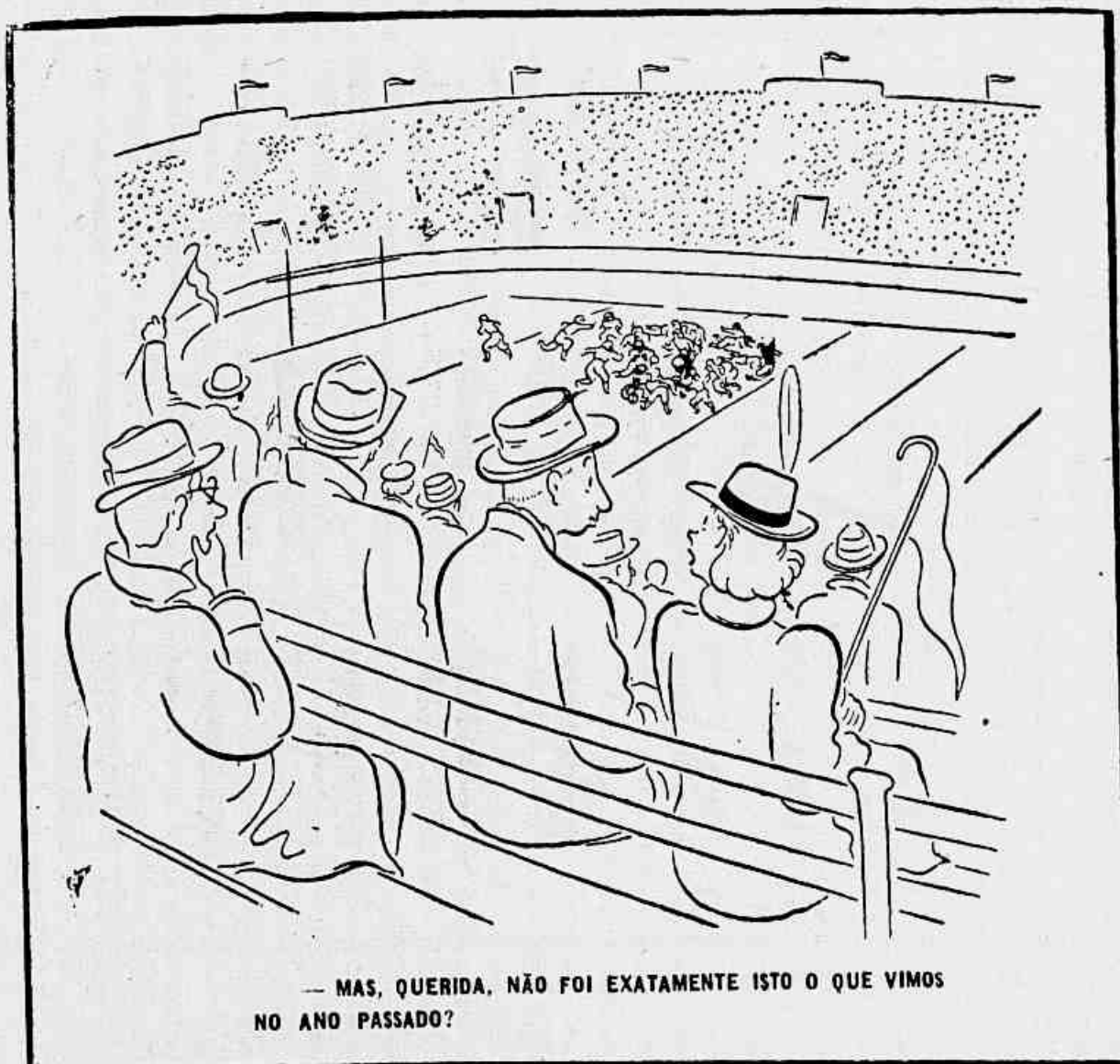
Na carreira politica do hospede do Rio de Janeiro, carreira de auge na Grande Guerra, houve peccado grande. Favorecendo a reeleição de Julio Grévy, Clemenceau impedio a eleição de Gambetta à presidencia da Republica Francêsa, posto à margem o salvador da honra da França em 1870 e 1871.

ANATOLE FRANCE

Visitou-nos quando de encomenda muito estrangeiro afamado vinha ao Brasil. Gostava de andar daqui para ali, dali para acolá. Anunciando conferencia no Teatro Municipal do Rio, o publico esperou um tempão pelo conferencista. Um orador quasi afonico explicou que o anunciado orador ainda não chegára de passeio à Tijuca. Afinal chegou e fatigado disse em voz baixa meia conferencia, meia pois se não a percebeu senão a espaços, o conferencista se utilizando muito do copo dagua. Pelo menos um presente na plateia não estranhou tanta sede no autor de *Les Dieux ont soif*.

GALERIA DE HOSPEDES

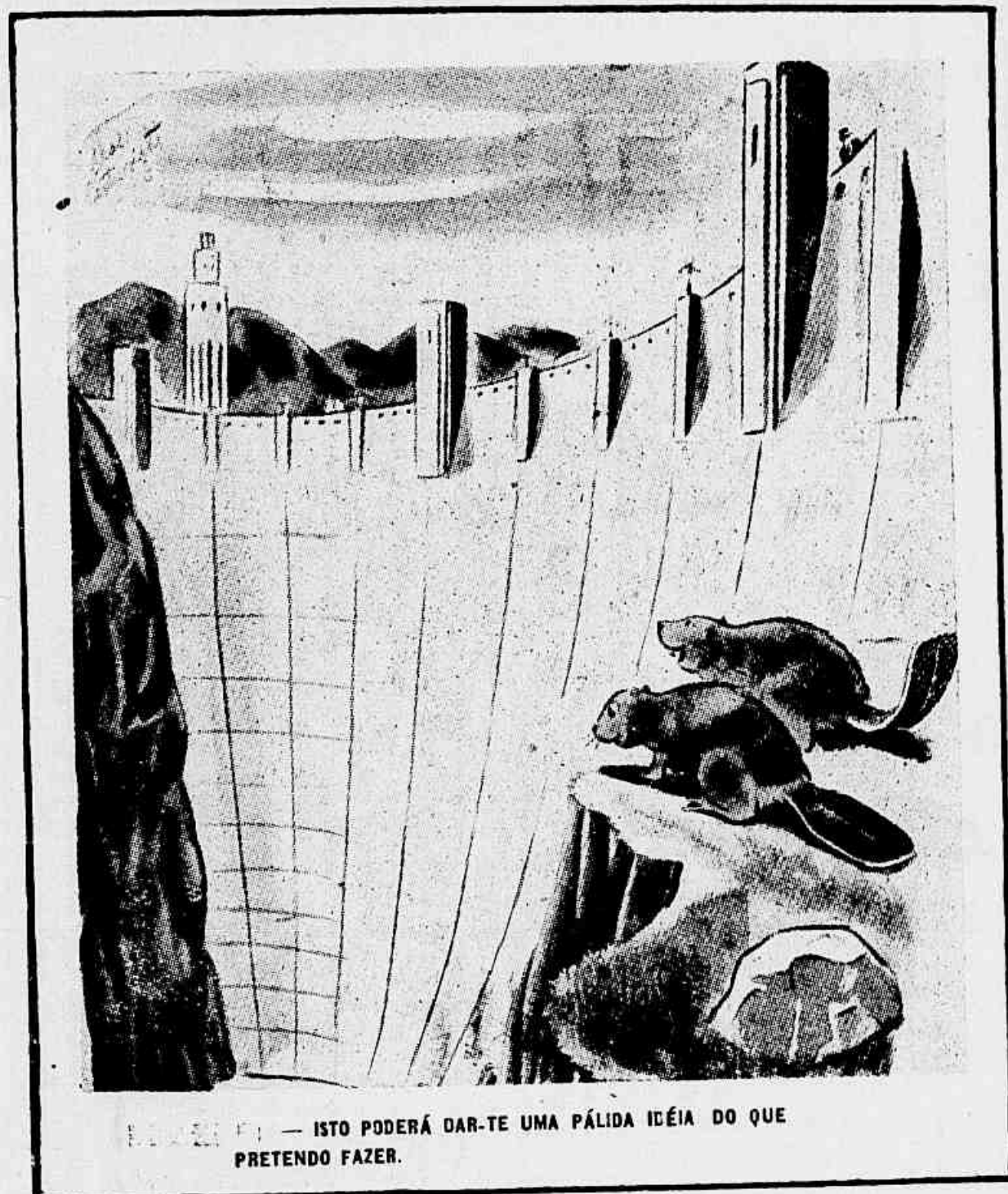
ESCRAGNOLLE DORIA



— MAS, QUERIDA, NÃO FOI EXATAMENTE ISTO O QUE VIMOS
NO ANO PASSADO?



— ALGUM DIA VOLTAREI A ESTE LUGAR PARA GOSAR AS
MINHAS FÉRIAS...



— ISTO PODERÁ DAR-TE UMA PÁLIDA IDÉIA DO QUE
PRETENDO FAZER.



— DIZ ELE QUE DOI MUITO, MAS AUMENTA INCRIVELMENTE
A VELOCIDADE.



— NÃO, VOCE NÃO
IRÁ INSPECIONAR AS
BARRACAS ENQUANTO
NÃO ARRUMAR ESTE
QUARTO.

**DE BOM
HUMOR**

A MAIORIDADE DA PRINCESA ELIZABETH

Por *Leslie Blanch*

(Copyright B. N. S. — Especial para REVISTA DA SEMANA)

LONDRES, ABRIL — No dia 21 deste a Princesa Elizabeth completou os seus dezoito anos, atingindo assim a maioridade. Esta é em geral alcançada aos vinte e um anos, mas na Grã-Bretanha a Realeza, com o seu espírito de dedicar as vidas dos seus membros ao serviço da Nação, abandona mais cedo os dias descuidados da juventude.

O destino histórico da Princesa sempre esteve presente no pensamento daqueles que mais influenciaram a formação da sua infância. Os seus pais, seus avós, Rei Jorge V e a Rainha Mary, tanto quanto os ministros de Estado e dignitários com os quais ela teve contactos mais íntimos — todos jamais deixaram de se preocupar com a responsabilidade de prepará-la para o seu futuro.

Agora que os deveres de guerra levam, às vezes, o Rei para o exterior foi solicitado ao Parlamento um decreto segundo o qual a Princesa fará parte do Conselho de Estado, durante as mencionadas ausências, e é desejo da própria Nação que a Princesa participe tão intimamente quanto possível dos negócios públicos. Embora não tenha feito ainda muitas aparições em público, a Princesa Elizabeth é muito conhecida do povo da Grã-Bretanha. Este ama a simplicidade, disciplina e, sobretudo, a liberdade que cercou a sua educação. Contudo, esta sempre esteve de acordo com os melhores princípios educacionais do país.

Poucas crianças, com os privilégios da Princesa, terão sido educadas de uma maneira tão simples. Poucas também cujas vidas tenham sido mais escrupulosamente divididas entre as rígidas disciplinas exigidas para o futuro exercício da autoridade e a alegria natural e livre que se considera um dos direitos nativos de cada criança inglesa. A educação da Princesa foi, tanto, quanto possível, uma educação normal, consistindo em história, geografia, línguas modernas, literatura, pintura, música e dança. As preferências da Princesa sempre foram pela música, equitação e natação, esportes estes que pratica com perfeição. Todos os esportes, aliás, ocuparam uma grande parte do seu tempo.

Ela e sua irmã, a Princesa Margaret, passaram um longo tempo na Escócia, onde aprenderam a pescar e a caçar. Ambas são *Girl Guides* (Escoteiras) e a Princesa Elizabeth organizou uma Companhia entre os filhos dos servidores de Buckingham Palace. Ao crescer, a Princesa aprofundou os seus estudos históricos. Sua preceptora, Miss Crawford, é uma escocesa titulada pela Universidade de Edimburgo. Atualmente a Princesa está tendo lições de História Constitucional da Inglaterra com o vice-reitor de Eton.

Há je no limiar da vida pública, a Princesa Elizabeth possui o belo tipo físico característico das mulheres inglesas. Tem pouco mais de um metro e sessenta centímetros de altura, um corpo esbulto e cabelos ligeiramente castanhos. Seus olhos são grandes, de uma cor cinzento-azulado, apresentando algo da candida beleza dos olhos de sua mãe. Há nela aliás traços de semelhança com sua mãe, sua avó, a Rainha Mary, e a sua trisavó, a Rainha Vitória. A sua alegria juvenil faz-lhe semelhante à sua mãe, mas a sua firmeza de propósitos e a sua aceitação da responsabilidade lembram o carácter da Rainha Vitória. Sob todos os aspectos, clamam as promessas da sua infância, quando como "Princesa Lillibet", como ela própria se intitulava, já era para a Nação "a criança dedicada".

A FAMÍLIA REAL DA GRÃ-BRETANHA. SENTADOS, O REI JORGE VI E SUA ESPOSA, E ATRÁS AS DUAS PRINCESAS. ESTE É UM RETRATO HISTÓRICO, FEITO JÁ EM 1944 E DESTINADO À DIVULGAÇÃO OFICIAL DA MAIORIDADE DA PRINCESA ELIZABETH.

ESTA É A PRINCESA ELIZABETH. CUJA DATA NATALÍCIA TRANSCORREU A 21 DO CORRENTE, QUANDO ATINGIU A MAIORIDADE, EMBORA APENAS COM DEZOITO ANOS. PERCALÇOS DA REALEZA TAL COMO SE COMPREENDE NA GRÃ BRETANHA.

UM PRECIOSO INSTANTANEO DA RAINHA ELIZABETH ENTRE AS DUAS PRINCESAS. ELIZABETH É A DA DIREITA. A IRMÃ, À ESQUERDA, É A PRINCESA MARGARET, MAIS MOÇA, MAS AMBAS EXCELENTES AMIGAS.



Coisas do Brasil



MUITA GENTE PELO MUNDO A FORA OSTENTA BRILHANTES E NEM SIQUER SUSPEITA QUANTOS ESFORÇOS ELES TERIAM CUSTADO. HA ESCRÍNIOS CHEIOS... CORÔAS DE REIS QUE DESLUMBRAM... ATÉ CRUZES HÁ DE BRILHANTES... E NO ENTANTO, PARA EXISTIR TUDO ISSO, O GARIMPEIRO SOFRE. MORRE SOTERRADO PELOS DESMORONAMENTOS... MORRE DE FOME E DE FEBRE. MORRE ESPOSTEJADO PARA SALVAR OUTROS GARIMPEIROS POR TER CAIDO NA FRENTE EM LUGARES PERIGOSOS... QUE IMPORTA? HA GORÔAS DE BRILHANTES... CRUZES DE BRILHANTES. ESCRÍNIOS QUE TRANSBORDAM... A ALMA DO GARIMPEIRO SERÁ SEMPRE UM ESCRÍNIO VASIO DE ESPERANÇAS. AQUI OS VEMOS, NESTE CURIOSO FLAGRANTE BATIDO NA BAHIA, NA REGIÃO DO ANTARÍ. ESSE É O RIO PARAGUASSÚ. A TURMA ESTÁ LAVANDO CASCALHO, O DORSO NÚ AO SOL CAUSTICANTE, A CALÇA ARREGAÇADA, A CABEÇA MAL COBERTA POR UM SIMULACRO DE CHAPÉU VELHO, AS MÃOS E OS PÉS MERGULHADOS NA AGUA, DE SÓL A SÓL, PROCURANDO A RIQUEZA QUE HA DE SER MAIS DOS OUTROS QUE DELE MESMO, O GARIMPEIRO BAIANO. E O FLAGRANTE REPETE-SE, CENTENAS DE VEZES POR DIA, NESSE BRASIL A DENTRO, EM GOYAZ, MATO GROSSO, EM REGIÕES DISTANTES, ONDE QUER QUE SE ENCONTREM BRILHANTES... ESSE É UM NOVO "MOTIVO" FOTOGRÁFICO EXTRAÍDO DO CORAÇÃO DO BRASIL, E, DESTA VEZ, BEM DO AMAGO DESSE CORAÇÃO. LÁ ONDE AS RIQUEZAS SE FORJAM AO CALOR TROPICAL E ONDE, UMA VEZ POR OUTRA, A PONTA DA FACA TAMBEM RESOLVE AS QUESTÕES MAIS INTIMAS OU MERAS QUESTIUNCULAS DE DINHEIRO...



NOS BASTIDORES FEMININOS

UMA PAGINA HEROICA

(Homenagem ao Corpo expedicionário feminino)

A matriz de São Cosme e Damião da vila de Igarapé chamava os paroquianos à missa dominical; eles vinham de todos os âmbitos da capitania: de Olin- da distante quatro leguas e de mais longe ainda. Mas havia dois anos que aquele badalar era triste, desolador, como um dobre funebre pelos bravos que tombavam na refrega ingloria contra o gentio. A guerra começara como simples escaramuças de bebedos e foliões da qual resultara a morte do filho do principal. A indiada alvoroçou-se, tribus inimigas se uniram para a investida deblaterando contra o invasor, que depois de apoderar-se da terra e nela lavrar, iniciava o ciclo da cana de açúcar e dos feudos dos senhores de engenho, como esse chefe branco Afonso Gonçalves, ao qual atribuíam o temulento caso. E havia dois anos já que os sitiados de Igarapé viam a fome esqualida e a voraginosa miséria passarem como um duende espectral sobre o povoado, as roças e canaviais incipientes ainda.

Todo o auxílio enviado de Itamaracá onde estavam os brancos de Pero Lopes de Souza, era dificultado pelos índios, que de tocaia esperavam os barcos e os afundavam, ferindo e, não raro, matando os remadores. Atacavam de surpresa a vila, e os redutos e paliçadas onde se acantonavam os combatentes.

Nas dessas escaramuças foi morto Afonso Gonçalves com uma flecha que lhe varou a cabeça entrando pelo olho. O chefe foi enterrado em sigilo absoluto; e de tal forma se conduziu a morte da vila, sendo cada qual chefe de si mesmo, e conscios de seus brios, que nunca desconfiaram os indígenas da morte do capitão branco. Foi nessa premente circunstância, no protetivo momento do maior perigo, da maior miséria e fome com que o bloqueio bárbaro ameaçava destruir a vila, que se mostrou em sua íscasica coragem, em sua invencível e indomita coragem, a mulher brasileira, cujo lar ruia sob o avalanche do número cem vezes superior do selvagem inimigo. Elas estavam sempre a postos, prestando seu auxílio, não somente como um exercito de vanguarda e de defesa passiva, mas como parte entrosada a sangrenta peleja. Ela era a combatente que depois se manifestou ainda, no heroísmo de Tejucupapo e Casa-forte. Não era só Maria Cesar, mãe heroica; era Clara Camarão, soldado raso do batalhão invencível e vitorioso; era a valente da luta de Montes Claros e Guararapes incitando à peleja os seus e substituindo-os quando se fizesse preciso.

E foi assim, naquele fúsculo entardecer, depois que a matriz de São Cosme e Damião já havia anunciado a hora cristã do Angelus, que um grupo de corajosas mulheres sibilou à fortaleza, para substituir os homens cansados da longa refrega e dizimados pela fome e pelas molestias que a miséria gera. Tomando nas frágeis mãos as toscas patazanas, elas renderam a guarda, ficando responsáveis por todas aquelas vidas entregues ao sono e cercadas, por todos os lados, por um inimigo solerte. E veio a noite, uma noite tenebrosa, sempre de expectativa angustiante, capaz de encobrir a mais negra trama, a mais insuspeitada emboscada. Do gentio capcioso, astuto e ignaro, ninguém sondaria nunca o mistério dos planos de combate e todas as armas, mesmo a traição, eram legais.

Atentas, as sentinelas do fortim velavam; para além das paliçadas, o silêncio era tetrico e amedrontante; de repente uma delas, ouvido aguçado, captou um leve ruído, um rastejar de sucuriju, que se aproxima, cresce, se desdobra; subito pela portinhola de uma peça, surge uma cabeça, agora elas surgem as dezenas por todas as portinholas e frestas; as mulheres enristam as patazanas, coem-se as sombras, esperam; quando os assaltantes já estão meio-corpo para dentro, uma dá o sinal da investida e elas avançam, varando-os de lado a lado. Mas não está conjurado o perigo, elas sabem que eles surgirão por centenas e milhares, julgando tomar de surpresa uma vila guardada por mulheres enquanto os habitantes dormem; então uma delas, largando a patazana, toma um tição e põe fogo à peça; um clarão fulgura e o estrondo ribomba por todos os âmbitos, acordando os combatentes e pondo em pé de guerra a vila de Igarapé. O inimigo debanda, fôge desordenadamente tomado de pânico, julgando ver na fortaleza uma legião de fantasmas temerosos.

E mais uma vez a mulher, voluntária de todas as lutas, cumpria o seu dever num singelo e obscuro heroísmo.



PARA A NOVA

Estação

JANET MACKENZIE

VEM vindo lentamente, em passos macios, o Inverno; já se anuncia com estas tardes quasi frias.

Devemos estar prontas para recebê-lo com todas as armas enristadas para combatê-lo, sem correr o risco das desagradáveis gripes, resfriados e outras pragas que o velho e reumático Inverno atira ao mundo.

Para este inverno teremos casacos dos mais variados gêneros, pois a moda está perdendo sua standardização; mas a maior tendência é para os casacos três quartos, quer os de corte reto quer os ajustados ao corpo.

Para os dias de temperatura amena eles devem ser simples, com pespontos, vieses, drapeados, nervuras e pregas; os bolsos são de feitios variados e de preferência grandes.

Para os dias muito frios, os casacos podem ser enfeitados com peles mas de preferência de pêlo curto por serem os mais praticos, porque podem ser usados em qualquer ocasião; assim poderão ostentar enfeites de *agneau-rasé*, astracán, nutria, bôão, arminho, etc...

Os casacos enfeitados com peles de pêlo comprido só devem ser usados com grandes *toilettes*, em reuniões elegantes, almoços ou jantares de cerimonia, pois são ostensivos demais e inadequados a *toilettes* simples, são eles: lince, lobo, raposa vermelha, azul ou prateada (*renard argenté*), etc.

Os costumes também apresentam grande variedade de modelos; as cores são quasi sempre escuras: violeta, marrom, azul, preto, ou cores pastel como o cinza azulado, o verde-agua, o *beige* rosado.

O costume classico de corte simples ou com algum enfeite de caráter militar, como as platinas, as insignias, é o preferido neste inverno. A mulher, não obstante a crise mundial e os seus trabalhos árduos de operária, tendo tantas vezes necessidade de envergarmos até o *overall*, não descuida o trito de sua elegancia e de sua beleza, pois ela sabe que está conservando e valorizando um dom que é divina preciosa e da qual a vida tanto precisa, nestes dias de horrenda *décadence* e fracasso do espírito humano, envolto no turbilhão dessa chacina tremenda.

AGASALHOS... PÉLES... RAPOSAS PRATEADAS, NEGRAS E CINZENTAS... GOLAS ALTAS... É A HORA DE MOBILISAR TODO O EXERCITO PARA O INVERNO QUE NÃO VEM LONGE, POIS O OUTONO ESTÁ DANDO UM AR DE SUA GRAÇA. QUE TAL ESTE AGASALHO DE DONNA REED (DA METRO)? NA CABEÇA, UM GORRO COM QUALQUER COISA DE SIBERIANO, HOJE MUITO EM MODA...



ESTE FOI O VESTIDO MAIS CARO QUE JÁ SE FEZ NA TERRA DO CINEMA. É CONFECCIONADO EM FÉLE DE "DONINHA" E TODO BORDADO EM PRATA. CUSTOU 12 MIL DOLARES À PARAMOUNT E SERÁ VESTIDO POR GINGER ROGERS EM "A MULHER QUE NÃO SABIA AMAR". BLUSA-SUA, ESTÁ EM "ASTRAKAN" OU MATERIAL AINDA MAIS PESADO, PRÓPRIO PARA AS NOITES QUE VEM.

NANCY COLEMAN (DA WARNER) EXIBE COM GRAÇA SENHORIL UM LINDO MODELO EM SEDA GROSSA COM AS LISTAS DE XADREZ E ISETIM; É APANHADO, O DECOTE, EM FRANZIDO PARA OS LADOS. NA FRENTE UMA LÍÇA SIMPLES DE VELUDO, UMA PEÇA DE LITÃO E LINDO PARA FÉLE FINISSIMO CASACO, DANDO LHE UMA NOTTA ORIGINAL. MANGAS COMPRIDAS E BEM JUSTAS.



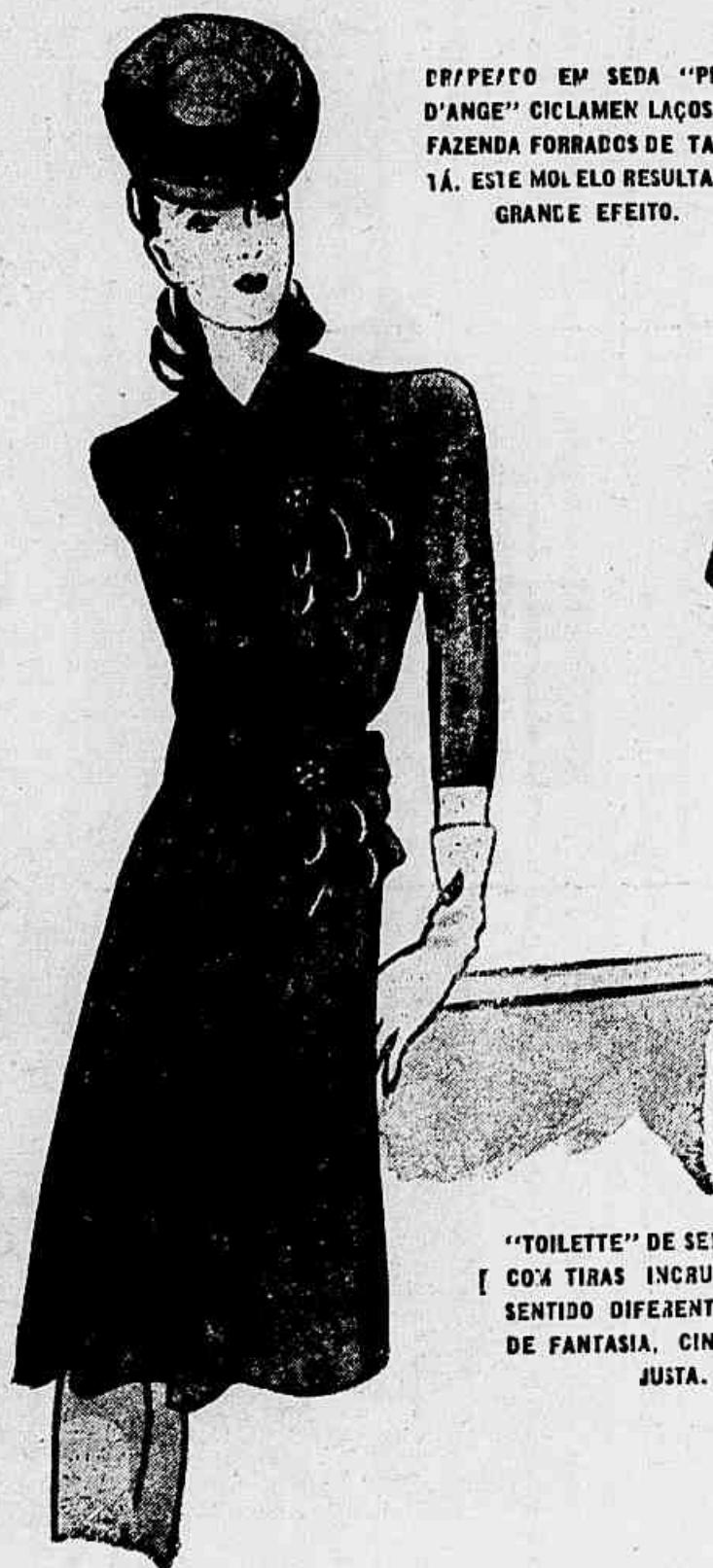


AQUI ESTÁ U'JA BELA "TOILETTE" DE LINHAS SOBRIAS E SUMA ELEGANCIA QUE ELLEN DREW APRESENTA. APENAS UM BROCHE DE ESMERALDAS E RUBIS EM ENGASTE DE OURO VELHO QUEBRA A LINHA DRAMÁTICA DO VESTIDO EM SEDA GROSSA E NEGRA. A CINTURA Á MODA "TÓUREIRO", É DE FATO ORIGINAL. CORTE SIMPLES, A SAIA CAINDO FOLGADA, AMPLA, SEM FOLHOS.



FRANCES GIFFORD, DE QUEM DAMOS, EM OUTRAS PÁGINAS, UMA SÉRIE DE MAGNÍFICOS MODELOS, CONSIDERADA A "MAIS BEM VESTIDA DO MES", AQUI ESTÁ CONFIRMANDO ESSA "PERFORMANCE". JAQUETA EM FAZENDA LISTADA, CHAPÉU "PANQUECA", SAIA CURTA, PRETA, COMBINANDO COM AS LUVAS E UMA "RAPOSA PRATEADA". NO PEITO, O SÍMBOLO DA AVIAÇÃO.

E AS PÉLES SIBERIANAS CONTINUAM EM DESFILE... AGORA É DIANA LEWIS, DA METRO, MOSTRANDO COMO SE PODE FAZER UMA "CABEÇA-DE-PONTE" DOS CABELOS COM O GORRO. OBSERVEN O EFEITO DE TIRAS, NO ESPELHO Á DIREITA. O CASACO DEVE SER BEM AMPLO, FAZENDO LEMBRAR AS REGIÕES POLARES ONDE OS POBRES URSOS DEVEM SER CAÇADOS PARA FORNECER ESSA ELEGANCIA.



DR/PE/CO EM SEDA "PEAU D'ANGE" CICLAMEN LAÇOS DA FAZENDA FORRADOS DE TAFETÁ. ESTE MOLELO RESULTA DE GRANDE EFEITO.



"TOILETTE" DE SEDA MARRON COM TIRAS INCRUSTADAS EM SENTIDO DIFERENTE. BOTÕES DE FANTASIA, CINTURA BEM JUSTA.



Os Chapéus estão também num período de grande transformação, com o advento do outono. Servindo de complemento aos modelos de vestidos espalhados por várias páginas desta edição, aqui ficam estes três distintos e interessantes chapéus; dois pôsacos por "estrelas" de Hollywood e o terceiro por uma profissional de modelos vivos. Ao alto, á esquerda, Diana Lewis (da Metro), que muito se parece com Joan Crawford, com um modelo curioso e muito bem posto. Em baixo, Frances Rafferty divulgando a grande moda das boinas de feltro, e á direita, em cima, Florence Reichman (modelo da Broadway) com uma combinação de gôiro e bolsa da mesma pele.

Chapeus

A C O N T E C E U N O R I O

Já existe um monumento á Vitória na Capital da República.

POUCA gente sabe a existência, na capital da República, de um monumento da Vitória. Quando mais se fala na Vitória, a propósito da guerra atual, foi o nosso antigo colaborador Escagnolle Doria quem, na edição de 4 de Março último, divulgou esse pequeno acontecimento, de tantos ignorado. E o mais curioso é que esse monumento conta "apenas" setenta anos de idade! Foi inaugurado quando terminavam os cinco anos de luta com o Paraguai.

Mas onde se encontra o monumento da Vitória? — ha de indagar, muito naturalmente curioso, quem nos lê. A resposta é fácil. Encontra-se no Andaraí Grande, a poucos minutos do centro, exatamente no morro de São João. A gravura mostra-nos o seu estado atual, não muito recomendavel, convenhamos... E' oportuno repetir a informação de Escagnolle Doria: "Na lista dos monumentos antigos do Rio de Janeiro, que saibamos, não tem figurado um inaugurado a 8 de março de 1874. Posto no morro de S. João, no Andaraí Grande, representava o Anjo da Vitória, e 1874 era época proxima da terminação da guerra do Paraguai. A "Memoria" do morro de S. João era de granito, cerca de 22 palmes, formando quatro planos, escadaria sobre base de forma oitavada. De um lado estava a corôa imperial do Brasil, do outro o retrato em relevo do Imperador. No restante, em relevo, havia folhas de carvalho, circulando um anjo. A inauguração da "Memoria" foi presidida pelo ministro da Agricultura, conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, membro do gabinete Rio Branco, e presenciada por gente grada entre a qual Fieire Alemão. No antigo Andaraí Grande era principal via publica a rua Barão de Mesquita, o Andaraí Pequeno, indo da Fabrica das Chitas, pela rua Conde de Bomfim, até à raiz da serra da Tijuca de tão imponente fecho ao bairro".

E aí está como de um simples registro das reminiscencias do nosso preclaro colaborador pouco extrair-se essa preciosa descoberta que, por certo, interessará mesmo à Municipalidade. Não tardará, com o fim da guerra, que outros monumentos sejam levantados á Vitória pela qual ambiciona o mundo inteiro; mas, por isso mesmo, interessa saber-se que um já existe, aqui mesmo, no Rio, ha sete décadas, embora para comemorar a vitória de outra guerra na qual o Brasil participou e que também venceu.



Assassinos de sobra

(Continuação da pag. 29)

firma, que inevitavelmente ficaria desacreditado, que o aligila.

E assim ficou resolvido que Pyelaw morreria.

Uma dificuldade apresentou-se, logo a princípio — empecilho de notável importância e que poderia prejudicar seriamente a execução perfeita do plano. Como todo cidadão respeitador da lei, Cox não tinha a mínima idéia de como infringi-la, e destarte achou singularmente difi-



cil encontrar uma arma que combinasse o máximo de eficiência com o mínimo de risco. E, às voltas com venenos e armas brancas, revólveres e carabinas, o sr. Cox chegou à conclusão de que é impossível cometer um crime perfeito, conclusão esta que talvez não seja original mas que, como todo lugar comum que se preza, encerra uma boa dose de senso comum.

II

E' certo que o inspetor Parbold se orgulhava da elegância de seu porte, mas não devia isso ao esforço de um alfaiate. Além do mais, mesmo na hipótese de ser forçado a recorrer aos serviços de um membro dessa honrada classe para endireitar-lhe o corpo à custa de pano e linha, nunca iria procurar "Cox & Pyelaw". O estabelecimento orgulhava-se, entre outras coisas, da sua lista de preços, e esta, que o inspetor tivera oportunidade de ver, era verdadeiramente proibitiva, pelo menos para um modesto policial.

Por tudo isso, o inspetor sorria ironicamente ao marcar uma hora com o sr. Cox para a encomenda de um terno.

Havia sete meses já, morrera Pyelaw, sócio de Cox, e era justamente a respeito dessa triste ocorrência que o inspetor queria falar com Cox. Conhecendo, porém, os possíveis prejuízos que causaria à casa a visita de um detective em caráter oficial, valera-se daquele subterfúgio para poder falar em particular com o alfaiate.

— Em que lhe posso ser útil, inspetor?

— Somente algumas perguntas para o nosso arquivo, sobre o caso do seu sócio.

— Ah, sim. Muito triste, muito triste, não há dúvida. E que deseja o senhor saber?

— A viúva foi para o estrangeiro logo depois da morte do marido. Poderia fornecer-me o endereço dela?

— Decerto não será preciso incomodar madame Pyelaw, não é? Ela está com a minha irmã, em Paris, e aqui tem seu endereço. Mas si puder evitar escrever-lhe ficarei muito grato. Madame Pyelaw está muito abatida e foi para fora justamente para esquecer a tragédia cuja lembrança suas perguntas viriam reavivar.

— Compreendo perfeitamente.

— Qualquer coisa que o senhor deseje saber, pode perguntar a mim. Torno a pedir-lhe que só fale com ela em último recurso.

— Muito bem. Tenho aqui umas notas fornecidas pelo colega que foi en-

carregado da investigação. Parece que, a princípio, não se sabia si fôra suicídio ou acidente. Antes de fazer as perguntas resumirei os acontecimentos para que o senhor verifique si a informação que temos está correta. O senhor fôra passar o fim de semana em companhia do casal Pyelaw, na propriedade que o seu sócio possuía, perto de Rottingdean. No dia da tragédia o sr. Pyelaw fôra a Londres a negócio e voltara mais ou menos às seis horas da tarde, muito irritado...

— Ele não estava propriamente irritado... Tanto eu como madame Pyelaw achámos que estava um tanto excitado... nervoso...

— Perfeitamente, perfeitamente. Ele tomou um whiskey e disse à esposa que jantariam mais tarde, pois tenconava nadar um pouco.

— E' verdade. Ter-tei convencido de que isso seria uma loucura, sabendo que depois de um whiskey ele não podia nadar. Tinha certeza de que ele se sentiria mal. Entretanto insistiu não só em nadar como — para mostrar-me, como disse, que whiskey não lhe fazia mal — tomou mais uma dose.

— Foi então que o senhor decidiu acompanhá-lo?

— Sim. Tinha tomado banho depois do almoço, mas, em vista da decisão dele, resolvi acompanhá-lo. Não sabia o que ia acontecer, mas tinha um pressentimento...

— E' verdade que ele nadava melhor do que o senhor?

— Sim, Pyelaw era um ótimo nadador. Isso, é claro, quando estava bem de saúde. Naquele dia ele não só se achava muito preocupado como bebera dois whiskeys.

— Entretanto insistiu em afastar-se muito da praia...

— Sim. Gritei que a praia estava deserta àquela hora e que não poderia acompanhá-lo até muito longe, porque era perigoso e eu não nadava muito bem. Ele, entretanto, não me deu ouvidos. Ou fingiu que não me ouvia...

— Continuou a nadar...

— E eu segui-o como pude.

— Quando descobriu que ele estava se afogando?

— Foi pouco depois. Tentei alcançá-lo, mas já estava muito longe e eu tinha um pedaço considerável a nadar. Quando cheguei onde o vi afundar, foram inúteis todos os esforços para encontrá-lo.

— Isso está bem claro. Si não me engano, durante a investigação, o detective que a estava conduzindo elogiou-o e disse que o senhor tinha feito o possível, em face da obstinação do seu amigo...

— Muito obrigado. Eu confesso que tive escrúpulos. Pensava que não tinha feito todo o possível. E sentia remorsos. O senhor compreende, não é verdade?

— Compreendo perfeitamente, mr. Cox, mas há uma coisa que eu desejaria perguntar-lhe. Peço-lhe, entretanto, que compreenda a minha posição. Eu tenho o dever de fazer-lhe esta pergunta. E' uma indiscreção absolutamente inevitável, Sr. Cox...

O detective estava evidentemente muito embaraçado e não sabia como formular a pergunta.

— Sr. Cox, entre o senhor e madame Pyelaw, alguma vez existiu... bem, quero dizer...



— Meu caro inspetor, o que o senhor insinua é terrível. Considero a sua atitude...

— Perdão, sr. Cox. Não quis ofendê-lo, nem foi minha intenção insinuar que... que, enfim, havia alguma coisa de vergonhoso. Mas, sejamos francos, senhor Cox. Somos ambos homens mundanos e podemos compreender certas coisas... Isto é... Bem, queria perguntar-lhe si, no caso de madame Pyelaw ser viúva, o senhor teria razões para sentir-se atraído pela sua...

— Basta, inspetor. Compreendo onde o senhor quer chegar e posso responder-lhe desde já. Nego peremptoriamente que houvesse qualquer entendimento dessa ordem entre eu e madame Pyelaw; e nego que estivéssemos esperando a morte de Pyelaw para casarmos.

— Senhor Cox...

— Um momento. Deixe-me terminar. Entre madame Pyelaw e eu havia uma grande amizade, reflexo da amizade que, desde menino, me ligava ao marido dela. E ainda digo mais: meu amigo, que era muito ciumento, nunca teve razão de queixa da sua esposa, nunca duvidou da sua fidelidade.

— Muito agradecido, sr. Cox. Isto significa, então, que ela só decidiu casar-se com o senhor depois da morte do marido, isto é muito recentemente?

— E' verdade. De qualquer maneira não nos casaremos por enquanto. Esperaremos, no mínimo, que passe um ano. Agora queria perguntar-lhe uma coisa, inspetor. Como soube que nos íamos casar? Só eu e ela sabíamos disso.

— A polícia, sr. Cox, tem meios de saber das coisas... Agradeço-lhe mais uma vez por ter respondido minhas perguntas com tanta franqueza. Passe bem.

— Adeus, inspetor.

O policial retirou-se, deixando o alfaiate pensativo...

III

E' evidente que a noite que se seguiu à entrevista com o inspetor não foi das mais agradáveis para Cox. Passou, mesmo, quase metade dela em claro, tentando descobrir como teria chegado aos ouvidos do inspetor a notícia do seu casamento. Mas — coisa estranha — não sentia remorsos. Sabia que Deus o ajudara, apontando a maneira possível de eliminar o sócio, sem ter que recorrer à violência.

Desde a morte de Pyelaw, Cox fre-

quentemente meditava sobre a infinita sabedoria e bondade de Deus. Porque ele tinha desejado ver um homem morto e este homem morrera...

Tudo o que fôra dito na investigação era pura verdade, com exceção de um detalhe simples.

Cox não tentara convencer o amigo de que não devia beber o segundo whiskey. A teimosia de Pyelaw se encarregara do resto. Nadara para bem longe. E Cox, modesto como era, não calculara bem as suas habilidades de nadador... Não pudera chegar a tempo... As ondas eram grandes e ele não tinha muita pressa...

Assim morrera o sócio sem que ele tivesse parte ativa nisso. Não era, pois, um assassínio.

Entretanto, uma coisa o preocupava. Quem teria escrito ao inspetor? Quem teria tentado destruir a sua felicidade, custosamente ganha, com uma suspeita terrível?

Não podia atinar quem fôsse. Violeta não seria, sem dúvida. Ela aceitara a morte do marido como um castigo de Deus, pelo mal, que ele tinha feito. E estava longe de acusar Cox de ter tido alguma coisa a ver com a morte do amigo, a não ser nas suas meritórias tentativas para salvá-lo.

Talvez fôsse a irmã de Pyelaw. Cox conhecia-a muito pouco, mas isto lhe bastara para conhecê-la bem. Era uma dessas solteironas que de inveja ficam a suspeitar de todos de manter relações pouco decentes, só porque não tiveram a oportunidade de fazer o mesmo. Isto, que pode parecer desmedida severidade, é a expressão da verdade, como ficou comprovado mais tarde.

Ainda muito nervoso com a visita do policial, cujo resultado se fazia esperar, o que não deixava de ser inquietante e significava que ele estava ainda investigando o caso, Cox resolveu ir a Paris.

Violeta era muito alegre, mas a tragédia a abatera e Cox teve um choque ao vê-la magra e de olheiras.

— Por que veio? Não me escreveu, prevenindo...

Cox olhou para ela, sem saber o que responder.

— Quería vê-la. Não é natural? Pensei que você ficasse contente com a minha visita...

— Você não compreende! Não quero tornar a vê-la. Ia escrever-lhe amanhã mesmo para dizer-lhe que não posso casar-me com você... Não pode ser...

As lágrimas da noiva impressionaram Cox, porém o que realmente o fez desconfiar que alguma coisa de grave acontecera, foi ter ela se desvencilhado bruscamente quando ele lhe tomou a mão.

De repente, teve a certeza de que se enganara. Violeta sabia que ele quisera matar o marido. Há muitos meios de ler olhares... Mas, como fazê-la acreditar que ele não afogara propositalmente o sócio? Como tranquilizá-la?

Cox preparou-se para contar-lhe toda a verdade. Talvez assim, vendo a sinceridade dele, ela se convencesse. Estava disposto a confessar que realmente quisera matar Pyelaw, mas que não chegara a fazê-lo.

Não chegou a falar. A confissão dela chegou primeiro.

(Concluz na pág 42)

O QUE SE DEVE evitar

SILVIA ROGER

Querida M. Cristina.

Você me pergunte o que vem a ser *snobismo*, pois conhece alguém que gosta de empregar esse termo a propósito e sem propósito algum.

O snobismo, minha gentil leitora, é, quasi sempre, uma doença que ataca de preferência pessoas ditas da elite, gente que vive acaçapada sob o peso de uma pragmática de índole puramente mundana, de sentido estritamente social. O snob, limita-se a copiar, decalcando-os, modos e modas quasi sempre importados de grandes centros culturais; o que não quer dizer que ele assimile qualquer cultura, séria a não ser o manejo de algumas linguas e conhecimentos gerais, sobre assuntos que não é *chic* ignorar...

Vou fazer uma breve parábola, a vêr si fica mais claro o que desejo que você entenda: dizem que, si traçarmos no chão um circulo de giz e nele puzermos um Perú, ele esturra, se empaveza mas não sáe do lugar.

Como o Perú, roda enfunado no restrito âmbito das suas prosapias o nesp snob.

Contem que Panurgio, um pastor grego, tinha entre suas ovelhas um carneiro en-diabrado, irônico como um Shaw, ou satírico como Voltaire, e que, para dar expansão



ROSALIND RUSSELL, DA COLUMBIA, E' DA TERRA ONDE O ESPÍRITO DE INICIATIVA, ORIGINALIDADE E ABSOLUTA LIBERDADE NÃO DÁ MARGEM AO SNOBISMO. ELA É SIMPLES E POR ISSO MESMO SEMPRE AGRAÇA EM SEUS PAPEIS.

so seu temperamento e à sua personalidade, costumava pregar peças ridículas e engraçadas às ovelhas suas irmãs. Tendo adquirido um prestígio que lhe dava foros de *super* entre seus pares, ditava modos e costumes, fazia, por vezes, cousas que punham tonto o pobre Panurgio. Si o carneiro varava, como uma flexa, a fresta de um muro, por ela expremiam-se as outras, feiindo-se e sufocando-se; si ele furava ágil a fogueira, acêsa para espantar os lobos, lá se chamuscavam as outras no tropel de segui-lo. Assim embarcam certa vês para transpôr o rio, em demanda de outras paragens mais verdes e eis que de repente uma idéia satânica risca a mente do maioral e ele atira-se à água, para transpor a nado, qual um moderno Wasse-muller, a torrente larga, mas desta vez o perigo é visível, é grande e com certeza...

O quel Todas?

Sim todas, de uma marrada, nos tabiques do barco, o destróem e em atropelado arranco, vão-se à água. E por que não?

O carneiro de Panurgio ficou celebre nos anais da lenda como simbolo picaresco. E as ovelhas de Panurgio são ainda pastoreadas no grande mundo dos *snobs* por um grão-visir impalpavel e invisível, uma sombra do carneiro de Panurgio que todos imitam estouvadamente, como se nos olhos tivessem uma venda.

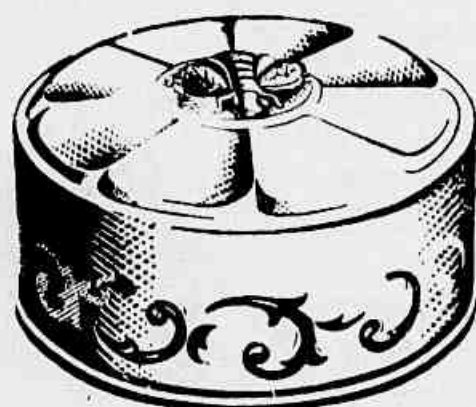
E de fato o snobismo, nada mais é do que uma venda sobre os olhos dos mediocres.

É claro que a humanidade evolúe e nós temos, necessariamente, de seguir a marcha dessa evolução; imitar aquilo que nos pode proporcionar conforto, alegria ou mesmo elegancia ou elevação material, mas daí a deixar-se absorver pelo restrito ponto de vista de um determinado circulo de giz, vai distancia e está claro que não é nada desvanecedor ser um simplorio e enfunado Perú. Cada creatura humana vale pelas qualidades e dons que Deus lhes deu e que são perenes, como a inteligencia, a bondade, a simplicidade, a saúde, a alegria de viver; porque aquilo que o mundo dá, éle mesmo o converte em pó.

Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

33 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND

Não deixou endereço

(Conclusão da pag. 18)

E, com isso, esquecia Francisco, não respondia às cartas que ele mandava.

Certo dia descobri, na penteadeira de Evelina, uma carta aberta dele. Reclamava. Por que não lhe escrevia? Esquecera-o?

As nossas letras eram parecidas... Ninguém saberia... Não poderia deixá-lo sofrer...

Depois de escrita a carta, chorei. Não sei porque. Talvez fosse porque tinha que renunciar à minha personalidade para agradá-lo, tinha que imitar Evelina.

Um dia não pude conter-me e contei tudo a ela. Evelina achou que não fizera nada de mau; consolara-o. Aconselhou-me até a continuar a escrever. E eu, apesar de reprovar a atitude, não tive a coragem de interromper a correspondência.

Mais tarde soubemos que Chico fôra ferido.

Trazido às pressas para casa, ele reclamava a nossa presença. Fui com mamãe e Evelina.

Não entrei no quarto dele. Preferi ficar do lado de fora, pronta a ajudar se fosse preciso, mas sem coragem de enfrentá-lo.

Foi Evelina quem me veio buscar. Levou-me pela mão até junto dele.

— Aquí está' ela, Chico. Germana, o Chico anda reclamando a sua presença desde que nós chegámos.

Olhei para ele, surpresa.

— As cartas, sabe? murmurou o enfermo.

— Sim...?

— Eu sei de tudo... Ninguém me disse. Adivinhei...

A fraqueza venceu-o! adormeceu. Mas o sorriso que me deu dizia tudo. Desde então não abandonei mais a sua cabeceira...

ASSASSINOS DE SOBRA

(Continuação da página 40).

— Willie, seja razoável. Fique quieto enquanto eu lhe conto uma coisa muito importante. E, por favor, não tente interromper-me. O que eu tenho a dizer é da maior importância para nós ambos. Não posso casar-me com você porque não sou digna de casar com um homem honesto.

— Violeta!

— Por favor, Willie, eu já lhe pedi que não me interrompesse...

— Mas querida, isto é inacreditável...

— E' a pura verdade. Meu marido não morreu afogado. Não foi uma calúnia que o fez afogar-se. Lembra-se de que ele pediu outro whiskey porque o primeiro estava com mau gosto? Pois bem. Eu tinha posto... uma coisa dentro da primeira dose...

Cox tentou acalmar-se. Mas, de repente, lembrou-se da voz pausada do inspetor explicando que só precisava de uns esclarecimentos e fazendo perguntas, muitas perguntas que não tinham nenhuma razão de ser, a menos que...

Violeta não devia saber da visita. Que coisa horrível! refletia Cox abismado.

— Tivemos uma discussão na véspera da morte dele, contou Violeta. Não pense que foi sobre nós dois. Ele não sabia nada disso. Falou sobre a alfaiataria, você e o velho Choak... Disse que vocês dois queriam botá-lo para fora da firma. Eu expliquei que a proposta feita por vocês era proveitosa para ele, que, abandonando o negócio, ficaria com um rendimento maior do que o seu. Ele irritou-se com isso. Disse que preferia perder tudo a consentir que o velho Choak se tornasse sócio da firma... Não parava mais de falar. Eu já estava cansada. Quando ele voltou de Londres com aquele ar irritado, eu vi logo que teríamos outra cena, naquela mesma noite, com

toda a certeza. Não queria matá-lo. Nunca pensei que ele morresse daquela maneira. Não sabia que ele ia resolver tomar banho de mar logo depois de beber o whiskey. Queria descansar, ao menos por uma noite, das intermináveis discussões que ele tinha um prazer especial em prolongar. Queria que ele fosse dormir e me deixasse em paz. Tomei três tablets de aspirina e pulverizei-as. Em seguida deitei o pó no whiskey que ele tomou. George não podia tomar aspirina sem ter sono. Quando não podia dormir tomava um tablete e adormecia. Tomou três tablets e foi nadar e... depois não voltou mais. Não posso casar-me com você, Willie. Você compreende, não é verdade? Matei-o. Involuntariamente, mas isso não chega. Não posso tirar nenhum proveito da morte dele. Minha consciência não o permite...

Houve um silêncio.

— Violeta...

— Willie, por favor, não insista mais. Eu já decidi. Não há nada que me convença de que não sou responsável pela morte de meu marido.

— Mas, Violeta, há vários meses que isso aconteceu. Por que você não me contou tudo antes de partir para Paris?

— Recebi uma carta de Scotland Yard. De um inspetor... qualquer coisa... Vou confessar tudo...

Cox tentou confortá-la, mas foi inútil. Violeta chorava e abanava a cabeça.

— Não, não. Vá-se embora, Willie, enquanto eu ainda tenho coragem. Si você me obrigar a me casar com você os remorsos me atormentarão para o resto da vida.

Finalmente, depois de ter convencido Violeta de que deveria esperar um pouco antes de tomar qualquer decisão, Cox voltou para a Inglaterra.

Não estava, porém, inteirado de tudo. A noiva escondera muita coisa dele.

Não lhe dissera, por exemplo, que a entrevista solicitada por carta já tivera lugar e que o inspetor a obrigara a assinar uma autorização para mandar exumar o corpo de Pyelaw.

IV

O inspetor Parbold, em conversa com o inspetor Crust, confessou que nunca, na sua longa experiência, investigara um caso mais complicado.

— Depois que recebemos a carta da irmã do sr. Pyelaw, era preciso tomar providências. Mas, francamente, eu acho que teria sido muito melhor para todos si as coisas ficassem como estavam.

— Mas, escute aqui, Parbold, em que pé estão as investigações, agora?

— Começamos com um caso de afogamento por acidente e agora temos nas mãos um homicídio que data de sete meses, o que complica, singularmente, a nossa tarefa...

— Então Cox matou o sócio...

— Nada disso. Ele pensa que matou, mas não matou. Odiava o sócio e, ao vê-lo afogar-se, não tentou salvá-lo. Veio aqui outro dia e confessou tudo. Os remorsos o atormentam. Entretanto, como expliquei a ele, seria muito difícil pro-

var que ele realmente deixara o seu amigo morrer. Porque somente uma confissão não basta, é preciso ficar provado que o crime realmente podia ter ocorrido conforme aquele que confessa ser seu autor diz. Ora, as ondas eram muito altas, o mar violento, e um advogado hábil diria que, por excesso de escrúpulos, em vista da situação, Cox **pensava** ter deixado Pyelaw morrer. Aliás não há lei que obrigue um homem arriscar a vida para salvar a de outro, e Cox, só pelo fato de ter entrado náguas àquela hora, já estava arriscando a vida. Tudo isso eu disse a ele. Cox pareceu um pouco desapontado. Não sei por que. Isto é não sabia, porquanto hoje pela manhã recebi a visita da viúva e percebi que Cox tentava agravar as provas contra ele, para salvar madame Pyelaw. Sim, porque contra ela também há provas. Imagine você a minha surpresa ao ouvir da boca da mulher de Pyelaw a confissão de que era responsável pela sua morte. Chegou aqui toda chorosa e disse que era uma assassina.

Matará o marido.

— Como? perguntei eu, surpreso.

— Com aspirina", respondeu ela, calmamente.

— Com o que?

— E' isso mesmo. Com aspirina. Eu também não acreditei a princípio. Mas ela explicou. Colocara três tablets de aspirina no whiskey do marido. E' uma história muito triste que não interessa repetir. Finalmente mandei-a para casa, e ela partiu, também muito desapontada por não poder competir com madame Lafarge...

— Que história complicada!...

— Mas você ainda não ouviu o melhor. Descobri, por meio da autópsia, que Pyelaw morreu **ENVENENADO COM ARSÊNICO**!

— O que?

— Isso mesmo. E mais: o verdadeiro criminoso, terceiro a confessar, acaba de contar como obteve o veneno.

— Quem é ele?

— O velho Choak.

— Meu Deus! Mas isso é inacreditável!

— Pode parecer, mas é a pura verdade. Já o prendi. Ele confessou que precisava de dinheiro e que, entrando para sócio da firma, poderia obtê-lo facilmente, porém Pyelaw era contrário a isso e estava disposto a sacrificar tudo, contanto que Choak não conseguisse o que queria. Na manhã da morte de Pyelaw, estiveram juntos e houve nova discussão. Isso num café. Na xícara de Pyelaw o velho Choak colocou uma dose de arsênico que possuía há muitos anos. Seu pai, que era farmacêutico, lho dera de presente. Um presente estranho, mas não há dúvida quanto à autenticidade da história. Todos, na alfaiataria, sabiam disso, e brincavam com Choak por causa do veneno que possuía...

Mal acabava o inspetor de falar e ainda não tinha o seu interlocutor recuperado a serenidade depois da surpresa de saber que o velho Choak que tanto estimava matara o seu patrão, entrou um investigador com um papel. Parbold tomou-o e leu. Depois, sem uma palavra, passou-o a Crust, que o segurou, curioso.

Um espectador que não soubesse a causa do desespero dos dois policiais,

pensaria, sem dúvida, que a mulher de ambos os tinham abandonado ou coisa semelhante. Mas o fato era ainda mais grave, porque naquela pequena folha de papel havia um nome que destruíra as teorias de Parbold e que o obrigava a recomençar as investigações do princípio.

Analisado o pacote de arsênico que Choak possuía, o químico encarregado tivera uma surpresa. O pó que lhe tinham dado era bicarbonato de sódio,!!!

Creio que si o correio tivesse chegado atrasado naquela tarde, o inspetor e o colega estariam, neste momento, contemplando o mundo através das grades do hospício, ambos metidos em camisas de força.

Porém o Departamento de Correios e Telégrafos de Sua Majestade Britânica é muito eficiente. E a solução chegou a tempo.

Era uma carta de Pyelaw, dirigida ao inspetor.

"Esta carta deve ser entregue ao inspetor Parbold, si houver alguma dúvida sobre a minha morte, por afogamento, no dia 12 de Agosto.

Caro amigo:

Confiarei esta carta a meu advogado, para ser entregue somente si for necessário. Depois de enviá-la vou para a minha casa de campo em Rottingdean e lá me suicidarei.

Mesmo que Cox esteja lá e me acompanhe, morrerei, primeiramente porque nado melhor do que ele e me afastarei de mais para que possa me alcançar, e em segundo lugar porque tomarei, com uma dose de whiskey, o arsênico que há mais de uma semana roubei do velho Choak, substituindo-o por um pacote parecido contendo bicarbonato de sódio.

Por que vou morrer?

Meu amigo, eu só fiz a infelicidade de quem teve a desventura de ser obrigado a conviver comigo. Muitas vezes sentia que estava procedendo mal, mas não podia evitá-lo. Era mais forte do que eu. Por isso resolvi matar-me. Desaparecido o obstáculo, todos serão felizes. Sim, eu sou um obstáculo. Obstáculo para que Choak se torne sócio, e obstáculo para que minha mulher se case com o homem que realmente ama. Ela pensa que eu não sei, mas já percebi que está apaixonada por Cox, e uma das únicas coisas boas que fiz nessa vida foi fingir que não vira isso.

Escrevo esta carta, porque conheço o temperamento de minha irmã e sei que depois de minha morte ela agitará a questão e talvez alguém venha a ser acusado de ter-me assassinado. E' preciso evitar isso a todo o custo.

Adeus! Perdão!

George Pyelaw."

— Não tinha razão quando dizia que era melhor que as coisas tivessem ficado como estavam? perguntou Parbold depois.

— Nada o obriga a publicar a carta...

— Mas resta a infelicidade que causou a investigação...

— E a felicidade que virá com a revelação da verdadeira causa da morte de Pyelaw?

— E' verdade. Você tem razão.

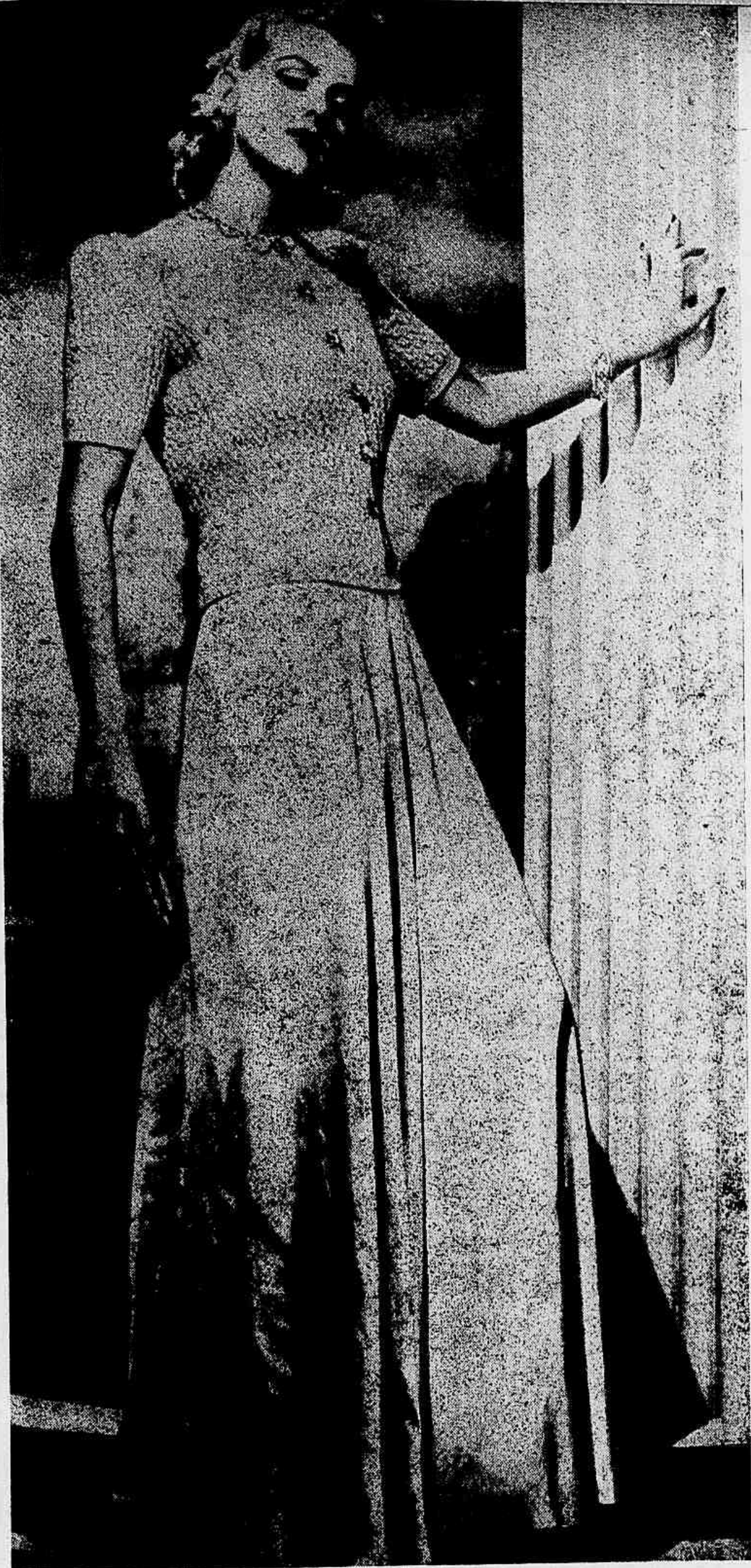
Tomando o telefone, o detective fez três ligações. Uma para a alfaiataria, outra para a casa de madame Pyelaw e uma terceira para a delegacia onde estava detido o velho Choak...

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Popolo
BANKETS

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.



Um casaco de tricot para baile

É realmente uma novidade este elegante casquinho de *tricot* para bailes, jantares e outras reuniões elegantes.

Executa-se em lã e seda *bouclée*, com arremates em fio prateado e botões em *strass*. Pode ser tecido em qualquer ponto de fantasia, delicado, como por exemplo:

Ponto de arroz 1 direito, 1 avesso, contrariados em todas as carreiras. Fantasia 1.^a, 3.^a, 5.^a carreiras: 1 avesso, 3 direitos. 2.^a, 4.^a e 6.^a os pontos sem contrariar. 7.^a, 1 avesso, 1 diminuição dobrada. 8.^a, 3 pontos em 1 — faz-se 1 direito tomando o ponto naturalmente, 1 direito tomando o mesmo ponto por trás e mais 1 como o primeiro, depois 1 direito.

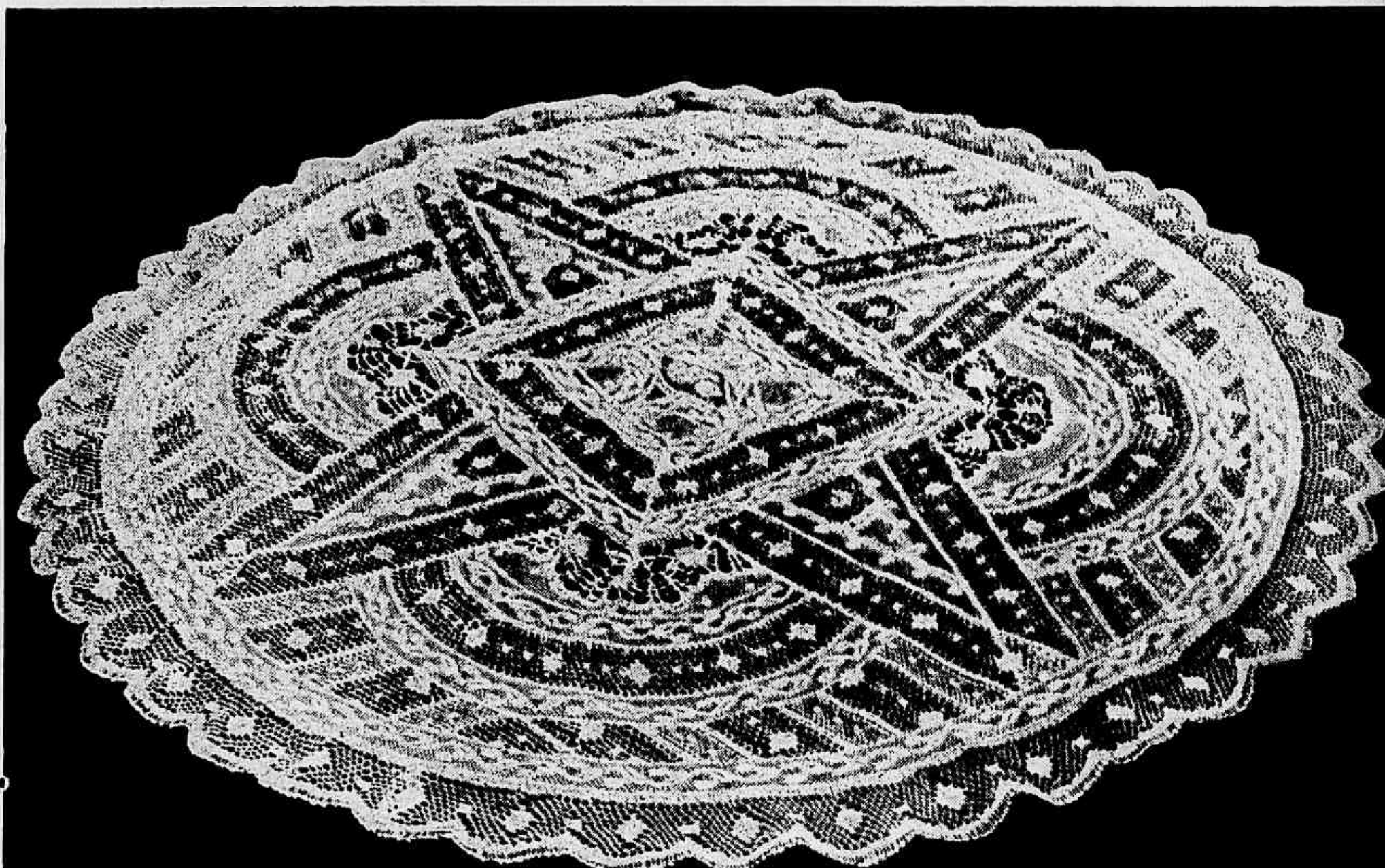
O fio prateado pode ser entremeado continuando o ponto de *tricot* de 3 em 3 carreiras ou mais. Deve-se utilizar fio fino.

Rendas valenciennes

Na velha França, onde a arte mais requintada ditou ao mundo seu gosto delicado e culto, estes trabalhos de *lingerie* eram cegos e muito apreciados pelas fidalgas castelãs. Colchas, toalhas e panos eram confeccionados com retalhos variados de rendas antigas, tendo alguns ainda finos bordados à mão em cambria ou batista. Das touces bretãs, verdadeiras joias de renda, confeccionavam peças para a aristocracia e não havia noiva rica ou trasonada que não levasse em seu enxoval essa preciosa e valiosa prenda.

Este trabalho, feito com restos de renda fina, pode dar-nos uma idéia da delicada beleza da obra. Ele pôde ser executado com facilidade pelas nossas leitoras que tenham em sua cesta de costura retalhos de renda e pedaços de bordado fino.

TRABALHOS
MANUAIS





AQUI ESTÁ EM FAMÍLIA, JÁ DOMICILIADO NA AMÉRICA. O PRIMEIRO REPRESENTANTE DA ÍNDIA, SENHOR GIRDA, ACOMPANHADO DA ESPOSA E DE TRÊS DOS SEUS CINCO FILHOS. A SALA DE VISITAS ONDE SE ENCONTRAM, SÓ FAZ LEMBRAR A TERRA DE ORIGEM, PELAS VESTIMENTAS FEMININAS.

Agora que a Índia adquiriu, de subito, maior evidencia com as atividades de guerra que passam a desenvolver-se dentro de seus territorios, é curioso assinalar o fato de só recentemente os Estados Unidos terem recebido, oficialmente, o seu primeiro representante diplomatico. De fato, Sir Girdar Bajpai chegou à America precisamente ha um ano, onde, após a entrega de suas credenciais, procurou instalar-se. Logo a reportagem yankee procurou saber si essa familia indiana iria conservar seus habitos, costumes e seu ritual na terra de Tio Sam, onde tudo é tão diferente. Na Índia, ha ainda a assimilação mais profunda, em moldes classicos, milenares e irremoviveis, ao passo que na America, essa familia, oriunda de um tronco multi-secular, tudo se passa e todos vivem de um modo inteiramente novo. Nem todos os diplomatas dos lugares assim caracteristicos tem sabido adaptar-se à liberalidade e a esse feitio jovial, dir-se-ia que adolescente e aparentemente frivolo, mas muito comodo, dos norte-americanos.

Mas o certo é que Sir Girdar Bajpai sentiu-se à vontade e aderiu, senão inteiramente, em grande parte. Ele e a familia, constituída da senhora e cinco filhos.

Na qualidade de agente geral da Índia, Sir Girdar exerce, em Washington, grandes responsabilidades. Ele representa, na verdade, o Governo Inglês da Índia, sendo enorme, pois, a sua tarefa para resolver, na America, os graves problemas da atualidade. Mas não foi apenas o diplomata, *druide* do homem de altos negocios, que se adaptou aos costumes americanos, porque toda a familia o acompanhou nessa atitude tão simpática aos filhos da grande nação. Todos vivem, agora, numa imponente mansão georgiana, abrindo os salões à sociedade local, ao corpo diplomatico, às autoridades do país, com a mesma displicencia e natu-

Os Primeiros diplomatas da Índia nos Estados Unidos

A SENHORA BAJPAI E DUAS FILHAS, CONSERVAM OS TRAJES DE SEU PAÍS NATAL.

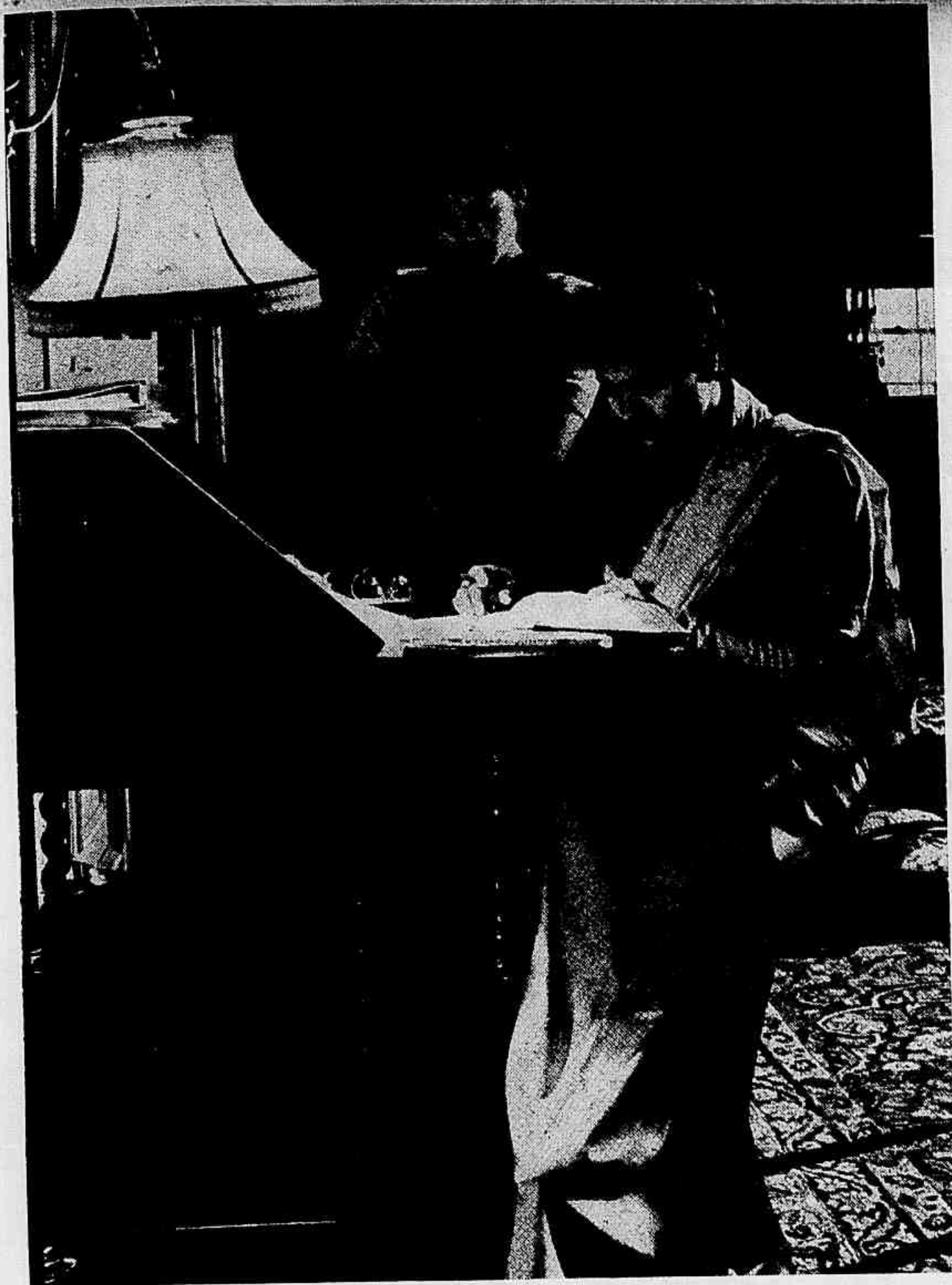


BHAGWATI E SUA PRECIOSA COLEÇÃO DE FRASCOS, POR ELA SELECIONADOS.



A SALA DE JANTAR COM A MESA POSTA PARA A REFEIÇÃO DA FAMÍLIA. SIMPLES E DISCRETA.





AS DUAS FILHAS DO SENHOR GIRAR: KRISHNA E BHAGWATI, QUE SE ALISTARAM NO SERVIÇO VOLUNTÁRIO DA MULHER AMERICANA. HOJE, SÃO DUAS PERFEITAS "YANKEES" E ATÉ PRATICAM ESPORTE!

realidade que o fazem os próprios *yankees*. Nesse, mansão, naturalmente, devem ser muitas as recordações da pátria distante, até no vestuário. O único detalhe que a senhora Bajpai e suas filhas timbraram em conservar foi o do vestuário, não abandonando os suntuosos saris em brocado ou em sedas ricas. O agente indiano procurou também dar aos filhos mais moços uma educação tipicamente americana, convencido de lhes facultar maiores possibilidades de êxito na vida. Os filhos estão ainda na escola, enquanto as filhas trabalham numa repartição americana.

As duas mais velhas, Krishna e Bhagwati, alistaram-se recentemente no serviço voluntário da mulher americana onde têm prestado serviços inestimáveis. Quando em serviço, trocam, excepcionalmente, a sua indumentária típica pelas roupas da terra onde vivem e tornam-se ainda mais simpáticas aos nativos. Também a senhora Bajpai as



LEMBRANÇAS DA INDIA. OS CLASSICOS ELEFANTES DOURADOS DE TROMBAS RE-TORCIDAS PARA CIMA.

acompanha nessas obras de assistência social por motivo da guerra. Não faz muito tempo, ela foi vista vendendo bonus em um simples festival de caridade, onde se encontravam as esposas dos embaixadores credenciados em Washington.

Uma peculiaridade da filha mais moça, Bhagwati, consiste em colecionar frascos de essências. O presente de sua maior predileção é um vidro de perfume. E por motivo de seu mais recente aniversário, conseguiu reunir todos os frascos que se vêem em uma das gravuras desta página. A irmã estuda desenho. Prontificou-se, de uma vez, a posar para um filme mas não chegou a realizar esse objetivo porque os pais a demoveram de semelhante propósito.

Quando terminar a guerra, e só então, a família Bajpai voltará para a Índia. Mas a educação dos filhos continuará sendo feita, à moda ocidental, nos colégios norte-americanos.

Copa e cosinha

Mme. Risoleta



Quem não teria apetite com um mestre cozinheiro como Rita Hayworth a famosa modelo da Columbia?

TEMOS procurado nesta secção fazer qualquer coisa de útil e mais prática, não dando só receitas culinárias, coisa hoje fácil de obter, e também quasi inútil pela falta do elemento essencial. Assim, demos uma porção de receitas de sopas substanciais e que podem ser feitas sem carne, bem como entradas pela questão das vitaminas na alimentação diária; também juntamos conselhos às donas de casa, referentes a arranjos de copa, cosinha, mesas de jantares, chás; preceitos e conselhos úteis. Atenderemos com prazer qualquer pedido feito a esta secção para podermos, assim, seguir de mais perto os interesses das nossas leitoras. Acrescentamos ao nosso programa culinário de hoje uma receita útil e gostosa, e ainda alguns conselhos práticos às donas de casa, para ajuda-las no esforço de economia doméstica, arte absolutamente necessária nos atormentados dias que correm.

"ENTRADAS" PARA REFEIÇÕES DE CERIMONIA

E' o que os franceses, mestres da culinária *raffinée*, chamam *Hors d'oeuvre*, e consta de um prato estimulante, feito para abrir o apetite e que é servido como primeiro prato. E' quasi sempre um prato leve, esquisito e fino, como ostras cruas com limão, anchovas em azeite, caviar etc.

Vamos apresentar algo muito delicioso, e que é uma excelente e delicada *Entrada*.

OVOS A LA SORCIERE

Ponha a endurecer 5 ovos. Enquanto os ovos estão cosinhando, pique bem fininho o centro mais tenro de um repolho, passe ligeiramente em água fervendo e ponha a escorrer. Rale 6 rabanetes descascados, faça um molho de vinagre, azeite, sal, pimenta e um dente de alho socado. Mergulhe neste molho o rabanete ralado, depois o repolho. Retire do fogo os ovos, descasque-os e parta com cuidado ao meio, retire as gemas, esmague-as bem juntando-lhes 1 pitada de sal, 1 de mostarda, 1 colher de manteiga e salsa picada bem miuda; amasse e com esta massa encha as fôrmas de clara pondo sobre cada qual uma azeitona.

Arrume numa travessa, o repolho no centro de um lado, do outro o rabanete, ao redor ponha rodela de tomate e sobre cada uma delas um lado do ovo recheado, e entre cada qual um galhinho de salsa, e um pedacinho de pickles.

CONSELHOS PRATICOS

LIMPAR OBJETOS DE COURO FINO: — Para limpar as manchas do couro, aplique à parte manchada uma clara de ovo com uma boneca de algodão, depois que a clara estiver seca pode dar brilho com graxa como aos sapatos.



A SALA DE VISITAS, COM MOVEIS INGLESES EM COLORIDOS SUAVES E DISCRETOS.



Seis costumes apropriados à nova estação que se vem pronunciando nas tardes frias. Ao alto, da esquerda para a direita: casaco ajustado em tecido de seda grossa ou lã fina; pala suposta apanhada em franzidos com enfeites de botões. Pespontos. — Original casaco com *godet* formando uma pala; o *godet* da pala e gola em setim preto ou do tom do vestido. — Costume $\frac{3}{4}$ que será o modelo da estação, muito ajustado e com grandes botões de fantasia. — Juvenil costume, com uma fita de veludo enfiando na frente. O franzido é repuxado também para a frente. Em baixo, à esquerda: costume com um corte original semi-circular com pespontos. A direita: costume com uma frente recortada, com grupos de nervuras. Na aba do casaco, o mesmo motivo.

LINDO modelo que se denominou *dramatic dress*, ou seja vestido dramatic: blusa simples, apenas com dois bolsos altos semi-circulares incrustados, com botões dourados em tom ouro-velho; saia drapeada suspendendo à esquerda, fita larga na cintura em cor contrastante. Um broche e um fio de perolas apenas. Para completar o conjunto, chapéu venesiano na cor do cinto.



PARA A NOVA
Estação

RADIO

INDESEJAVEL COMPANHIA

DJALMA MACIEL

HOJE, que os jornalistas brasileiros estão, como nunca, nas cogitações da benevolência governamental e, ao que se diz, preparam-se grandes realizações em seu proveito: agora, que a A. B. I. reafirma o seu prestígio e o Sindicato, no âmbito representativo oficial, cresce de importância política, vem muito a propósito a repetição de duas perguntas formuladas, desde há muito, pelo interesse e pela curiosidade da classe: — por que foram incluídos os locutores de rádio entre os trabalhadores que formam o quadro do Sindicato dos Jornalistas? Que ponto de contato existe entre um papagaio de microfone, simples repetidor de escritos alheios e o indivíduo que rabisca artigos, crônicas ou notícias para os jornais? É grande a diferença de uma para outra função. Mas, já houve quem procurasse explicar a promiscuidade com o argumento de que ambos — jornalista e *speaker* — trabalham com o mesmo objetivo de difusão cultural e de informação. A' época em que se estabeleceu essa camaradagem associativa, os jornalistas mal haviam adquirido a consciência sindical. Dispersivos e desunidos, como os bolinas, receberam os locutores com displicência bem educada, achando até uma certa graça na póse enfatuada dos novos companheiros. Por isso — só por isso — não protestaram. Com o correr do tempo, entretanto, foram estranhando a simbiose trabalhista. E daí surgiram aquelas perguntas...

Não sei se os locutores, de sua parte, também estranharam; o fato é que nunca deram a devida assistência às coisas do Sindicato e, com poucas exceções, sempre foram meus pagadores das mensalidades. Pelo menos nisto mostraram-se sinceros pois, suas reivindicações funcionais não coincidem, de maneira nenhuma, com o interesse dos



IARA SALES É, SEM FAVOR, UM DOS NOSSOS MELHORES ELEMENTOS DE RADIO-TEATRO. MAS POUCOS SABEM QUE IARA SALES TAMBÉM JÁ PISOU O PALCO, EMBORA EM ESPETÁCULOS DE AMADORES, MAS AMADORES DE CLASSE, FAZENDO, COM MUITA PROPRIEDADE, A PROTAGONISTA DE "LEONOR DE MENDONÇA".

outros! Não coincidem em referência a horários, nem sobre efetividade, uma vez que a maioria dos *speakers* está sujeita às renovações de contratos, trabalhando, portanto, em caráter precário. Mas, o des-cordo maior entre as duas classes é o da mentalidade dos seus componentes. Um locutor de rádio que se prese e que saiba manter o fogo sagrado do pernosticismo profissional, evidentemente não pode sentir à vontade num ambiente onde os mais cultos e famosos articulistas tratam de igual para igual revisores e fotografos seus companheiros de lutas no jornalismo... Acostumado ao end:usamento burato dos pobres de espírito, julga-se merecedor de todas as atenções, de todas as zumbais, considerando-se intelectual pelo simples fato de saber ler... o que nem sempre sabe, realmente.

Assim como há alguns cavalos batizados com o rotulo de jornalistas, também entre os *speakers* de rádio existem varias cidadãs perfeitamente senhores do alfabeto e das normas de boa educação, cuja presença no Sindicato dos Jornalistas não o desdoura. Porém, exceções não fazem regras e mais vale sacrificar o prazer intelectual e social da convivência de um Celso Guimarães, de um Saint-Clair Lopes, de um Homero Bruce,

O último discurso

(Continuação da pág. 15).

Dr. Guedes entrou com passo firme à força de energia sorriu, fez a mesura do estilo: — "Minhas senhoras! Meus senhores." — e folheando os seus manuscritos começou a falar em voz fraca espalmando no ar a mão direita enquanto a esquerda carregava as vinte e seis tiras do papel almaço.

O seu primeiro discurso não o comovera tanto. E' que ele agora julgava-se esquecido per. ido da memória dos seus contemporâneos e daquelas gerações que tinham sucedido à sua, com menos brio e piores armas. Agora estava consolado: o Instituto lembrava-se e o Instituto valia tudo!

Com as condecorações reluzindo-lhe no peito magro e fundo o Dr. Guedes procurava dar gravidade ao gesto e sonoridade à voz; mas os óculos descaiam-lhe a vista saltava-lhe e a palavra perdia-se em um som rouco e débil. Ele mal percebia tudo isso, ap. oitava-se da luz, sustinha com os dedos trêmulos o aro de ouro aos óculos... E as filhas choravam, constrangidas muito caladas, engulindo as lágrimas.

Quasi no fim, em um dos seus melhores períodos em que idéias e palavras desabavam com fragor de catadupa, ao esboçar um gesto, o doutor Paula Guedes estacou, abriu os dedos e deixou voar para o chão as tiras do seu discurso. Acudiram todos; receberam-no nos braços, deitaram-no no seu grande leito de peroba, e, quando olharam de perto para o seu rostinho lívido viram que das suas pupilas fundas a última mosquinha de ouro tinha partido, como a última abelha do calix de uma flor murcha.

Então, a mais calma das filhas reuniu as tiras esparsas ao último discurso do pai, dobrou-as e meteu-as carinhosamente no bolso da casaca, tal e qual como se ele, em vez de ter de ir para o cemitério, tivesse de ir para o Instituto!

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
SPEC. GUILHERME ELOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Bríg. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pede enviar-me prospecto:
NOME _____
ENDEREÇO _____

e de poucos outros, a ter que assistir, por força de congregamento legal, à repetição de uma cena idêntica à que se verificou no dia das últimas eleições naquele órgão classista. A própria Lei Sindical estabelece que o sócio em atraso de mensalidades só poderá votar quando satisfeito esse pagamento até a véspera do pleito. Nesse dia, regorgitava o Sindicato dos Jornalistas de associados, entre os quais muitos ilustres escribas da Imprensa diária, quando ali surgiu conhecido e "festejado" *speaker* de futebol. O homenzinho jamais pagara suas mensalidades, como jamais frequentara a sede. Entretanto, quiz votar. Assinou o livro da ata; passou a pretensa "importância" pelos corredores e virou féa quando foi informado de que não poderia cumprir o seu desejo. Enquanto varios jornalistas de nome e de conceito, situados na mesma contingência, retiravam-se, conformadamente, o "genial" "papagão", de microfone ameaçava céus e terra, mostrando boladas de dinheiro — "o meu dinheiro, que dá até para pagar 30 anos de mensalidades, se preciso for..."

Por esta e outras é que as velhas "laranjas" do jornalismo profissional preferem ir sosinhas pelo rio abaixo!...

AVULSAS

Hugo del Carrill está no Rio, ofereceu *cocktail* aos jornalistas e à sociedade carioca, apresentou-se no Atlantico, mas... nenhuma estação de rádio o contratou até serem redigidas estas notas.

Os anuncios em gravações... Ah, que calamidade! Não são suficientes as avalanches de anuncios em certas horas do dia — e da noite também? Em Buenos Aires, as autoridades resolveram proibir as gravações de anuncios, principalmente as cantadas. E aqui?

Em Porto Alegre, a Farroupilha está irradiando as radifonizações de filmes que Celestino Silveira apresentou na Mayrink. Nests ultimas semanas, aquela emissora gaucha divulgou *Quatro Filhos, A Grande Mentira, As Cinco Côvas do Egito e O amor que não morreu*...

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA
EM TODO
O BRASIL

EXTRACTO
Nº 1210 C/CX.
Nº 1217 C/CX.

T. THARQUINO

SABONETE
Nº 1280

BRILHANTINA
Nº 1212

PO Nº 1250

Nº 1200-F
Nº 1201-F
Nº 1202-F

EXTRACTO
Nº 1211 C/CX.
Nº 1211 S/CX.
Nº 1211-M



DOIS COSTUMES PARA AS COMPRAS, UM "EM POIS", OUTRO ESTAMPADO, UM COM UM JABOT DE RENDAS, O OUTRO COM A GOLA DE PIQUE E FLORES DE ORGANDA E RENDA.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

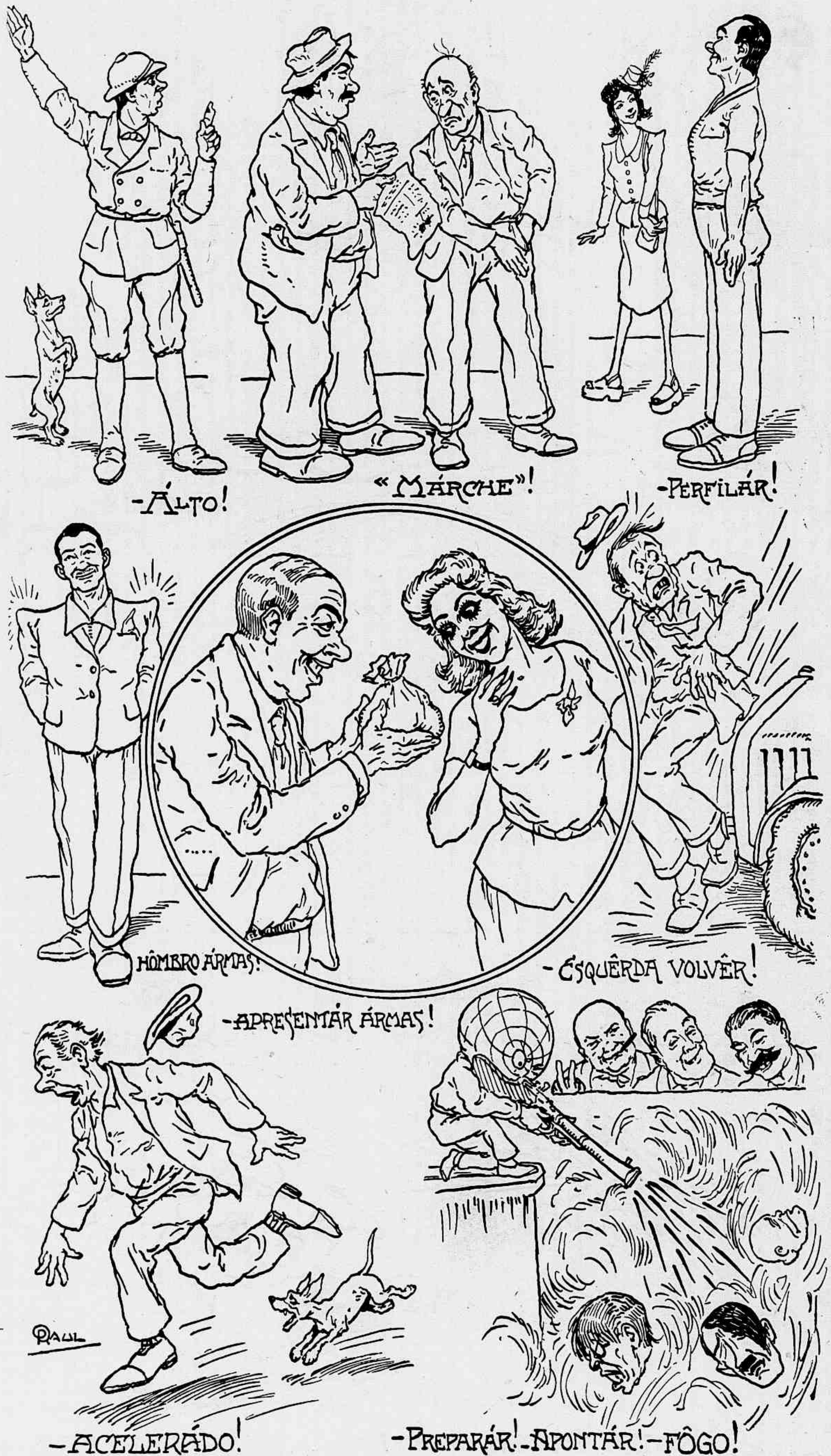
Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

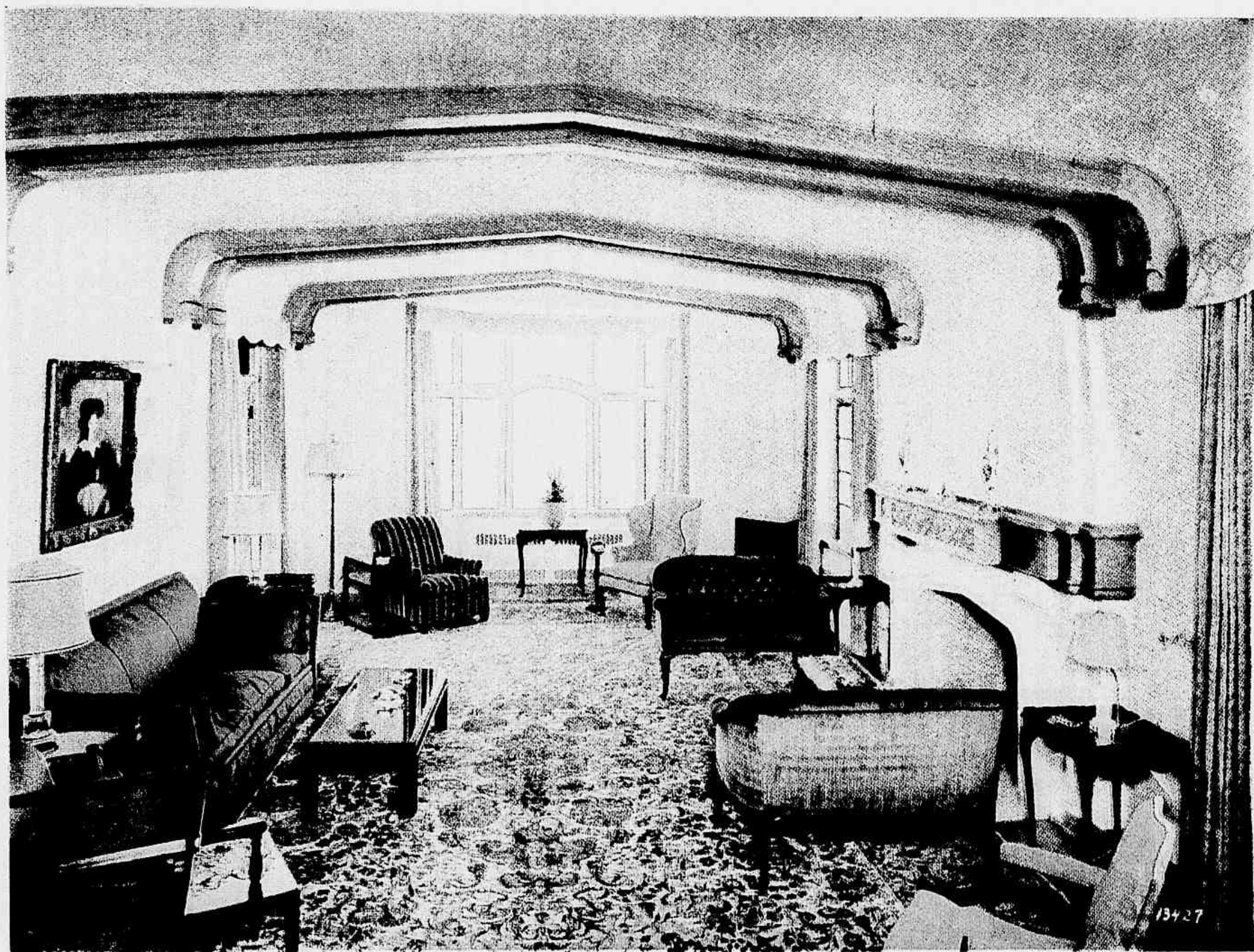
Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e cada volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Comandos





LIVING-ROOM

Outro exemplo do bom aproveitamento do "bric-à-brac" apresentamos hoje aos nossos leitores, constituído por este moderno "living-room", localizado à frente de uma ala de um palacete. O teto em arcadas simétricas muito bem se presta ao melhor efeito do mobiliário, que apresenta vários estilos e motivos os mais diversos. Candelabros do século passado ao lado de poltronas moderníssimas, dispostas sobre um belo tapete oriental contemporâneo da invasão moura.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

AGUARDEM OS MEZES DE MAIO E JUNHO
E APROVEITEM OS PREÇOS ESPECIAIS DURANTE A

TRADICIONAL VENDA ANUAL
DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO.



SERÁ POSSÍVEL QUE VÃO RACIO- NAR TAMBÉM A MAIZENA?

... *ε* é justa a sua preocupação, pois sua pequenina inteligência em formação, já lhe permite compreender que isso representaria a falta de sua "segunda mamãe".

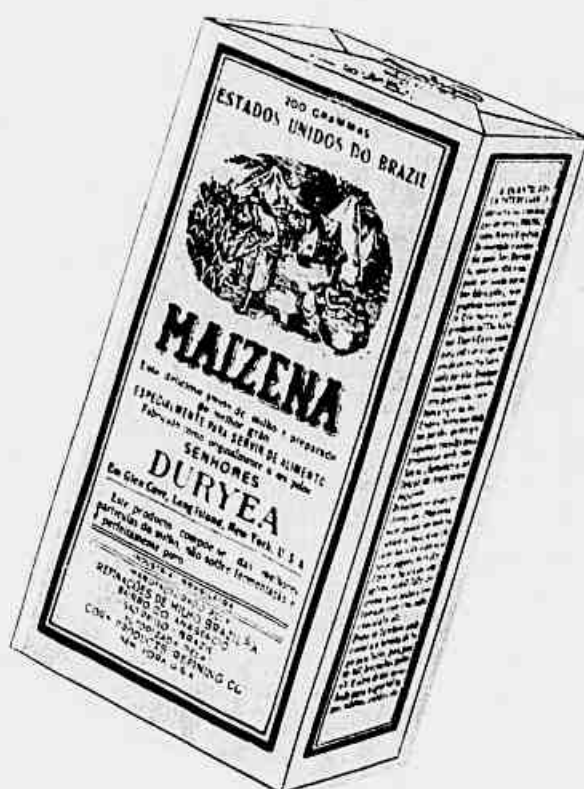
Mas a bôa fada, a Menina Índia, não quer que muitas crianças como esta tenham preocupações tão sérias e, vibrando sua varinha mágica, providenciou para que muito milho, amadurecido pelo sol bemfazejo, e devidamente selecionado, fosse reservado para o preparo da insubstituível



MAIZENA DURYEA

Não se preocupem, pois, crianças do Brasil — a sua alimentação nutritiva e sadia está garantida e vocês poderão crescer fortes e robustos para, num futuro risonho, cumprirem o seu dever de bons brasileiros.

**MAIZENA
DURYEA**



Há quasi um século
alimenta o mundo.